

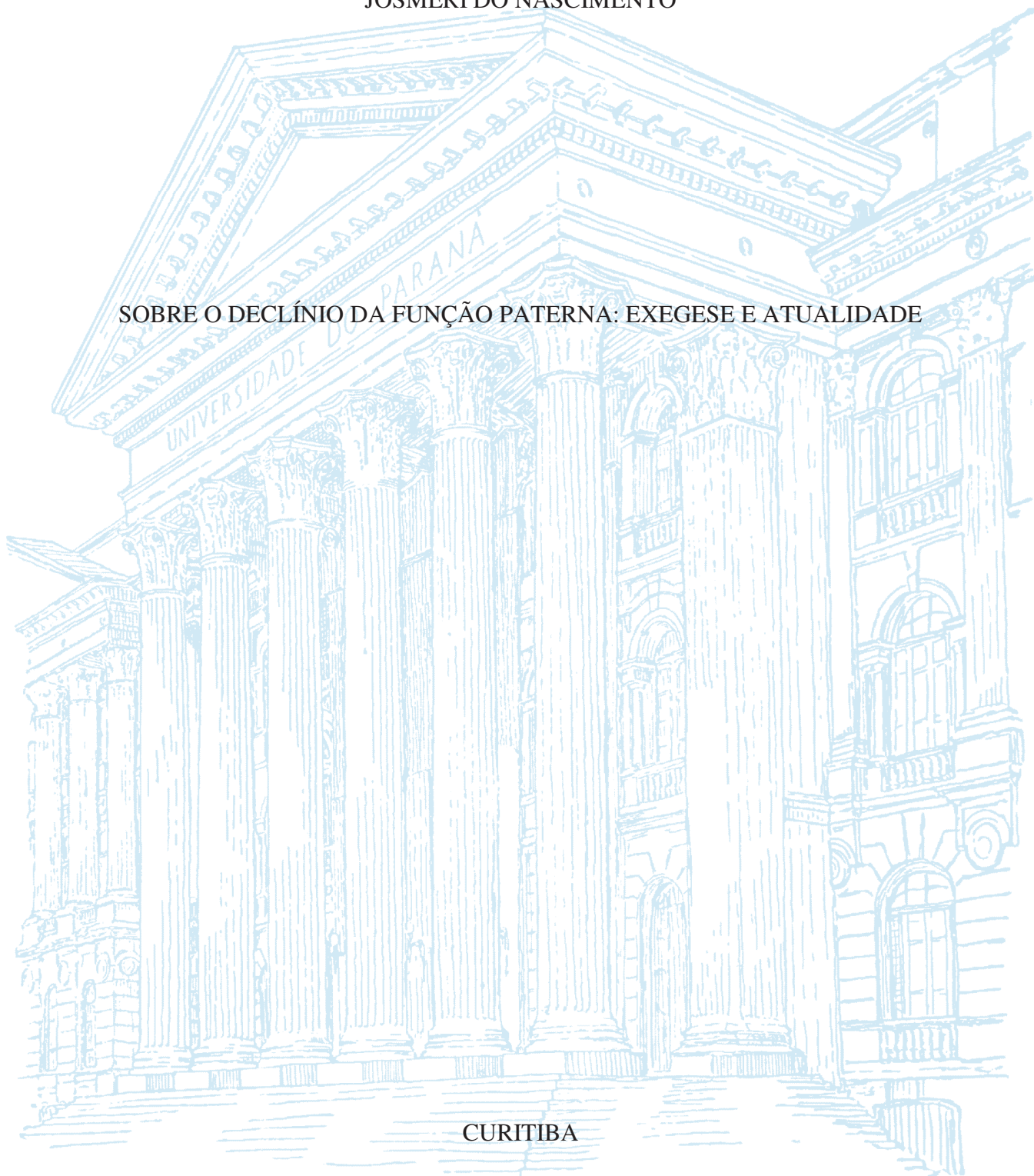
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSMERI DO NASCIMENTO

SOBRE O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: EXEGESE E ATUALIDADE

CURITIBA

2019



JOSMERI DO NASCIMENTO

SOBRE O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: EXEGESE E ATUALIDADE

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof.^o Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Nascimento, Josmeri do

Sobre o declínio da função paterna : exegese e atualidade. / Josmeri do
Nascimento. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso

1. Figura paterna - Declínio. 2. Subjetividade. 3. Psicanálise. I. Título.

CDD – 155.6462



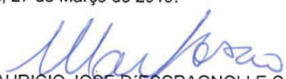
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JOSMERI DO NASCIMENTO**, intitulada: **SOBRE O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: EXEGESE E ATUALIDADE**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2019.


MAURICIO JOSE D'ESCRAGNOLLE CARDOSO
Presidente da Banca Examinadora


NADIR LARA JÚNIOR
Avaliador Externo (USP)


ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pacientes. Vocês despertaram as primeiras fagulhas, os primeiros desejos relacionados ao tema desta dissertação.

Ao meu orientador Profº. Dr. Maurício José D'Escragnolle Cardoso, pela grande oportunidade a mim concedida. A psicanálise e a docência são ainda mais belas através de olhos tão entusiastas. Agradeço pela liberdade de escrita tão cara neste momento especial da vida acadêmica no Brasil.

Ao Profº. Dr. Nadir Lara Junior por estar ao meu lado neste percurso particular de minha vida. Suas orientações e disponibilidade foram fundamentais. Agradeço imensamente sua confiança ao redigir em parceria meu primeiro artigo científico.

À Profª. Drª. Rosane Zétola Lustoza pela presença e importantes contribuições à minha pesquisa.

À minha família, em especial aos meus pais José e Maria (*in memoriam*) que sempre incentivaram meus estudos. Ao meu irmão Irineu pelo ouvido atento em todas as horas.

À minha querida amiga Elizabete que me apoiou desde o início desta empreitada dedicando seu tempo e seu carinho a ler minhas linhas.

À amiga Camila que desde o nosso primeiro encontro acolheu-me em sua vida. Sua participação foi certa na minha prova de ingresso ao mestrado. Tenho convicção de que suas instruções foram fundamentais para que eu pudesse estar entre aqueles que receberam uma bolsa de estudos. Para além dos temas acadêmicos pudemos compartilhar afetuosamente o que a vida nos reservou.

Aos meus queridos amigos e amigas com os quais tive oportunidade de conviver durante o mestrado. Digo sempre que os amigos são os nossos irmãos escolhidos. Trabalharam comigo, estiveram presentes em momentos especiais, marcando com traços profundos meu coração. Um reconhecimento especial à Caroline, Iara e Arisangeli. A presença de cada uma tornou-se fonte de alegrias, motivação, aprendizado e perseverança. Em um ano tão conturbado, estar com vocês acalentou minha alma. Levarei a amizade de cada uma para toda a minha vida!

Um agradecimento especial a Israel que com suas palavras afetuosas e seu carinho revigoraram-me nos momentos mais difíceis.

À tous mes amis et collègues français. Je voudrais tout particulièrement vous remercier de votre aide et ferme soutien.

Aos meus alunos de psicologia e de francês com os quais dividi meu conhecimento e expectativas.

À abnegação de Jacqueline ao doar seu tempo na leitura, apontamento e correções tão importantes quanto o conteúdo deste trabalho.

Aos amigos e amigas que direta ou indiretamente compartilharam de seu tempo, seu conhecimento e seus afetos. Minha profunda gratidão!

Aos professores e funcionários da UFPR pelo carinho e respeito com os quais me acolheram apresento-lhes meu sincero reconhecimento.

A Capes pelo financiamento desta pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná por viabilizar a sua realização.

Finalmente, meus agradecimentos a todos os autores e autoras sobre cujos temas me debrucei a estudar com prazer, com os quais compartilhei horas, dias, meses. Pude ter o privilégio de ler textos originais graças ao desprendimento que a educação propiciou. Meu mais profundo respeito pelas suas produções.

Dois garotos caminham pela rua com as suas mochilas nas costas, rumo à escola. Um pergunta para o outro, “como vão teus pais?”, ao que o outro responde “quase todos bem.”

(BASSOLS, 2005)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo concernir a tese do declínio da função paterna enunciada pelo psicanalista Jacques Lacan. O cenário de um declínio relacionado à figura paterna por si só demonstra a relevância teórica do estudo do tema. Ademais, a enunciação por parte de psicanalistas atuais de uma formulação de 1938 tem sido veementemente marcada, e apontada por comentadores como impactante tanto no campo teórico (corpo teórico e de ensino) quanto no campo clínico (direção de cura). Para alcançar nosso objetivo, analisamos a origem da tese no texto *os Complexos familiares* bem como o trabalho de alguns autores que consideramos estratégicos nessa produção lacaniana. A seguir, investigamos uma possível elaboração do declínio da função paterna em Sigmund Freud a partir do texto *Totem e Tabu*. Por fim, refletimos a respeito do declínio da função paterna na visão de psicanalistas atuais, para tanto elencamos Charles Melman e Jean Pierre Lebrun e o livro *O homem sem gravidade*. Constatamos que não há uma unanimidade por parte dos psicanalistas atuais em relação à tese do declínio dividindo-se entre duas correntes de pensamento. A corrente mais divulgada na atualidade estabelece uma conjunção entre o declínio da imagem social do pai e o declínio da função paterna. Em decorrência do contato com o tema, tecemos algumas considerações éticas em relação a esta concepção da tese do declínio social da imago paterna na atualidade.

Palavras-chave: Função paterna. Psicanálise. Declínio social da imago paterna. Constituição da subjetividade. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The present work aims to define the thesis of the decline in the paternal function developed by psychoanalyst Jacques Lacan. The scenario of a decline related to the paternal figure alone demonstrates the theoretical relevance of the study of the theme. Furthermore, the enunciation by practicing psychoanalysts of a formulation of 1938 has been vehemently marked, and identified by pundits as impacting both the theoretical field (theoretical and academic body) and in the clinical field (direction of treatment). To achieve our purpose, we analyzed the origin of the thesis in Family Complexes as well as the work of authors that we consider strategic in this Lacanian production. Next, we investigated a possible elaboration of the decline of the paternal function by Sigmund Freud in his book *Totem and Taboo*. Finally, we reflected on the decline of the paternal function from the perspective of current psychoanalysts, for which we chose Charles Melman and Jean-Pierre Lebrun and the book *Man without Gravity*. We found that there is no unanimity among current psychoanalysts about the thesis of decline, being divided between two currents of thought. The most popular current attests to a conjunction between the decline of the social image of the father and the decline of the paternal function. As a result of the contact with this theme, we have made some ethical considerations on this understanding of the theory of the decline social of the paternal imago today.

Key-words: Parental function. Psychoanalysis. Declines of the social image of the father. Constitution of subjectivity. Contemporaneity.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	OS COMPLEXOS FAMILIARES EM LACAN	16
2.1	A ORIGEM DO TEXTO	16
2.2	INCURSÃO NO ARTIGO	20
3.	INFLUÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE DO DECLÍNIO	51
3.1	ÉMILE DURKHEIM E A FAMÍLIA CONJUGAL	51
3.2	MAX HOKHEIMER E O DECLÍNIO DA AUTORIDADE	55
3.3	ÉMILE MEYERSON E A IMAGO	59
4.	O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM FREUD	66
4.1	O MITO	66
4.2	O PAI DO DESAMPARO	67
4.3	DO PAI DA NORMATIZAÇÃO AO PAI QUE DIRECIONA O DESEJO	69
5.	DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE O DECLÍNIO	74
5.1	SOBRE O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE	79
5.2	TESE DO DECLÍNIO EM DUAS CORRENTES DE PENSAMENTO	82
6.	PECULIARIDADE DO DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS	82
6.1	CHARLES MELMAN E A MUTAÇÃO CULTURAL	83
6.2	APAGAMENTO DE LIMITES	86
6.3	O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM LEBRUN	87
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
8.	REFERÊNCIAS	102

1. INTRODUÇÃO

Muitos consideram a pesquisa conceitual como um exercício puramente epistemológico, entretanto, a experiência de pesquisa em psicanálise revela o interesse teórico da pesquisadora completamente implicado com a prática clínica.

O presente estudo é fruto de nossos primeiros passos no atendimento clínico na linha psicanalítica. Mais precisamente, é fruto de questionamentos teórico-clínicos originados a partir do atendimento à população de uma rede de escolas privadas. Nossa escuta nesse contexto está direcionada a alunos de Ensino Médio que de forma espontânea ou através de encaminhamentos de profissionais das instituições, chegam ao consultório para um acompanhamento psicológico.

Durante os atendimentos em consultório as questões apresentadas pelos pacientes em sessão se desenrolam para além do palco escolar, escancarando o mal-estar com a vida, revelando conflitos associados ao corpo, à intensa apatia no viver, ao tédio. Corpos, que não raro, se mutilam para ter novamente uma nesga de vivacidade, reviver uma intensidade de emoções. Corpos que, outrora tímidos, se expõem para serem vistos, comentados, “curtidos”, desejados nas mídias sociais. Corpos para fazer afronta, para se fazer amar ou odiar pelos semelhantes ou por alguma figura de autoridade.

Como ponto relevante, pudemos constatar a proeminência das figuras parentais na queixa clínica. Apesar das queixas diferenciadas, os pacientes ao falarem de seus sintomas, em algum momento, fazem referência aos seus pais ou a alguém que deles se ocupa fazendo essa função, quer ainda exista ou não. No centro da queixa clínica sempre há este Outro, figura capital para a qual, inúmeras demandas são dirigidas. Figura para a qual são direcionados amor e ódio, figura de confronto e destituição, questionada em seu poder, em sua eficácia, em sua potência, em sua falha, em sua suposta nulidade. Mesmo sua ausência, imaginária ou real, coloca em evidência seu lugar no discurso do sujeito, o lugar da falta.

As narrativas dos pacientes oscilam, ora centradas na descrição de fatos vividos especificamente com algum componente da família, ora no modo de funcionamento desta. O sujeito em sessão se depara com uma dor e sofrimento, muitas vezes inexplicáveis, resul-

tantes dessa relação “familiar”¹. Dores que resistiram ao passar do tempo, e que ao invés de se atenuarem ou extinguírem, emergem agudas no momento do relato.

Não podemos deixar de assinalar como cada paciente, ao elaborar sua noção de família, se apoia em uma construção muito particular, uma construção tão particular que nem sempre conseguimos associar a família descrita em sessão à família com a qual em algum momento tivemos contato, como se estivéssemos diante de uma família ficcional. Ao mesmo tempo, o paciente não raro, estende essa sua noção de família ao espectro de outras famílias, comparando-as, como se houvesse algum elemento comum que permitisse equipará-las.

Ao pensarmos na família como uma complexa “trama”² de relações ressaltamos que o próprio Freud a ela se refere a partir de um romance. Uma ficção pela qual o neurótico ambiciona corrigir uma existência, fantasiando as figuras parentais, ou desejando substituí-las por pessoas mais ilustres, menos falhas. Nas palavras de Lasch: “A mesma criança que despreza seus pais por considerá-los fracos e hesitantes, estabelece vínculos frouxos com eles e relega-os sem dificuldades ao segundo plano de seus pensamentos, conjura em suas fantasias um outro elenco de pais.” (Lasch, 1991, p. 229)

Freud, em toda sua obra afirma a excelência do pai na constituição da realidade psíquica. Pudemos constatar tal excelência pelas mais de 2000 citações à figura paterna na obra freudiana³. Lacan realizando uma releitura crítica dessa produção constata igualmente a importância da função paterna na estruturação do sujeito, no centro da experiência analítica e a interrogação: O que é o pai? “Está colocada no centro da experiência analítica como eternamente não-resolvida, pelo menos para nós analistas” (Lacan, 1956-57/1997, p. 209)

O projeto da presente pesquisa inicialmente visava o estudo dos ditos “novos sintomas”, o setting analítico e o manejo clínico em nossa prática cotidiana. Mas, ao buscarmos a palavra da psicanálise, seu pronunciamento a respeito desses modos de sofrimento depa-

¹ O termo “familiar” pode ser compreendido em suas duas acepções: o que é conhecido e o que é próprio da família.

² Podemos pensar na trama no sentido ambíguo do termo: rede e enredo.

³ O número de citações indicado decorre de uma pesquisa feita por nós a partir da palavra pai sobre os 23 volumes da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Imago, através de um buscador automático. As obras encontram-se para consulta no site: <http://conexoesclinicas.com.br/>

ramo-nos com a associação vigorosa, apontada por psicanalistas e comentadores, entre o advento dos “novos sintomas” e a tese do declínio.

O cenário de um declínio relacionado à figura paterna por si só demonstra a relevância teórica do estudo do tema. Além disto, a enunciação por parte de psicanalistas atuais de uma formulação de 1938 tem sido veementemente marcada e apontada por comentadores como impactante, tanto no campo teórico (corpo teórico e de ensino) quanto no campo clínico (direção de cura). Ao longo de nossa leitura preliminar a respeito do tema do declínio, observamos uma pluralidade de posicionamentos por parte dos psicanalistas na atualidade com relação ao enunciado. Assim sendo, entendemos que é impossível avançar em nossos estudos sobre os ditos “novos sintomas” sem nos debruçarmos sobre a tese do declínio da função paterna.

A tese do declínio encontra-se enunciada em 1938, no texto *Os Complexos familiares* de Jacques Lacan. Um texto cuja origem está baseada em uma necessidade teórico-clínica, uma lacuna na obra freudiana que incitou o autor a refletir sobre a questão fundamental relativa à constituição do eu. Para Lacan, no cerne da constituição psíquica do sujeito e no núcleo da neurose, encontra-se o pai: “Nossa experiência leva-nos a apontar sua determinação principal [da neurose] na personalidade do pai” (Lacan, 1938/2003, p. 61). O psicanalista sugerirá uma estreita relação entre as neuroses contemporâneas e a figura paterna: “(...) um grande número de efeitos psicológicos parece-nos decorrer de um declínio social da imago paterna.” (Lacan, 1938/2003, p. 61).

Como explicar o emprego na atualidade de um enunciado da década de 30? Para tentar responder a esta interrogação nos propomos voltar às origens. Entendemos que deslindar a partir de quais referências Lacan formula o declínio da função paterna pode fornecer-nos subsídios para a reflexão sobre as premissas de tal enunciado a partir das quais psicanalistas do século XXI o anunciam. É nessa perspectiva que a presente investigação se desenvolve, matizando a problemática por meio de textos específicos.

Frente ao exposto, a presente pesquisa visa como objetivo geral concernir o declínio da função paterna, sua origem e os seus desdobramentos na atualidade. Em decorrência do contato com o tema, o objetivo principal desdobrou-se em três objetivos específicos, assim formulados:

- (1) Analisar a origem da formulação do declínio da função paterna em Lacan;
- (2) Investigar uma possível elaboração do declínio da função paterna em Freud;
- (3) Refletir sobre o declínio da função paterna a partir de autores psicanalistas contemporâneos.

Para refletir sobre cada um dos pontos anteriormente explicitados, realizamos uma pesquisa bibliográfica em psicanálise. A psicanálise em extensão foi tomada como estratégia de pesquisa devido às possibilidades de reflexão pelo estudo de textos. Os procedimentos realizados encontram-se, portanto, alinhados a partir da metodologia bibliográfica.

Para realização desta pesquisa lançamos mão de textos de psicanalistas buscando a partir da leitura de cada texto refletir sobre as questões formuladas. O primeiro texto investigado é de autoria de Jacques Lacan, *Os Complexos familiares na formação do indivíduo. Ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938/2003). O segundo texto a ser examinado, *Totem e Tabu* (1913-1914/1996), de autoria de Sigmund Freud, e finalmente *O homem sem gravidade* (2003) de autoria de Charles Melman e Jean Pierre Lebrun, psicanalistas que retomam na atualidade o tema do declínio.

Para tanto, no primeiro capítulo iniciamos discorrendo sobre a origem do texto *Os Complexos Familiares* de Jacques Lacan datado de 1938. Em seguida, propomos ao leitor uma incursão sobre essa produção lacaniana, linha a linha, destacando tematicamente as peculiaridades do texto a partir de nossa leitura. Focamo-nos na primeira parte do texto na qual a tese do declínio é enunciada, cabendo à segunda parte um breve resumo, tendo em vista que neste momento não nos atemos ao estudo da psicopatologia.

Acreditamos que um trabalho sobre a retomada de uma tese como esta não pode eximir-se de uma investigação quanto aos aportes teóricos utilizados para sua elaboração. Pela indicação de referências ser tão rara na obra lacaniana, consideramos pertinente para o desenvolvimento de nosso objetivo ao longo do segundo capítulo buscar nas formulações de autores citados neste texto, bem como em outros, contemporâneos ao jovem Lacan, possíveis subsídios para a construção da tese do declínio.

Constatamos que o pai constitui-se personagem proeminente na produção de Freud tomando-se em conta o seu papel primordial na constituição do sujeito. Por essa razão o terceiro capítulo é dedicado a uma apresentação do texto *Totem e Tabu* de Sigmund Freud.

Tal escolha não se deu ao acaso. No esplêndido texto de Sigmund Freud inspirado pelas obras de Charles Darwin, James Jasper Atkinson e Robert Smith, o psicanalista apresenta o mito do parricídio original através do qual busca responder questões relativas à origem, tanto da emergência das massas quanto da psicologia individual. Iniciaremos o capítulo por um breve relato do mito para em seguida refletir sobre uma possível tese de declínio pelo autor.

No quarto capítulo abordaremos o tema do declínio na atualidade, introduzindo-o para na sequência, apresentar uma breve contextualização sobre a subjetividade, as características dos sintomas e a cultura atuais. Finalmente, no quinto capítulo, delinearemos a base para a tese do declínio da função paterna desenvolvida por uma corrente de psicanalistas contemporâneos representados no presente trabalho por Charles Melman e Jean Pierre Lebrun. Tais autores possuem uma obra considerável na direção de refletir sobre questões atuais relacionadas à psicanálise e o tema do declínio da função paterna está contemplado.

No meio universitário, ao se apresentar uma questão pressupõe-se uma resposta. Entretanto uma pesquisa em psicanálise não está afeita a este tipo de resultado sob o risco de que ocorra uma restrição de sentido. A pesquisa em psicanálise não se sustenta em uma resposta, o saber em psicanálise não nos direciona para uma verdade, no entanto, a partir das questões permite-nos estabelecer algumas construções mesmo que parciais.

2. OS COMPLEXOS FAMILIARES EM LACAN

Neste primeiro capítulo debruçaremos sobre o texto básico desta dissertação tendo em vista nosso objetivo de analisar a origem da formulação do declínio da função paterna em Lacan. Para tanto, no primeiro subcapítulo apresentaremos a origem do texto lacaniano, “Os Complexos Familiares na formação do indivíduo. Ensaio de análise de uma função em psicologia”, datado de 1938. No segundo subcapítulo, apresentaremos o texto propriamente dito.

2.1 A ORIGEM DO TEXTO

Jacques Lacan, jovem psiquiatra e psicanalista, amante da filosofia e da literatura. Em 1928 inicia seu trabalho como médico residente interno da Enfermaria Especial para alienados da Chefatura de Polícia, dirigida por Caëtan Gatian de Clérambault. Nesse local, em 1931, após examinar Marguerite Pantaine, que havia tentado assassinar a atriz Huguette Duflos, escreve sobre o episódio (conhecido como "Caso Aimée"), uma monografia que está na gênese de sua tese de doutorado. Em 1932 inicia sua análise com Rudolf Loewenstein responsável pela formação de numerosos futuros analistas. Ainda em 1932, Lacan defende a sua tese de doutorado⁴.

Segundo Dunker (2015a) a tese de doutorado em psiquiatria de Lacan de 1932 enseja um intento significativo, compilar duas grandes tradições psiquiátricas - francesa e germânica - às quais interpretam as afecções mentais a partir de pressupostos antagônicos. Lacan depara-se com problemas nas concepções das duas vertentes psiquiátricas ao constatar a carência de uma teoria da personalidade, buscando então respostas na psicanálise e nos estudos freudianos.

Dessa forma Lacan toma contato com as obras de Freud e estabelece igualmente um diagnóstico crítico em relação ao estado da questão da personalidade em psicanálise. A

⁴Para saber mais consultar: Lacan, J. (1915-1981) Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade. Trad. Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

noção da personalidade em psicanálise deriva da noção de narcisismo e o detalhamento de tal conceito se mostra problemático.

Em seu texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* de 1914, Freud constata que o ego não se trata de uma unidade pronta, mas desenvolvida: “posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido.” (Freud, 1914/1996, p.48) Segundo a concepção freudiana para a composição do narcisismo seria necessária uma nova ação psíquica.

Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (Freud, 1914/1996, p.48)

A crítica de Lacan é de que ao aproximar-se do texto constata-se na letra de Freud uma descrição das instâncias e o narcisismo apresenta-se como uma fase obscura entre o autoerotismo e o amor de objeto:

Pensamos que a contribuição de monografias psicopatológicas, tais como a nossa, é essencial a qualquer progresso nesta via, e que só a análise comparativa dos trabalhos deste tipo permitirá esclarecer os estádios de estrutura do obscuro período do narcisismo (Lacan, 1932/1987, p. 259)

Para Dunker (2015a) a psicanálise pleiteia que a imagem tem função importante na constituição do sujeito. Freud em seu texto sobre o narcisismo introduz instâncias ideais (tais como o eu ideal, o ideal de eu) e o termo *bild* (imagem) se torna recorrente. Freud estabelece um conjunto de condições do ato psíquico que se relacionam, em uma articulação entre as instâncias eu ideal e o ideal do eu. Mas, para Lacan, a explicação quanto à maneira como essas instâncias psíquicas se formam não se efetiva completamente. Lacan ao encerrar sua tese de doutorado em 1932, direciona sua pesquisa para a elucidação da estruturação subjetiva.

Zafiropoulos (2014) escreve que a concepção da teoria da estruturação de Lacan visa “[...] suprir as deficiências da teoria freudiana relativa às identificações anteriores ao

Édipo.” (Zafiropoulos, 2014, p. 63, tradução nossa). Nesse sentido, a pesquisa empreendida por Lacan resulta na concepção do estádio do espelho a qual aporta contribuição teórica e clínica à psicanálise: contribuição teórica quanto ao tema da constituição subjetiva e contribuição clínica “na intenção de recuperar o sentido clínico do eu na condução do tratamento psicanalítico” (Boni, 2010, p.83).

O estádio do espelho, portanto, se torna uma etapa importante do sujeito entre seis meses e dois anos e dessa maneira destaca as funções psíquicas decorrentes de transformações derivadas de identificações. Como descrito por Boni (2010), Lacan utiliza como recurso teórico para sustentação de sua concepção os termos complexo e imago (imagem):

É por intermédio do complexo que se instauram no psiquismo as imagens que dão forma às mais vastas unidades do comportamento: imagens com que o sujeito se identifica alternadamente para encenar, como ator único, o drama de seus conflitos. (LACAN, 1936/1998, p. 93).

Durante uma reunião, em 16 de junho de 1936, na Sociedade Psicanalítica de Paris, Lacan realiza sua primeira apresentação da concepção do estádio do espelho. Retoma o tema durante o XVI Congresso Internacional de Psicanálise de Zurich. Entretanto, a publicação do material apresentado não ocorre, não constando das atas do congresso.

O ministro da educação nacional, Anatole de Monzie, relança a Enciclopédia francesa. O historiador Lucien Lebreuve demanda a Henri Wallon (filósofo, médico, psicólogo e político francês) a elaboração de vários textos a ser publicados no volume VIII da enciclopédia sob o título A vida mental. Wallon, por sua vez, solicita ao jovem psicanalista Jacques Lacan a redação de um artigo.

A partir do convite de Wallon, Lacan redige um artigo entre 1936 e 1938 no qual apresenta a sua própria teoria da estruturação subjetiva a partir de três complexos dos quais, o segundo complexo – o complexo de intrusão – retoma a teoria desenvolvida por Wallon por ele apresentada durante um curso ministrado entre 1929 e 1931 na Sorbonne. A concepção é relançada por Lacan, conforme descreve Zafiropoulos:

Esta teoria foi publicada no Jornal de psicologia em 1931-1932 e retomada no capítulo IV de sua obra *As Origens do caráter na criança* (Paris, 1949) intitulado “O corpo próprio e sua imagem exteroceptiva”. Esta concepção é relançada por Lacan sob a noção de estágio do espelho para suprir as deficiências da teoria freudiana relativa às identificações anteriores ao Édipo. Desde 1936, Lacan quis apresentar esta teoria do estágio do espelho, que tem uma importância capital em sua obra, no Congresso de Marienbad. Ele a retoma nos “Complexos familiares” de 1938 e a faz em 1949 o tema de sua comunicação ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise de Zurich (publicado nos *Escritos*, Paris, Seuil, 1966, p.93-100) (Zafiropoulos, 2014, p. 63, tradução nossa).

Em 1938, no texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” são encontrados indícios que possibilitam efetuar uma relação com a concepção a ser apresentada em Marienbad.

A identificação afetiva é uma função psíquica cuja originalidade a psicanálise estabeleceu, especialmente no complexo de Édipo [...]. Mas o emprego desse termo, na etapa que estamos estudando, é mal definido na doutrina: foi isso que tentamos suprir com uma teoria da identificação cujo momento genético designamos pela denominação de estágio do espelho (Lacan, 1938/2003, p.46)

Segundo Zafiropoulos (2014) a estruturação psíquica proposta por Lacan neste texto é intrinsecamente associada às condições sociais, não universais, do edipianismo:

De maneira geral, neste texto, Lacan trata do mal-estar na cultura dos anos 1930 e, contrariamente ao que pode ser dito, ele não se engaja em uma escolha universalista, mas ao contrário em uma concepção da evolução histórica da estruturação subjetiva e das neuroses dependentes da relatividade cultural. O que o conduz a não optar pela universalidade do complexo de Édipo, a imaginar a existência de neuroses organizadas segundo outras lógicas míticas e a considerar que a evolução da estruturação subjetiva depende das condições sociais do edipianismo. (Zafiropoulos, 2014, p.63) (tradução nossa)

Dessa maneira, pela releitura e crítica ao Complexo do Édipo, Lacan inicia um caminho sobre a estruturação do inconsciente pela determinação do social. Jacques Alain

Miller em seu curso Respostas do Real de 1984 ⁵ evoca o artigo Complexos referindo-o como a primeira teoria do desenvolvimento de Lacan, no qual ele escande os três tempos essenciais (os complexos) do desenvolvimento do sujeito a partir de seu contato com um primeiro núcleo social: a família.

2.2 INCURSÃO NO ARTIGO

Neste tópico, apresentamos ao leitor, o artigo Os Complexos familiares de 1938, resultado de uma análise crítica empreendida por Lacan à obra freudiana. Para tanto, seguiremos a ordem dos títulos e subtítulos da própria obra para fazermos nossa apresentação.

A INTRODUÇÃO

A instituição familiar

Se efetivamente o título atribuído pelo autor deve condensar o máximo possível as principais ideias a serem desenvolvidas no texto que segue, pode-se extrair deste subtítulo uma gama de proposições desenvolvidas por Lacan ao longo de seu artigo. Logo no subtítulo atribuído à introdução Lacan nos apresenta a palavra instituição⁶. Palavra de origem latina - institutio,ōnis –significa criação, fundação. Lacan colocará em evidência ao longo de todo o seu texto dos Complexos familiares o fato de que não há nada de natural na união de indivíduos para a geração e sobrevivência da espécie - o que se chama de família. Como um desdobramento do título o subtítulo salienta uma característica fundamental tanto da família quanto de todos os seus componentes, o fato de ser o resultado de uma criação social, e, portanto, ficcional.

Ao consultarmos um dicionário da língua portuguesa (2018) ⁷ à palavra instituição são atribuídos variados significados, dos quais destacamos alguns. O primeiro refere-se à ação de “instituir, de estabelecer, de fundar algo novo”. Vale lembrar que neste momento

⁵ Texto e notas estabelecidos por Catherine Bonningue, a partir de duas lições de A Orientação lacaniana, II, 3, “Respostas do real” (7 & 14 de março de 1984), ensino pronunciado no quadro do departamento de Psicanálise de Paris VIII. Traduzido de “Lecture critique des “complexes familiaux” de Jacques Lacan.”

⁶ Segundo a Enciclopédia Jurídica online: Instituição (Lat. institutione.) S.f. Nomeação de herdeiro; fundação, criação; instituto, entidade. Disponível em: <http://www.encyclopedia-juridica.biz14.com/pt/d/institui%C3%A7%C3%A3o/institui%C3%A7%C3%A3o.htm> Tanto no dicionário da língua portuguesa quanto na Enciclopédia Jurídica encontramos significados similares. Acessado em 08 abril 2019.

⁷ Instituir In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em <https://www.dicio.com.br/instituir/>. Acessado em 15/04/2018.

de sua produção, o jovem Lacan vinha de uma pesquisa na qual buscava respostas a respeito do desenvolvimento do sujeito psíquico. Ao encadear as palavras instituição e familiar o autor nos permite associar a noção de que à instituição decorre uma propriedade comum, ordinária, a de fundar algo novo, nesse sentido, à sua propriedade particular de fundar um sujeito. Lacan desenvolverá ulteriormente nesse texto uma passagem da noção de instituição para complexo familiar apresentando seus elementos, relações e papel no cenário da produção da subjetividade psíquica.

O dicionário nos traz a seguir uma segunda definição de instituição, desta vez associada ao coletivo, “um conjunto de regras e normas estabelecidas para a satisfação de interesses coletivos.” Em função da sua prematuridade no momento de seu nascimento, o sujeito está subordinado a uma posição de dependência de cuidados sem os quais é incapaz de sobreviver⁸. O sujeito ao nascer não tem escolha, sua incompletude e fragilidade determinam sua submissão à normatização do grupo ao qual pertence. O homem encontra-se sujeito inevitavelmente ao social, há uma “insuficiência vital”⁹, insuficiência essa que para ser suprida passa por uma regulação social. Lacan dará ênfase ao social na constituição psíquica.

O mesmo social que coloca o sujeito em estado de subordinação permite a ultrapassagem do campo da natureza. Essa ultrapassagem da natureza nos conduz à terceira definição de instituição, uma definição que nada conserva de biológico, mas que se encontra muito mais próxima do cunho jurídico: a instituição como sendo a “designação de um herdeiro”. A palavra “herdeiro” é derivada de herança (do latim *hærentia*) à qual designa o conjunto de princípios jurídicos que disciplinam a transmissão, neste caso, do patrimônio (bens, direitos e obrigações) aos sucessores legais de um morto. O assujeitamento do sujeito decorrente de sua relação com o social não é sem consequências, gerando-lhe uma herança. As marcas desse processo de ultrapassagem do campo da natureza serão cada vez mais visíveis como sendo parcelas de um patrimônio psíquico que se transferem aos titulares não naturais desse direito.

⁸ Segundo Boni (2010) a ideia do nascimento prematuro do homem – herdada de Louis Bolk, anatomista e embriologista holandês – constitui-se um dos principais eixos da teoria do imaginário de Lacan.

⁹ Insuficiência Vital é um termo encontrado em: Birman, J. (2009). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ao analisarmos tais definições, não encontramos nenhuma referência ou ligação da instituição com a biologia a não ser de forma pontual marcando justamente sua negatividade, ao colocar em evidência sua relatividade e limitação. Lacan, na introdução de seu texto, aponta que tanto o animal quanto o ser humano possuem família.¹⁰ A emergência de uma família é considerada em geral um fato natural, decorrente da união entre indivíduos em função de relações biológicas as quais visam geração e sobrevivência da espécie:

A família afigura-se, a princípio um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a geração, que fornece os componentes do grupo; as condições do meio, postuladas pelo desenvolvimento dos jovens e que mantêm o grupo, desde que os adultos geradores assegurem sua função. (Lacan, 1938/2003, p. 29)

Se no animal tais relações biológicas são subordinadas a comportamentos instintivos, na espécie humana, entretanto, ocorre uma subversão do âmbito da realidade. Lacan afirma que a organização familiar é especificamente impactada pelas relações sociais nas quais a capacidade comunicativa e a “economia paradoxal dos instintos” marcam a distinção do que é da ordem animal daquilo que é da espécie humana.

A espécie humana caracteriza-se por um desenvolvimento singular das relações sociais, que sustentam capacidades excepcionais de comunicação mental, e, correlativamente, por uma economia paradoxal dos instintos que aí se mostram essencialmente suscetíveis de conversão e de inversão, não tendo mais efeito isolável senão de modo esporádico. (Lacan, 1938/2003, p. 29)

O desenvolvimento das relações sociais associadas a esta economia paradoxal dos instintos permite ao ser humano “comportamentos adaptativos de infinita variedade.” (Lacan, 1938/2003, p. 29). O jovem psicanalista reconhece que mesmo entre animais é possível notar um elemento social¹¹, todavia no ser humano, o social tem a forma (organização,

¹⁰ Para a biologia a família é um clado (termo originado do grego que significa ramo), um grupo de organismos originados de um único ancestral comum. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clado#cite_note-Berkeley-1

¹¹ Em biologia e em sociobiologia um animal social é definido, no sentido amplo do termo, como um organismo altamente interativo com outros de sua espécie, estabelecendo uma estrutura próxima a de uma sociedade distinta e reconhecível. Abelhas, formigas e gorilas são exemplos conhecidos de

característica, condição) e a fôrma (molde pelo qual algo se desenvolve e adquire uma forma e dimensão) de cultura. De tal modo que não há nada que diga respeito ao sujeito que não seja tocado, afetado e impactado pela cultura, sendo esta dominante¹². A complexidade das funções de parentesco elucida exemplarmente o impacto da cultura na vida do sujeito.

Assim como Freud, Lacan dialoga com outras ciências, utilizando da observação do *behavior*¹³, da experiência clínica, e das contribuições de outras áreas tais como a psicologia, a etnografia, o direito, a história, a sociologia, a antropologia e a estatística social para abordar o desenvolvimento das relações sociais a partir da família.

os modos de organização desta autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos de descendência e de parentesco que lhe são adjuntos, as leis da herança e da sucessão que ali se combinam, enfim, suas relações íntimas com as leis do casamento [...]. Sua interpretação deverá então esclarecer-se com os dados comparados da etnografia, da história, do direito e da estatística social. (Lacan, 1938/2003, p. 30).

Nesse ponto afirma então Lacan: “coordenados pelo método sociológico, esses dados estabelecem que a família humana é uma instituição.” (Lacan, 1938/2003, p. 30).¹⁴ Retomamos aqui a ideia de que a perpetuação desta instituição será afiançada pela cultura, segundo Freud (1908), sobre a renúncia das pulsões sexuais. A formação da cultura e a formação da subjetividade são originadas em uma base comum, a renúncia a uma parcela de gozo¹⁵ do indivíduo, que deve ser dirigida à circulação social em um processo em constante movimento:

animais que tem uma vida organizada em sociedades. Esses animais se organizam, por exemplo, em castas nas quais cada elemento desempenha determinada função e todos trabalham em prol da sobrevivência do seu grupo.

¹² Segundo a concepção de Darwin, a evolução se deve às mudanças e recombinações de genes nas populações, o que interfere no comportamento social. Porém, o ser humano se diferencia do restante dos seres vivos quanto ao comportamento, pelo fato de ser influenciado por um fator social: a cultura. A herança cultural do ser humano pode modificar seu comportamento social sem levar em conta a sua herança genética.

¹³ Comportamento.

¹⁴ A escolha de Lacan pela sociologia não é aleatória, assim como não é aleatório o trabalho de Durkheim nas elaborações do autor até 1950. Os motivos de tal referência em relação a este autor encontram-se explicitados no segundo capítulo da presente dissertação.

¹⁵ Segundo Oliveira em seu texto “O uso do conceito de gozo em psicanálise nos estudos dos laços sociais” constatou que: “(...) o conceito de gozo, eminentemente laca-

Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. (Freud, 1908/1996, p.98)

Lacan depreende de que para o acesso a esta estrutura cultural tão complexa que é a família, um exame filosófico constitui-se reducionista. Isto porque mesmo os ensaios filosóficos intentam reduzir a instituição familiar a um fator meramente biológico-hereditário ou a um elemento teórico da sociedade pelo que é aparente do fenômeno familiar.

A partir dessa reflexão, Lacan realiza um exame de tais tentativas, destacando dois pontos polêmicos para a psicologia: a hereditariedade psicológica e o parentesco biológico. Lacan reconhece a dificuldade do psicólogo em pensar na família não como o resultado de uma herança biológica, mas como sendo o resultado de uma “hereditariedade psicológica”. Entretanto, considera que a continuidade de traços psicológicos de uma geração para outra se deve a uma transmissão de disposições psíquicas.

A família constitui-se como fundamental na função da transmissão da cultura e, na construção psíquica do sujeito. Através das três tarefas principais por ela promovidas, a saber, educação, repressão dos instintos e promoção/aquisição da língua, a família dirige os processos do desenvolvimento psíquico, propiciando a organização das emoções de acordo com um condicionamento advindo do externo, da sociedade, e transmitindo “estruturas de

niano, é utilizado de formas diversas nas análises dos laços sociais pelos autores da psicanálise, sem relacioná-lo a uma modalidade específica da teorização lacaniana sobre o gozo.” (Oliveira, s/d, p. 1). O presente trabalho não circunscreve a análise de cada citação que fazemos do termo “gozo”. Para o estudo deste tem em Freud indicamos o texto de 1920 Além do princípio do prazer. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf> Indicamos igualmente o trabalho: Uma abordagem sobre conceito de gozo em Psicanálise – a noção de gozo a partir de Freud. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29070/29070_4.PDF Em Lacan o conceito de gozo sofre uma grande alteração a partir do seu seminário XX. Para consulta sobre este tema indicamos o texto de Miller : Os seis paradigmas do gozo (Miller, 1999), disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf

comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência.” (Lacan, 1938/2003, p. 31).

Para fundamentar sua posição, Lacan busca em Durkheim¹⁶, estudos sobre a família e a estrutura social. Esse autor, em um estudo preparatório constituiu os principais tipos familiares e analisou as causas de sua aparição e sobrevivência. Observou o sistema de relações cujo conjunto constitui a vida de família, um sistema de relações composto por pessoas (esposos, filhos, grupo dos consanguíneos, ancestrais), pelos bens (sua forma de transmissão/herança) e pelo Estado (que legisla sobre o grupo familiar interferindo sobre seu funcionamento). Concluiu que a família antiga não deixou de existir, ainda permanecendo na família moderna, por ele denominada, família conjugal, sendo esta o resultado de uma síntese, de uma contração da família paternal.

Outro ponto examinado por Lacan no texto Complexos familiares trata da coincidência dos laços de parentesco. O fato da coincidência numérica e de identidade entre os membros da família ocidental e a família biológica são para Lacan mera contingencialidade. Essa afirmação de Lacan baseia-se nos estudos dos antropólogos Bronisław Kasper Malinowski e William Halse Rivers Rivers.¹⁷ Segundo Malinowski, em geral o parentesco somente seria reconhecido por meio de ritos legitimadores dos laços de sangue. Laços fictícios e constituições artificiais de agrupamentos poderiam ser criados, como se pode verificar no totemismo ou nos casos de adoção. No ocidente, segundo Lacan um dos laços fictícios - a filiação - é determinado por meio de outro laço fictício, o casamento: “a filiação é demonstrada pelo casamento.” (Lacan, 1938/2003, p. 32). Quanto mais se ampliam os estudos de Lacan a respeito dos agrupamentos do ser humano mais se confirma de que se trata de um conjunto considerado político e não biológico.

Lacan assevera que a família moderna não é uma mera simplificação, mas “uma contração da instituição familiar” (Lacan, 1938/2003, p. 32). Trata-se de um grupo reduzido de estrutura complexa na qual determinados aspectos são mais bem explicados pelas instituições conhecidas da família mais antiga. No entanto, Lacan não considera ambição ex-

¹⁶ Émile David Durkheim: psicólogo social, filósofo, sociólogo, antropólogo e cientista político (1858 – 1917).

¹⁷ Tais laços seriam observáveis somente em algumas culturas matriarcais. Tal circunstancialidade não é observada nas famílias primitivas, visto seu agrupamento não estar conformado restritamente à consaguinidade.

cessiva buscar nessa forma tão complexa um sentido que permita uma unificação e “dirija a sua evolução”. (Lacan, 1938/2003, p.33) Para Lacan a influência capital da instituição “casamento” teria conduzido “a instituição familiar à sua forma atual” (Lacan, 1938/2003, p. 33).

A biologia tem seu lugar para Lacan nesse artigo colocando em evidência seu papel negativo. A prematuridade do nascimento humano revela a carência inerente da biologia humana e a ineficácia dos instintos. Para Lacan tal carência vem ser suplementada pela cultura, suplemento este que possibilita o corte e a superação em relação ao que é da ordem da natureza. Nesse sentido, Bertrand Ogilvie indica a posição da biologia e do social para o ser humano:

(...) o caráter social do ser humano não vem se acrescentar, de maneira essencial, a um conjunto de determinações próprias ao reino dos seres vivos em geral, mas vem ocupar o lugar de uma carência, de uma ausência caracterizada e específica. (Ogilvie, 1987/1991, p. 92)

Como pudemos constatar a dependência vital do indivíduo ao grupo o conduz inextricavelmente a uma condição de ser social, dirigindo-o para uma ordem diversa da estereotipização própria dos instintos e da associação à natureza, através dos quais o animal responde ao meio ambiente.

Em decorrência a família da espécie humana, para Lacan, precisa ser compreendida na ordem das relações sociais e, a questão cultural, como uma subversão da fixidez instintiva. Esse fator social concorre para que a sociologia tenha seu lugar como uma disciplina reguladora da psicologia conferindo-lhe uma necessária objetividade não reducionista, segundo Lacan. É a apreciação do fato como social que atribui uma dimensão concreta do fato psicológico possível de ser apreendido pela observação do comportamento e da experiência da psicanálise. A partir da definição do complexo como fator de cultura, e oposto ao instinto, estabelece-se como um ponto de apoio externo, exterior à própria psicanálise. É no campo de pesquisa a respeito da família, objeto e circunstância psíquica, que o conceito de complexo passa a ser desenvolvido.

PARTE I - O complexo, fator concreto da psicologia familiar

Em um artigo de Lacan Para além do ‘princípio de realidade’ (1936) o psicanalista se pergunta: “Através das identificações típicas do sujeito, como se constitui o eu, onde é que ele se reconhece?” (Lacan, 1936/1998, p. 92). Nesse mesmo trabalho o complexo se configura como um operador conceitual responsável pela instauração das imagens pelas quais o sujeito irá identificar-se:

É por intermédio do complexo que se instauram no psiquismo as imagens que formam as unidades mais vastas do comportamento: imagens com que o sujeito se identifica alternadamente para encenar, ator único, o drama de seus conflitos. (Lacan, 1936/1998, p. 90).

Para Miller (1984) não se trata apenas de complexo inconsciente, fixando um conjunto de reações (dos afetos ao modo de adaptação ao objeto) visto “que ele reproduz certa realidade do ambiente, e o faz de maneira dupla” (Lacan, 1938/2003, p.33) como uma forma fixada e como uma atividade que incita a repetições de comportamentos e emoções:

Como uma forma que se impõe no desenvolvimento, fixando uma realidade datada, representando assim sob uma forma fixada, uma certa realidade do desenvolvimento – isso, do ponto de vista da gênese; por outro lado, como uma atividade, ou seja, como incitando a repetições de comportamentos, de emoções vividas, quando um certo número de experiências se apresenta. (Miller, 1984, p. 3)

O complexo estabelece-se por sua função de reproduzir a realidade refletindo a configuração elaborada pelo sujeito, indicando a especificidade da experiência para cada um em um dado momento do desenvolvimento psíquico. A partir da fixação dessa realidade particular, passa a ser repetida por uma própria atividade do complexo toda vez que o sujeito depara-se com circunstâncias que lhe exijam um trabalho psíquico, uma "objetivação superior dessa realidade" (Lacan, 1938/2003, p.34).

Miller (1984) comenta que o real não intervém como tal, mas através de formas de objetivação¹⁸. Uma sucessão de formas de objetivação terá lugar, justapondo-se de uma forma mais antiga para uma mais nova por meio de crises, conflitos entre a forma de objetivação e a referência ao real. Nesse sentido, Lacan afirma que o complexo é determinado

¹⁸A objetivação denominada por Lacan está baseada, segundo Miller, na obra de Hegel - A fenomenologia do espírito.

pelo fator cultural e três aspectos reforçam a sua determinação: “relação de conhecimento, forma de organização afetiva e experiência no choque com o real”. (Lacan, 1938/2003, p.34). A partir destas concepções o psicanalista estabelece o complexo em três escansões sequenciais: desmame, intrusão e Édipo.

O complexo do desmame

Segundo Lacan, “o complexo do desmame fixa no psiquismo a relação da amamentação sob a forma parasitária” (Lacan, 1938/2003, p. 36) visto que a criança para se alimentar encontra-se em situação de total dependência de sua mãe. Existe aí um parasitismo no sentido mais original do termo¹⁹. Tal complexo funda os sentimentos mais arcaicos e primitivos. Assim, ao mesmo tempo em que uma relação parasitária se estabelece sobre o plano da necessidade, uma outra relação igualmente parasitária se estabelece dessa vez no plano dos afetos, no plano do amor entre a mãe e a criança. Aqui temos um parasitismo no sentido de uma dependência do campo do afeto, havendo o cruzamento de dois planos distintos, o plano das necessidades e do amor. Para a criança é a sua primeira relação de amor, onde seus primeiros afetos se estabelecem. São também as primeiras relações entre a criança e a família, mediados pela figura materna, e é através desses sentimentos que o sujeito se vincula à primeira sociedade da qual faz parte. O complexo de desmame diz respeito à relação da mãe com a criança, mas se estende à relação desta criança com o conjunto dos componentes da família.

Lacan pondera que o complexo do desmame aproxima-se do instinto por estar presente em toda espécie humana e, por tal peculiaridade pode ser tomado como genérico. Uma outra característica que o aproxima da ideia de instinto deve-se ao fato de que uma representação de função biológica é realizada pelo aparelho específico da lactação. Entretanto, o pensador assinala que tal complexo é dominado completamente pela cultura e, portanto, é “radicalmente diferente do instinto” (Lacan, 1938/2003, p.36) visto o instinto possuir um traço essencial, a saber, a regulação fisiológica, e no caso humano deparamo-nos com uma regulação cultural.

¹⁹ Em sua definição original, o termo parasitismo não era de natureza estritamente pejorativa. Ser um parasita era um modo de vida aceito, pelo qual uma pessoa podia viver da hospitalidade dos outros. (Do grego παράσιτος, parásitos: de pará, ao lado, junto de + sítos, alimento, podendo significar “aquele que come ao lado de outro”) Indica uma associação entre seres vivos, na qual existe uma certa unilateralidade de benefícios.

“É a recusa do desmame que funda o positivo do complexo” (Lacan, 1938/2003, p. 37). Essa frase é surpreendente, pois é a partir da recusa do desmame que a imago materna é fixada. A recusa é a gênese de tal complexo fixando uma determinada realidade no curso do desenvolvimento do ser humano. Ao mesmo tempo compreendemos nessa recusa sua característica de atividade, pois é a recusa que faz com que se queira reencontrar incessantemente essa primeira relação, instigando repetições de comportamentos e de emoções quando determinadas experiências se apresentam.

Lacan reflete sobre o sentimento maternal especificando que não há um instinto maternal no ser humano. Os instintos existem nos animais resultantes de uma regulação fisiológica, natural.

Assim constituída, a imago do seio materno domina toda a vida do homem. (...) Somente a imago que imprime nas profundezas do psiquismo o desmame congênito do homem é capaz de explicar a potência, a riqueza e a duração do sentimento materno. (Lacan, 1938/2003, p. 40).

No animal, o instinto maternal cessa quando o período de alimentação dos filhotes está finalizado. Aos instintos, Lacan opõe os complexos, dominados e regulados pelos fatores culturais, visto que desde o nascimento, o sujeito é mergulhado na cultura, na linguagem, no universo simbólico.

O complexo de desmame é o primeiro complexo com o qual o sujeito se depara, e que, portanto, o estrutura. Este complexo é regido, segundo Lacan, por uma regulação eminentemente cultural e nada há nele de instintivo. Mesmo se a alimentação da criança pela mãe parece o que há de mais natural, dados históricos, antropológicos, clínicos aí estão para mostrar-nos que em matéria de desmame tudo na espécie humana testemunha que não existe instinto. A simples constatação de que existem diversas maneiras de se realizar um desmame assim como os vários períodos em que ele pode ocorrer nos comprova que nada há de instintivo nesse processo ao falarmos de um sujeito.

O maior exemplo de regulação social está em como a própria ciência aborda o desmame, indicando o período ideal, ou prescrevendo-o em função do estilo de vida materno. Não raro a decisão desse processo é compartilhada com um especialista na questão,

o pediatra, e eventualmente deste com os pais da criança. Não somente a decisão é dividida com o profissional, mas em geral é ele quem organiza e orienta todo o processo de desmame.

Sentimento paternal e maternal

Lacan igualmente situa que tanto o sentimento de paternidade quanto o da maternidade não está de forma alguma relacionado ao que é da ordem do natural. Ao utilizar-se da palavra sentimento novamente a desnaturalização está marcada pelo psicanalista.

(...) basta refletir sobre o que o sentimento de paternidade deve aos postulados espirituais que marcaram seu desenvolvimento para compreender que, nesse domínio, as instâncias culturais dominam as naturais, a ponto de não podermos considerar paradoxais os casos em que, como na adoção, umas substituem as outras. (Lacan, 1938/2003, p. 30)

As instâncias culturais são as substitutas das instâncias naturais, marcando este processo de desnaturalização no sujeito. Isso é muito mais facilmente percebido ao se falar do pai que não possui nenhum laço biológico com o filho, o que torna ainda mais evidente essa constatação ao nos reportarmos ao processo de adoção, processo esse que demonstra os sentimentos de paternidade e maternidade como culturais.

Nessa lógica como explicar o sentimento maternal, visto não se configurar como instintual? A relação mãe-filho repousa em uma base biológica, é preciso alimentar a criança, mas, para além desse processo tão essencial ao ser humano uma dependência se estabelece ligando a criança à sua mãe. A relação de alimentação não se configura unicamente na satisfação de uma necessidade, é também uma relação que se efetua na e pela esfera dos afetos. Desde o nascimento, a mãe interpreta e ajuíza a intenção dos menores gestos e ruídos de seu filho, atribuindo uma significação a cada um deles. A mãe consubstancia uma demanda ao seu infante, e por esta interpretação de demanda estabelece-se uma organização dos sentimentos. A mãe diante do choro de seu filho se pergunta: “o que ele quer, o que ele deseja de mim?” Simultaneamente à dependência vital, uma dependência de outra ordem se inscreve, que passa pelo campo do desejo, e é incorporada à alimentação.

No processo de desmame se estabelece a separação do seio e do amor da mãe, contudo, se a imago do seio materno perdura, torna-se letal “como se evidencia no apego da criança às saias da mãe” (Lacan, 1938/2003, p. 40). Lacan assinala que a sublimação de tal imago pode ser difícil em virtude da relação ambivalente (orgânica-psíquica) com o seio. A imago materna associa-se a uma imagem de completude que segundo Lacan tampona o mais primitivo dos afetos, a angústia constitutiva da vida.

A satisfação toma assento no âmbito do apetite, porém, se tal apelo perdura, configurando-se um apelo ao objeto pulsional e não mais à satisfação toma uma dimensão de morte. A tendência à morte se faz reconhecer nos suicídios especiais que se caracterizam como “não violentos” nos quais a oralidade é destacada. Pela análise de casos, nos indica Lacan, que no abandono à morte, o sujeito busca reencontrar a imago da mãe (Lacan, 1938/2003, p.41).

Na história das civilizações temos os registros de rituais de passagem da vida de infância ao mundo dos adultos. Cada cultura e cada período da história elabora essa ruptura tão necessária a seu modo, estabelecendo para isto um tratamento singular. Neste ponto Lacan atribui o abandono da segurança familiar a uma repetição do desmame, sua finalização e ultrapassagem.²⁰

Também através disso, o abandono das garantias comportadas pela economia familiar tem o peso de uma repetição do desmame e, na maioria das vezes, é somente nessa ocasião que o complexo é suficientemente liquidado (Lacan, 1938/2003, p.42)

Essa ultrapassagem não ocorre sem um mal-estar, característica do conflito e da crise. Assim sendo podemos pensar o mal-estar como estrutural e não propriamente um período em particular, posto que relacionado a uma separação fundamental, um abandono das seguranças familiares, uma separação no campo do amor. Mesmo que de forma parcial, todo retorno a estas seguranças, tem sobre o sujeito consequências avassaladoras e desastrosas, muito mais negativas a despeito de todo benefício prático. “Qualquer retorno a es-

²⁰Lacan analisará a importância clínica da ruptura, da ultrapassagem desse e de outros complexos na segunda parte dessa obra, no estudo das psicopatologias.

sas garantias, mesmo que parcial, pode desencadear no psiquismo estragos desproporcionais ao benefício prático desse retorno.” (Lacan, 1938/2003, p.42)

A relação entre desmame e desejo

Lacan explicita que se um sujeito se mantém circunscrito à sua família e às suas identificações familiares terá um nome certamente, mas sobre seu túmulo, marcando a estreita relação da morte com assujeitamento, e o desaparecimento do desejo: “Todo remate da personalidade exige esse novo desmame. Hegel formulou que o indivíduo que não luta por ser reconhecido fora do grupo familiar nunca atinge a personalidade antes da morte.” (Lacan, 1938/2003, p. 42).

O desejo tem sua origem na relação de alimentação, marcado pela relação à mãe. Marca esta indispensável, necessária, a qual se configura como primária porta de acesso ao desejo, marcando o enlaçamento do sujeito à palavra, e, portanto, na relação com o outro. Se este desejo é anônimo²¹, não há um sujeito.

A ficção do paraíso perdido

A estrutura da imago que perdura sob os progressos mentais é constituída segundo Lacan inicialmente pela saturação do complexo, seguida da sublimação deste e finalmente por sua liquidação, “uma assimilação perfeita da totalidade ao ser”.

A saturação do complexo funda o sentimento materno; sua sublimação contribui para o sentimento familiar; sua liquidação deixa vestígios em que se pode reconhecê-la: é essa estrutura da imago que fica na base dos progressos mentais que a remanejaram. Se tivéssemos que definir a forma mais abstrata em que a encontramos, nós a caracterizaríamos assim: uma assimilação perfeita da totalidade ao ser. Nessa fórmula, de feição meio filosófica, reconhecemos as nostalgias da humanidade: a miragem metafísica da harmonia universal, o abismo místico da fusão afetiva, a utopia social de uma tutela totalitária, todos saídos da obsessão

²¹ Segundo Alessandra Uchôa Sisnando no texto A Figura da Consciência-de-si na Fenomenologia do Espírito: “Fica claro pois, que a consciência-de-si necessita de um outro a partir do qual faz um retorno sobre si mesmo. E ao suprasumir essa relação imediata com esse seu outro se coloca como desejo. Entretanto, o desejo propriamente humano só é encontrado quando o outro é mais que um objeto, mas antes, outra consciência-de-si que também é desejante. Portanto, o desejo deve evoluir de um desejar o outro enquanto objeto, para o desejar o desejo do outro, ou em última instância, o desejo de ser reconhecido pelo outro enquanto consciência-de-si, enquanto sujeito ou espírito.” Para consulta: Revista Eletrônica Assuntos Hegelianos, ano 2 nº 3 de 2005.

com o paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte. (Lacan, 1938/2003, p.42)

Lacan nos sugere que a base da constituição do sujeito está na ancoragem de uma imago, uma imagem. E uma imagem nada mais é que uma ficção. Uma das ficções mais ferrenhas da humanidade é pela busca da verdadeira harmonia, da felicidade, da plenitude. Busca utópica que ocupou o mundo da economia, da ciência, da religião e do amor, fomentando a ficção da felicidade e da harmonia garantida, “uma obscura aspiração à morte”.

O complexo de intrusão, um registro simbólico

Neste texto Lacan não evoca os estadios freudianos (oral, anal e genital), mas fala de complexos (complexo do desmame, de intrusão e de Édipo)²². Neste segundo complexo o psicanalista constata uma experiência em três tempos: o complexo de intrusão em si mesmo, o momento do espelho e a conclusão.

O complexo de intrusão se realiza, se conclui quando um sujeito se conhece a partir dos irmãos, um registro simbólico. Um registro efetivado a partir do lugar dado ao sujeito por essa rede de relações, por esse grupo doméstico, bem como por sua “posição dinástica”, por sua ordem de nascimento, ocupada em uma dada circunstância do destino²³. Ao mesmo tempo em que o sujeito é resultado da ação desse real, produz um objeto, o irmão, que em um registro imaginário adquire uma significação de intruso, de usurpador. (Lacan, 1938/2003, p.42)

Da rivalidade à constituição da instância do outro²⁴

Lacan qualifica a experiência do “drama do ciúme primordial” em O estágio do espelho de 1949 em referência aos trabalhos de Charlotte Bühler, ao falar sobre a identificação à imago do semelhante. Segundo Lacan, este fenômeno muito comum de ciúme foi também abordado por Santo Agostinho²⁵. Salienta o pensador que a observação experi-

²²Estadios – fases, etapas. Complexo – organização, sistema que são capazes de gerar comportamentos segundo convenções, abarcando vários elementos ou aspectos distintos que possuem entre si múltiplas relações de interdependência. O sujeito é ao mesmo tempo objeto.

²³ Destino aqui empregado enquanto registro do real.

²⁴ Lacan ainda não havia desenvolvido o conceito de Outro neste período de produção.

²⁵ Santo Agostinho (século XIV) "Qui non zelat non amat" (Quem não sente ciúme não ama).

mental descrita pela psicologia genética, hoje psicologia do desenvolvimento,²⁶ colocou em evidência que tal fenômeno trata-se de uma “identificação mental”, e encontra-se na raiz do processo de socialização.

A experiência comum, perfeitamente reproduzível, consiste em colocar juntas crianças entre 6 meses e 2 anos, em par, sem terceiros, com uma diferença reduzida entre idades. Ao deixá-las jogar, fenômenos podem ser isolados, indicando posturas, gestos complementares e recíprocos de provocações. Tais fenômenos atestam o reconhecimento de um rival, quer dizer, de um outro como objeto, mesclado com fenômenos de transitivismo (no transitivismo não há distinção entre o que é do sujeito ou o que é do outro). Mas ao se colocar crianças com uma diferença de idade maior de 2 anos e meio, constata-se comportamentos de exibição, sedução e despotismo. Tais comportamentos caracterizam um momento de passagem dos fenômenos de transitivismo, em direção a constituição “do outro em mim”.

Os comportamentos mencionados testemunham a instância do outro interiorizado (Lacan, 1938/2003, p.43), isso porque exibição, sedução e despotismo são posturas que atestam que um outro foi estabelecido na vida psíquica do sujeito. O sujeito não poderia se exibir se nele não estivesse constituído, o outro que o olha. Não poderia seduzir se não soubesse o que é ser seduzido, não se mostraria despótico se não conhecesse a postura daquele que se submete. Há então, um sujeito dividido no qual atua uma tensão entre duas atitudes opostas e complementares: cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e se identifica a ele (Lacan, 1938/2003, p.43).

Nasce assim um “sentimento do outro”, imaginário sem dúvida alguma, mas que repousa na estrutura simbólica do complexo. Pode-se dizer que o sujeito, a partir daí, avança no mundo em direção ao outro, com seu outro assim constituído (Lacan, 1938/2003, p.44). Lacan preconiza que um desdobramento se efetua no sujeito, uma divisão irremediável do ser humano, uma divisão entre a instância do eu e aquela do sujeito do outro – sujeito do inconsciente, como elaborará mais tarde. No complexo de intrusão, como decorrência de tal divisão, dá-se a consumação de uma perda, a “perda do objeto materno”. (Lacan, 1938/2003, p.46).

²⁶Um dos representantes da psicologia do desenvolvimento é Erik Erikson. Para consulta segue sugestão de bibliografia do autor: Erikson, E. H. e Erikson, J.(1998): O ciclo da vida completo. Porto Alegre: Artes Médicas.

Enquanto no momento do complexo de desmame Lacan fala de um suicídio primordial, aqui se trata do assassinato imaginário do irmão: “A imagem do irmão não desmamado só desperta uma agressão especial por repetir no sujeito a imago da relação materna e, com ela, o desejo da morte”. (Lacan, 1938/2003, p.46).

A ambiguidade do estádio do espelho

Lacan propõe introduzir seu estádio do espelho (tentativa de apresentação em Marienbad) a fim de resolver questões em relação ao mecanismo da identificação. Se esse havia sido claramente evidenciado por Freud na clínica dos sintomas neuróticos e no Édipo, entretanto, seu texto Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) de acordo com Lacan apresenta algumas lacunas de articulação entre autoerotismo, narcisismo primário e secundário. Lacan se propõe resolvê-los com sua análise do estádio do espelho fazendo da identificação, poderíamos compreender, um princípio de causalidade.

Para concretizar tal análise Lacan apoia-se nesse momento em trabalhos em psicologia comparada e em psicologia de crianças de psicólogos como Wallon, Bühler, Köhler e Baldwin, autores que se interessam pelas interações das crianças entre si e pelas relações particulares que estas estabelecem no espelho.

Poderíamos dizer que a imagem especular constitui-se como operador deste estádio, pelo qual se permite vislumbrar como se constitui a realidade humana, realidade qualificada por Lacan como ilusória e própria da espécie. A percepção do semelhante, quer dizer a construção do eu por intermédio do outro, está intimamente ligada à inteligência e à socialização, sem a inteligência e as faculdades psicológicas, não há constituição da imagem do corpo e o processo de socialização é comprometido.

Enquanto no animal existe uma captura da imagem pela co-naturalidade - relação entre o instinto e o meio - no sujeito, a imagem é captada pela pulsão. Na primeira a imagem é registrada por uma percepção totalizante, enquanto a via pulsional, ao contrário, atesta uma vivência errática, sem nenhuma relação com a imagem totalizante do corpo, muito mais pelo viés de um despedaçamento.

Nesse sentido, podemos dizer que a imagem tem uma função dupla e equívoca: ao mesmo tempo em que a imagem (gestalt) tem um efeito de formação sobre o sujeito o que

lhe permite ter um corpo; implica também em uma perda— o que existe é uma imagem despedaçada e sempre precária de um corpo - e uma consequente divisão do sujeito entre essa imagem de um corpo aparentemente total e as pulsões que o fragmentam (dividem).

Nesse sentido, opera-se uma tensão no eu assim constituído entre elementos imaginários, onde coabitam representações de fragmentação, e representações de verificação permanente do corpo próprio. Lacan qualifica este mundo do eu como um mundo narcísico, no sentido pleno do mito de Narciso²⁷ que inclui o duplo, que forma, mas que também aliena. E dirá posteriormente:

para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com a sua estrutura rígida todo seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949/1998, p.97)

Lacan assinala que a constituição do eu depende do outro: “O eu constitui-se ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme” (Lacan, 1938/2003, p.48). Pode-se dizer que 15 anos mais tarde, ele retomará este dado, desta vez no registro simbólico, afirmando que o desejo do sujeito é o desejo do Outro. O estádio do espelho constitui-se como formador do eu, e faz, sobretudo aparecer um desdobramento no qual o eu não se confunde com o que Lacan nomeará mais tarde o sujeito (do inconsciente).

Lacan ressalta nos seus desenvolvimentos a questão da escolha do sujeito, na qual este perde sempre alguma coisa. Trata-se de um momento de escolha no qual o sujeito ou recusa este outro e encontra então o objeto materno conduzindo para a destruição do outro, ou sua escolha permite-lhe que o objeto envie-o a um outro objeto que por sua vez envie a outro, e assim sucessivamente, o que possibilita que o objeto circule e funde uma via social (Lacan, 1938/2003, p.49).

²⁷Para maiores informações: livro *Metamorfoses* de Públio Ovídio Naso, 43 a.C. 17 ou 18 d.C. Original em latim disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/ovid/ovid.met3.shtml>. Uma versão do mito em português está disponível em http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf. Para uma versão em papel sugerimos: OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Trad.: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

Há certamente a entrada do outro, um outro traumatizante devido a sua intrusão, porém, o que se evidencia é a maneira pela qual o sujeito vai responder a esse confronto. Lacan ao final de sua proposição nomeia este complexo de “fraterno” (Lacan, 1938/2003, p.50).

Percebe-se que no complexo de intrusão não há somente a intrusão do outro, há também a “intrusão” da via pulsional, uma intrusão por aquilo que é desconhecido pelo sujeito. Toda questão – questão sem dúvida psicopatológica, mas também questão ética na psicanálise - é saber como o sujeito, pode tomar a responsabilidade pela intrusão de sua via pulsional, em outros termos, saber do seu gozo, mais que denunciar e rejeitar o gozo do outro.

O Complexo de Édipo: identificação sexual e encontro com o outro sexo

Em Os complexos familiares, Lacan toma o complexo de Édipo em seu conjunto para examinar as articulações propostas por Freud. Mas ousadamente também manifesta sua crítica, ao caráter universal do Édipo reservando-o às famílias patriarcais que Freud conhecia mais particularmente. De fato, ele submete a uma “revisão do complexo que permitirá situar, na história, a família patriarcal e esclarecer melhor a neurose contemporânea” (Lacan, 1938/2003, p.52).

Lacan situa no seio da família humana as três crises de que tratam os complexos. Essas crises estão ligadas ao desamparo fundamental enfrentado pelo ser humano visto que o ser falante é sempre prematuro, jamais adaptado à realidade que ele encontra. O complexo é uma resposta, mas também a causa de toda organização subjetiva. A extrema elaboração destas respostas justifica a expressão “economia paradoxal dos instintos” que Lacan havia utilizado no início de seu texto.

Para o complexo de desmame a contribuição de Lacan é fundamental. Dar-se conta de que aí reside um fracasso – o desmame atesta que uma primeira relação foi perdida - permite a introdução do cultural onde está aquilo que é do campo do sentimento maternal. A operação de separação da imago materna arcaica torna-se o desafio desta crise.

Para o complexo de intrusão, a demonstração de Lacan é brilhante. A intrusão do outro no mundo da criança é sempre traumatizante, porém, da angústia decorrente, pode

extrair um estatuto de existência apoiada na ilusão da imagem. Porquanto ilusória, a possibilidade de tomada de conhecimento da realidade, restará sempre tingida de desconhecimento. Entretanto, Lacan muito rapidamente atestará que o grande Outro é indispensável ao estabelecimento do estágio do espelho. A imagem do intruso cederá posteriormente seu lugar ao grande Outro, instância ausente neste texto dos Complexos familiares.

Para o complexo de Édipo, Lacan retoma um conceito fundamental da teoria psicanalítica. É uma pedra angular da qual Freud não cedeu. Trata-se, para a psicanálise disso que sempre representou uma dificuldade maior em todas as civilizações: a identificação sexual do ser humano e o encontro com o outro sexo.

Até Freud, podemos pensar que o sujeito se dava conta da identificação sexual e da escolha de gozo passando pela obediência à tradição. Era preciso seguir as prescrições diversas e os ritos para respeitar seu destino anatômico e escapar de todo desvio, desvio este fortemente reprovado. Introduzindo uma causalidade psíquica e não anatômica, Freud é profundamente revolucionário. Com efeito, a partir da descoberta freudiana as identificações sexuais e as modalidades de gozo se apresentam doravante por uma extraordinária diversidade.

Lacan reconhece e considera com seriedade as elaborações freudianas das quais empresta o rigor. Reconhece que o Édipo permite dar conta das relações psíquicas na família humana, e que estas relações possuem um valor científico quanto à explicação dos fenômenos da personalidade:

valor científico na definição e na explicação dos fenômenos da personalidade; há nelas uma ordem de determinação positiva que dá conta de uma profusão de anomalias do comportamento humano e que, ao mesmo tempo, torna obsoletas, em relação a esses distúrbios, as referências à ordem orgânica.(Lacan, 1938/2003, p. 53).

Descrição do complexo na teoria

A criança luta com pulsões genitais pelos quatro anos. Essa inclinação ao sexual e o escape masturbatório que disso resulta encontra apoio no pai do sexo oposto. Isso representa uma puberdade psicológica para a qual a criança não está preparada. Abstendo-se das

satisfações referencia-se na severidade com a qual acredita deparar-se do lado do pai do mesmo sexo.

Esse desejo ligado ao sexual é intrusivo para a criança e para o qual deve construir um cenário que faça cessar a decorrente tensão insuportável. Quaisquer que sejam os métodos educativos, dos mais permissivos aos mais rígidos, da tensão a criança faz interdição, ao mesmo tempo em que percebe a atividade sexual de seus pais. Reconhece então o pai do mesmo sexo como “o agente da interdição sexual e o exemplo de sua transgressão” (Lacan, 1938/2003, p.52) recalando suas satisfações perturbadoras:

...pelo recalamento da tendência sexual que a partir de então ficará latente [...] por outro lado, pela sublimação da imagem parental que perpetuará na consciência um ideal representativo, garantia da coincidência futura das atitudes psíquicas e das atitudes fisiológicas no momento da puberdade. (Lacan 1938/2003, p. 52)

Ao sair desta bifurcação edipiana, Freud demonstra que a tensão insuportável encontrada pela criança se resolve pela repressão e sublimação, duas operações subjetivas às quais relaciona ao supereu e ao ideal de eu. Lacan valida a importância do complexo visto constatar as provas desta sexualidade infantil e a existência das instâncias psíquicas nos rastros da ação do supereu e do ideal de eu. Freud em Três ensaios sobre a sexualidade (1905/1996) desenvolve de maneira memorável a questão da sexualidade infantil e Lacan, por sua vez, ironiza sobre as sociedades que chegam ainda a iludir-se sobre a inocência da infância.

Para a clínica a psicanálise pode afirmar a pertinência da teoria que não cessa de ser confirmada. Lacan, ao finalizar sua explanação a respeito do complexo faz referência às diferentes consequências sobrevividas de um traumatismo durante seu curso ou da existência de uma atipia em sua constituição demonstrando pela análise concreta dos sintomas das neuroses que se torna caduca toda ideia de ligação causal orgânica, colocando em evidência a importância ao complexo: “(...) quando esses acidentes afetam a situação edipiana como traumas em sua evolução, eles se repetem mais nos efeitos do supereu” “(...) quando a afetam como atipias em sua constituição, é mais nas formas do ideal do eu que se refletem” (Lacan, 1938/2003, p.53).

Crítica de uma teoria geral e universal da família

Em função das demonstrações clínicas e antropológicas, Freud crê que sobre este complexo pode fundar uma teoria universal da família, entretanto Lacan refuta a validade do salto conceitual.

Inicialmente, a teoria freudiana está fundada em uma dissimetria que o psicanalista percebe na situação entre os dois sexos – o complexo encontra sua plenitude para o menino. Com efeito, para ele, do desejo edipiano à sua repressão há verdadeiramente uma complementaridade, uma agressividade endereçada contra o parente rival o qual se transforma em fantasma de mutilação do órgão sexual. Esse complexo de castração, em forma de tortura, interessa verdadeiramente ao menino.

Freud, para dar um status de real à repressão, apoia sua concepção amparando-se em todas as tradições educativas e, sobretudo na universalidade dos interditos. Frazer²⁸ havia feito da interdição do incesto com a mãe um tabu que valeu como lei primordial da humanidade. Com Totem e Tabu, Freud imagina um drama ao longo do qual um pai mítico que possui todas as mulheres seria assassinado pelos filhos. A partir dessa história que lhe é ofertada pelo neurótico obsessivo, consagra o mesmo status da família mítica à família conjugal. Lacan refuta essa construção, pois como seria possível apoiar o fundamento da lei sobre uma tese que necessita uma lei anterior? Além disso, na realidade antropológica, são, sobretudo, as famílias matriarcais que predominam.

Para Lacan, o pai da horda não possui nenhuma realidade histórica. Totem e Tabu funciona como um mito do neurótico. A família seja a primitiva ou conjugal, não consagra seu funcionamento e autoridade a um macho por sua força física. Ao contrário, ao seguirmos passo a passo a reflexão lacaniana, a repressão é o efeito de uma lei veiculada pela cultura desde que o homem está na linguagem.

Sexualidade e realidade

A psicanálise demonstra que a atividade humana em nada pode ser definida por uma adaptação vital. Os neuróticos em análise testemunham que a evolução da sexualidade

²⁸The golden bough (1890-1915), obra escrita em treze volumes, por James Frazer a partir de informantes de diversas partes do globo. Uma versão em português e em pdf está disponível em: <http://www.auroradourada.com/gallery/o-ramo-de-ouro-sir-james-george-frazer-ilustrado.pdf>

ao longo da infância e a constituição progressiva da realidade obedecem a uma ação do complexo em todos os níveis do psiquismo.

Essa “aparelhagem” da sexualidade “se mostra na criança pelas maneiras mais aberrantes em relação aos seus fins biológicos”. É a partir dessas “aberrações” que a sexualidade deverá levá-la no momento da puberdade, a confrontar-se com uma realidade genital, a conformar-se ou não à sua anatomia sexual. “Essa maturação da sexualidade condiciona o complexo de Édipo, formando suas tendências fundamentais, mas, inversamente, o complexo a favorece, dirigindo-a para seus objetos” (Lacan, 1938/2003, p. 50).

É preciso considerar todos os elementos que entram em jogo no estabelecimento da sexualidade e na constituição particular da realidade da criança, bem como a coordenação destes elementos em relação ao objeto sexual.

O desejo edipiano faz surgir um conflito no sujeito. Esse conflito, de mesma estrutura daquele que ocorre no momento do complexo de desmame e do de intrusão, faz reaparecer a mãe como objeto primeiro. Esta mãe arcaica da qual a criança se separou retorna e seu eu narcísico deve defender-se contra a angústia que ela reatualiza. A repressão da tendência sexual se torna ainda mais aguerrida.

Este desejo edipiano se caracteriza melhor no menino que deve então refrear suas atividades sexuais de forma mais intensa. Para a menina o objeto materno ao qual pode identificar-se a desvia em parte do desejo edipiano, neutralizando o potencial do complexo e os consequentes efeitos de sexualização, mas, pela imposição de alteração de objeto e “a tendência genital desvincula-se melhor das tendências primitivas” (Lacan, 1938/2003, p. 50).

Lacan conclui que mais a formação do complexo é acusada, mais aleatória parece seu papel na adaptação sexual. Quer dizer que o recalamento, mais aparente no menino que na menina tem mais risco de desviá-lo da conformidade de seu sexo aos ideais esperados pela sociedade.

A apreensão da realidade se conjuga com a constituição do complexo para o sujeito. Lacan destina a esta passagem uma frase de grande importância: “Vemos aqui a influência do complexo psicológico numa relação vital, e é através disso que ele contribui para

a constituição da realidade” (Lacan, 1938/2003, p. 50). Nos seres humanos a psicologia deve dobrar-se à potência do complexo, não são os hormônios que influenciam na subjetividade, mas o contrário.

O reconhecimento do objeto permite ao sujeito encontrar um lugar, e uma certa distância é necessária entre ele e esse objeto. Lacan utiliza uma expressão, “profundidade afetiva do objeto”, para demonstrar que aquilo que chamamos realidade é, na verdade, povoada pela sensibilidade humana e, portanto, a relação do sujeito com o mundo (a realidade, este objeto) é sempre sintomática. É preciso tomar os fenômenos do vivido psíquico com o mesmo rigor quaisquer que sejam as manifestações nas quais o psicanalista retoma as oscilações da relação do eu ao objeto, inclusive quando o objeto parece desaparecer no crepúsculo do mundo.

O psicanalista deve servir-se da única ferramenta que é específica do seu domínio. Habitado à transferência e ao seu manejo para apreciar o vivido nas sessões, sabe como interpretar “as variações da quantidade de energia vital que o desejo investe no objeto” (Lacan, 1938/2003, p.51). Lacan se apoia no que a psicanálise reconhece da transferência e toda uma gama de irrealidade à realidade pode ser apreciada, de um investimento excessivamente narcísico da libido, a um investimento suficiente para que a operação analítica possa ocorrer. Foi graças à clínica das doenças mentais que se pode esclarecer esse complexo e permitir que o sujeito e objeto sejam levados em conta sem se apoiar no vital e no orgânico.

A relação vital com a realidade é frequentemente confundida com a prova moral da relação com o mundo e se fala de uma tendência genital em termos moralizantes das quais Lacan ironiza. A harmonização das tendências expressa em termos de “dom” e de “sacrifício” desnaturaliza a concepção audaciosa de Freud e a reduz a uma síntese moralizadora. O ideal de eu e o supereu contribuiriam, nesse sentido, somente “ao conformismo sexual do psiquismo. Mas a imago do pai, segundo a doutrina, teria nestas duas funções, um papel prototípico em razão da dominação masculina”. (Lacan, 1938/2003, p.52)

Forma e dinamismo

Lacan aborda a obra freudiana com rigor. Opõe-se com veemência a toda psicogênese intelectualista que pretende explicar os fenômenos a partir de uma compreensão

subjetiva e toma partido da explicação causal contra a compreensão, para examinar a estrutura contra a psicogênese analógica.

Essa recusa lhe faz discutir o dinamismo de Freud embora reconheça a aplicação genial que ele faz para dar conta das tendências. Mais que considerar os fenômenos um por um, por meio de uma psicogênese analógica e seguir seu desenvolvimento, o que ele chama de “dinamismo”, Lacan considera que é necessário tomar todos os elementos em conjunto e verificar sua evolução, o “funcionamento formal do complexo”. (Lacan, 1938/2003, p.52)

O termo complexo comporta a ideia da pluralidade de elementos articulados uns aos outros, reunidos segundo uma certa forma e a ação. “É diferenciando o funcionamento formal do complexo que se pode estabelecer, entre sua função e a estrutura do drama que lhe é essencial, uma relação mais definitiva.” (Lacan, 1938/2003, p.52)

Lacan usa o exemplo das fantasias de castração. A repressão da sexualidade repousa na fantasia de castração no menino, que a doutrina considera como apoiado em uma ameaça real. Entretanto, constatada a mesma fantasia na menina, e nos dois sexos a formação da imagem de uma mãe fálica, Lacan afirma que Freud extrapola, em sua concepção dinâmica, a dominação mítica do pai em razão de sua força física. Considerando de modo isolado esse elemento de virilidade em sua evolução teórica, ele induz à necessidade pela menina de uma nostalgia da virilidade.

O complexo de castração

Para Lacan, esta ameaça não é real, mas imaginária, fantasmática. É importante observar que o material analítico faz aparecer uma comunhão de estrutura daquilo que é originário do complexo de castração nos dois sexos, assim como toda uma série de fantasias onde domina o deslocamento, o desmembramento, a devoração...

Todas essas fantasias que foram apresentadas por Melanie Klein são descritas por Lacan como “uma forma de penetração, de sentido simultaneamente destrutivo e investigador, que visa o segredo do seio materno”. (Lacan, 1938/2003, p.52)

Essas fantasias cuja irreabilidade de estrutura é evidente são reencontradas na experiência analítica. O sujeito tendo ultrapassado o complexo de desmame e de intrusão é con-

frontado com uma angústia muito mais localizada. A angústia de laceração vital encontra sua solução em um medo mais localizado, no qual certos sonhos e impulsos mantêm vivos, a crise e seu traço.

O complexo permite uma estabilização pelo campo imaginário. A fantasia substitui ao caos permitindo a introdução do sujeito no cultural, com um corpo suficientemente narcísico para fazer face ao olhar do outro e ao confronto com a realidade.

Constata-se na elaboração lacaniana a sustentação sucessiva dos três complexos por uma superposição de um sobre o outro. Sobre um fundo de prematuridade, cada crise e cada perda decorrente encontram sua solução por um salto em uma nova situação que o Édipo vem finalmente interpretar *a posteriori*. Cada complexo reatualiza o conflito precedente e ameaça as defesas que o eu havia estabelecido. O complexo, consequência das “capacidades excepcionais de comunicação mental” (Lacan, 1938/2003, p.24) torna-se a causa de toda organização subjetiva do ser humano.

O declínio do Édipo

Lacan mantém o complexo de Édipo no cultural, em um sistema simbólico apesar de que este termo não se faz presente nesse texto. Em um simbólico, mas com toda a relatividade ligada à cultura. Lacan não deixa de afirmar que o Édipo é adequado enquanto conceito no quadro das famílias paternalistas. O declínio do Édipo é o período fecundo, e o complexo de castração que o acompanha resta ligado às formações imaginárias, de onde o uso repetido da expressão “fantasia de castração”. (Lacan, 1938/2003, p.52)

Nos cruzamentos entre o corpo e suas pulsões, entre o psiquismo e a relação com a realidade, o sujeito organiza todas as imagens familiares em uma elaboração, em uma moldagem de seu sexo psíquico, e a experiência da psicanálise testemunha assim o jogo do complexo que subverte “qualquer fixidez instintiva” (Lacan, 1938/2003, p.29).

Lacan afirma que “os complexos demonstraram desempenhar um papel de “organizadores” no desenvolvimento psíquico” (Lacan, 1938/2003, p.30) definido em um sentido amplo, um organizador que gera efeitos psíquicos não conscientes apesar de não impedirem de que o sujeito deles se aproprie. Os complexos e a imagem têm um papel revolucionário através da visão lacaniana, pois permitem ao psicanalista não somente o estudo de

um organizador psíquico que se estabelece nos primórdios de vida de uma criança e que continua a se repetir no adulto, mas também, de forma inaudita, possibilitam-lhe o estudo de fenômenos de outra ordem tais como os delírios.

Neste complexo, organizador do desenvolvimento psíquico do sujeito, a figura paterna desempenha um papel fundamental para Lacan. Segundo a leitura lacaniana o complexo de Édipo depende do que o autor denomina nesse momento de a “personalidade do pai”, elemento integrante do complexo que se apresenta desde sempre carente, posto que dividido, em sua dupla função – de repressão e sublimação - necessária à constituição do sujeito.

Nossa experiência leva-nos a apontar sua determinação principal na personalidade do pai, sempre de algum modo carente, ausente, humilhada, dividida ou postiça. E essa carência que, de acordo com nossa concepção do Édipo, vem estancar tanto o ímpeto instintivo quanto a dialética das sublimações. (Lacan, 1938/2003, p. 61)

Apesar de afirmar não se afligir com o “pretenso afrouxamento dos laços de família” (Lacan, 1938/2003, p. 61) o psicanalista sugere um grande número de efeitos psicológicos como decorrentes do declínio da figura paterna: “Mas um grande número de efeitos psicológicos parece-nos decorrer de um declínio social da imago paterna” (Lacan, 1938/2003, p. 61).

Encontramos em Lacan o declínio da figura do pai como condicionada, vinculada ao progresso social e a concentração econômica, colocando em evidência mais uma vez a importância do cultural na determinação do sujeito:

Um declínio condicionado por se voltarem contra o indivíduo alguns efeitos extremos do progresso social; um declínio que se marca sobretudo, em nossos dias, nas coletividades mais desgastadas por esses efeitos: a concentração econômica, as catástrofes políticas. (Lacan, 1938/2003, p. 61)

Resultado da cultura modificada, na qual a perda das tradições engendra toda uma série de alterações, Lacan apresenta sua tese de crise psicológica ao declínio: “Seja qual for o seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica” (Lacan, 1938/2003, p. 61).

As neuroses do século anterior confirmam para Lacan a sua tese do complexo e a determinação deste sobre aquelas: “foram as formas de neuroses predominantes no fim do século passado que revelaram que elas eram intimamente dependentes das condições da família.” (Lacan, 1938/2003, p. 61)

A clínica como motor de pesquisa

A segunda parte do texto Complexos familiares de Lacan é dedicada ao estudo dos complexos familiares na patologia e segundo Dockhorn & Macedo (2015) a atividade clínica configura-se como ponto de partida para os questionamentos que efetivamente promovem o futuro em psicanálise: “Acredita-se ser a atividade clínica o ponto de partida para os genuínos questionamentos que promovem o devir em psicanálise”. (Dockhorn & Macedo, 2015, p. 530)

Em A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial Freud afirma que: “Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa”. (Freud, 1926/1996, p.163). A investigação psicanalítica, desde sua origem foi impulsionada pelo que acontecia na clínica, sua característica essencial sempre esteve subordinada a esta articulação da teoria com a prática. Freud como investigador parte da experiência para o conceito. Não só construiu seu método a partir dos impasses da clínica como nunca se absteve de reformular sua teoria. Também lançou mão de conceitos das ciências para trazer maior clareza ao seu campo. Sua produção dialogando com obras da cultura e a leitura dos fenômenos sociais e políticos que ele chamou de psicanálise aplicada, demonstra a importância da inserção da psicanálise no mundo e a necessidade de interlocução com outros campos do saber. Freud afirma que toda psicologia individual é também psicologia social, assim teoria, prática e pesquisa sempre permaneceram associadas.

Com o objetivo de examinar os efeitos decorrentes do declínio social da imago paterna, Lacan desenvolve o segundo capítulo de seu texto, sob o título “Os complexos familiares em patologia”. A exemplo de Freud, Lacan parte de uma questão clínica para o desenvolvimento de sua teoria.

Lacan investe na reflexão sobre a causalidade psíquica na psicose, buscando compreendê-la menos orgânica e mais psicológica, pensamento este decorrente de sua tese de 1932 na qual os mecanismos de autopunição presentes na paranoia teriam origem social, em virtude de uma fixação no complexo fraterno. Propõe uma dinâmica diferenciada entre as três instâncias psíquicas, na qual o supereu estabelece efeitos punitivos mais radicais e o ideal de eu se estabelece em uma objetivação mais oblíqua e mais propensa a projeções repetitivas. Sem rejeitar completamente a causalidade orgânica, coloca-a em segundo plano, conferindo destaque ao social, efeito de seu início de transição da psiquiatria para a psicanálise.

Não é objetivo deste trabalho aprofundar a questão da psicopatologia, entretanto, cumprindo o objetivo do tópico de levar uma breve noção do conteúdo do texto ao leitor, apresentaremos resumidamente a segunda parte do texto lacaniano.

PARTE II – Os complexos familiares em patologia

A primeira parte do texto conduz o leitor à compreensão do complexo como um fator concreto da psicologia familiar, ou seja, é preciso utilizar-se do conceito de complexo, esta malha de relações estabelecidas entre os componentes de uma família. O complexo não é família, nem o indivíduo, nem a realidade, entretanto os organiza e determina. Lacan em seu desenvolvimento sobre o Édipo considera que Freud o aborda tendo em vista o campo das neuroses, em sua dimensão patológica.

Lacan se debruça sobre as psicoses de tema familiar. Ao examinar os sintomas da psicose e em particular, os delírios, constata que os temas familiares estão em evidência. Tais temas, em sua forma, coincidem com pontos de fixação correspondentes a etapas do complexo.

Lacan, ao elaborar sua tese de 1932, aponta para a relação entre a psicose e a personalidade, ao contrário da mirada da psiquiatria que se baseava em uma abordagem neurológica. Os sintomas, ao invés de serem considerados déficits, passam a ser vistos pelo psicanalista como produções, não mais como um efeito decorrente de um comprometimento do mecanismo de funcionamento neurológico, mas, como um tipo de resposta do sujeito.

Ao introduzir o diagnóstico de paranoia de autopunição, define tanto os sintomas no âmbito da personalidade como as leis que regulam as relações entre as instâncias psíquicas.

Lacan se posiciona sobre o desencadeamento da psicose quando o sujeito é convocado pela realidade que se impõe, no momento no qual uma relação precisa ser elevada a uma dimensão simbólica. Na psicose o que falha? Ocorre uma estagnação da estrutura da sublimação, o objeto edipiano retorna sob uma forma narcísica. (Lacan, 1938/2003, p. 67).

Lacan apresenta classificações das psicoses a partir: das formas do objeto, do papel dos complexos familiares aos estádios do eu, do tema familiar e da capacidade do eu em afirmar-se. Na continuidade, soergue uma crítica aos psicanalistas que afirmam que os complexos são conscientes na psicose e inconscientes na neurose, pois em sua proposição existe igualmente um inconsciente na psicose: o sujeito psicótico desconhece do que padece, enquanto o neurótico, disto não quer saber.

Lacan ao dedicar-se à questão dura, da causa da psicose, não descarta a biologia o que lhe permite afirmar um certo determinismo endógeno, no sujeito, diferentemente das causalidades consideradas em geral como “externas” ao sujeito.²⁹

Quanto à hereditariedade psicológica, a questão da transmissão, marca uma correlação entre a psicose e uma disfunção do funcionamento do grupo familiar, recaindo sobre o ideal do eu. Tal instância faz a conexão entre o grupo familiar e o social, permitindo a sublimação. Lacan faz alusão aos “ninhos de paranoicos” e os delírios a dois nos quais a sublimação não pode ser realizada na direção do social. O psicanalista sugere que o grupo familiar incompleto no qual reina um isolamento social, assim como a formação de um casal psicológico podem ser condições que desempenham um papel determinante na psicose.

Lacan reforça a função do Complexo e uma certa tipicidade que se dá na relação psicológica parental, para sublinhar uma vez mais que o Édipo freudiano repousa igualmente em uma tipicidade reduzida ao casal conjugal, relativo a uma época, e à uma região do mundo, marcando para ele a sua não universalidade (Lacan, 1938/2003, p.79).

²⁹Posteriormente, em 1947 nomeia como “a insondável decisão do ser” que implica a subjetivação do modo de gozar.

O psicanalista sublinha o papel duplo da figura paterna e sobre a qual reside o equívoco da função: da imago ambígua enquanto personificação da autoridade, função de repressão e, ao mesmo tempo centro da revelação sexual, pela qual se permite um acesso à realidade. Desta ambiguidade decorrente da imago paterna Lacan aponta consequências: o progresso da cultura (e consequentemente um temperamento do supereu) e uma personalidade evolutiva:

(...) e insistimos especialmente no duplo papel desempenhado pelo pai, como aquele que representa a autoridade e que é o centro da revelação sexual; foi com a própria ambiguidade de sua imago, encarnação da repressão e catalisadora de um acesso essencial à realidade, que relacionamos o duplo progresso, típico de uma cultura, de um certo temperamento do supereu e de uma orientação eminentemente evolutiva da personalidade. (Lacan, 1938/2003, p. 79-80)

A personalidade no sujeito moderno se constitui, para Lacan, não mais pela tradição, pela educação, mas a partir do discurso cultural e da ciência, pela relação paradoxal do sujeito com o gozo, e por elementos associados ao desejo.

O autor ao falar do destino psicológico da criança assevera a questão da dependência da relação entre as imagens parentais: “Pensamos que o destino psicológico da criança depende, antes de mais nada, da relação que mostram entre si as imagens parentais.” (Lacan, 1938/2003, p. 82).

A inscrição da imago paterna no psiquismo do sujeito que sai do Édipo bem como as instâncias derivadas – supereu, ideal de eu e eu ideal – estabelecem-se em formações constituídas de resíduos, traços, do que Lacan denominaria ulteriormente elementos passíveis de serem inscritos nos registros do real, do imaginário e do simbólico. (Ruffino, 2014, p. 197). A imago paterna possui o que de mais humanizante há no sujeito:

Sabe-se que na imago paterna, aquilo que ela possui de necessariamente humanizante e emancipador é aquilo que vem do que no pai foi suporte do que se inscreve na ordem do simbólico, posto que aquilo que nele vem do que se inscreve nas ordens do real ou do imaginário advém das mais diferentes procedências. (Ruffino, 2014, p. 197)

Lacan apresenta em seu texto o resultado da submissão patológica da criança cujo caráter tenha sido formado em um tempo no qual se dá o declínio da função social da imago paterna. Um caso de neurose de autopunição se sobrepõe a uma neurose estrutural no qual o significante social em declínio não consegue contrapor-se ao pai da realidade ou à ferocidade do supereu:

porque o significante social capaz de dizer o que haveria de ser um pai estava, no social, suficientemente em declínio para não poder se contrapor ao arbítrio do pai da realidade e nem relativizar a ferocidade do super-eu. (Ruffino, 2014, p. 198)

Caso não houvesse a ação desta “atipia caracteriogênica” devida ao declínio social da imago paterna, o complexo de Édipo resultaria em uma crise fecunda “porque [o complexo de Édipo é o] assegurador de que a transmissão identificatória não ocorra uma imposição maciça, mas uma seleção por traços”. (Ruffino, 2014, p. 198). Esta seleção possibilitaria não uma interrupção da transmissão paterna, mas a condição própria, condição dialética da transmissão.

3. INFLUÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DA TESE DO DECLÍNIO

Pensamos que Lacan estava sensível a produção acadêmica de sua época, visto que o desenvolvimento de sua obra denota uma elaboração influenciada por diversos autores, de vários campos teóricos. Em seu texto *Os Complexos Familiares* encontramos referências textuais a Émile Durkheim (1858 – 1917), Sigmund Freud (1856-1939), Melanie Klein (1882 – 1960), William Halse Rivers (1864 – 1922), Bronisław Malinowski (1884 – 1942), Alexander Shand (1828 – 1904). Outros autores não são citados diretamente nesta obra, entretanto igualmente podem ser reconhecidas suas influências: Louis Bolk (1866-1930), James Mark Baldwin (1861-1934), Henri Wallon (1879-1962), Alexandre Kojève (1902-1968), Wolfgang Köhler (1887-1967), Elsa Köhler (1879 – 1940), Charlotte Bühler (1893-1974).³⁰

Consagramos este capítulo a alguns autores nos quais encontramos elementos, em nosso entender, presentes na proposição sobre o declínio da função paterna. Estas contribuições de partida colocam ainda mais em evidência a multiplicidade teórica da qual Lacan se cercou viabilizando a psiquiatria, ponto originário, ser perpassada pela sociologia, pela antropologia, pela química dentre outras ciências, resultando em uma teoria psicanalítica. Assim sendo, faremos uma breve apresentação de três autores que consideramos estratégicos na criação lacaniana: Emile Durkheim, Max Horkheimer e Emile Meyerson.

3.1 ÉMILE DURKHEIM E A FAMÍLIA CONJUGAL

Kuper (2005) afirma que: “Na primeira década do século XX, Durkheim tornou-se a influência mais importante para os novos antropólogos, tomando o lugar de Darwin ou Humboldt.” (Kuper, 2005, p.211) O sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês Émile Durkheim tornou-se uma influência não somente aos antropólogos, mas sua pesquisa a respeito da família causou igual impacto no meio psicanalítico. Seu nome e sua teoria estão contidos no texto *Complexos familiares* e segundo comentadores este texto reflete o período durkheimiano de Lacan.

³⁰ Autores e possíveis temas: Louis Bolk – prematuração do nascimento / James Mark Baldwin - imitação / Wallon - rivalidade, dominação e despotismo / Alexandre Kojève – dialética do senhor e do escravo / Henri Wolfgang Köhler – psicologia da gestalt / Elsa Köhler – transativismo/ Charlotte Bühler - despotismo e subordinação entre crianças.

Segundo Souto Maior (2005) os escritos de Durkheim sobre a família podem ser subdivididos em três temas, considerados os mais importantes: memórias originais (conservando aqui o título de uma das partes da *Année Sociologique*); cursos; e análises (igualmente uma parte da *Année*). Em sua aula inaugural datada de 1888 apresenta uma breve síntese dos resultados alcançados por suas pesquisas no ano anterior sobre “as formas gerais da sociabilidade e suas leis” para em seguida propor empreender, no curso que se iniciava um “estudo de uma espécie social particular”, o grupo mais simples e de história mais antiga. (Durkheim *apud* Souto Maior, 1975, p.12):

De todos os grupos familiares, o que nos interessa acima de qualquer outro e que importa, sobretudo, conhecer e compreender, é o que existe presentemente sob nossos olhos e no seio do qual vivemos. Nós tomaremos por ponto de partida e por tema a família tal qual se apresenta hoje em dia nas grandes sociedades européias. (Durkheim *apud* Souto Maior, 1975, p.11)

Durkheim em sua obra “A evolução do casamento e da família” destaca o objetivo da sociologia: “[...] fazer compreender as instituições sociais presentes de maneira que nós possamos entrever o que elas são destinadas a ser e o que nós devemos querer que elas sejam.” (Durkheim *apud* Souto Maior, 1975, p.12)

Para o estudo da família Durkheim utiliza em seu método uma fonte tripla: o direito e os costumes, a etnografia e a história elaborando uma demografia³¹ da família. Tal demografia, segundo o pesquisador, auxilia a perceber fenômenos aos quais estamos sujeitos não perceber. Para ele, os números resultantes dessa investigação traduziriam de forma autêntica e objetiva os fenômenos sociais, tornando sensíveis as suas variações quantitativas e permitindo a sua medida.

Durkheim estabeleceu um trabalho preparatório, constituir os principais tipos familiares, seus gêneros e espécies, buscando as causas de aparição e sobrevivência: “desse

³¹ Demografia: ciência que investiga as populações humanas (em aspectos como natalidade, produção econômica, migração, distribuição étnica etc.) sob uma perspectiva quantitativa.

estudo do passado sairá uma explicação do presente.” (Durkheim *apud* Souto Maior, 1975, p.19) ³²

Segundo Souto Maior (2005), para o pensador as famílias mais antigas não cessaram de existir, restando algo delas na formação familiar atual. A família contemporânea guarda o desenvolvimento histórico deste grupo, se reencontrando no tipo atual:

Assim consideradas, as diferentes espécies de família que se formaram sucessivamente aparecem como as partes, como os membros da família contemporânea, que a história nos oferece, por assim dizer, naturalmente dissociadas. Sob essa forma é bem mais fácil de estudá-las que no estado de penetração íntima e mútua em que estão hoje. Em consequência cada vez que tivermos constituído uma espécie familiar, procuraremos o que ela tem de comum com a família de hoje e o que ela explica. (Souto Maior, 2005, p. 19)

Em Durkheim, encontramos a descrição de três tipos anteriores à família conjugal conhecida atualmente: O comunismo doméstico; a família patriarcal (a principal diferença em relação à anterior consiste na absoluta concentração do poder do *pátria potestas* nas mãos do *pater familiaris*) e a família paternal (da qual surgem os direitos da criança, da mulher, e, sobretudo, o direito dos parentes em linha maternal contrários aos da família paternal).

Pela comparação dos tipos familiares, Durkheim acredita que é possível explicar tanto a sua causa como suas características fundamentais, entretanto, o manuscrito das pesquisas sobre família bem como suas preleções intermediárias até “A Família Conjugal” não foram publicadas e não mais existem (Lukes, 1975, p.179) ³³. A partir dos documentos existentes Durkheim analisou os diversos tipos de família até a família contemporânea, denominada por ele de família conjugal resultado da contração da família parental a qual “compreendia o pai, a mãe e todas as gerações saídas deles, salvo as filhas e seus descen-

³²Mais informações em: *Fonctions sociales et institutions*. Editado e apresentado por Victor Karady. Paris: Les Éditions de Minuit. (Inclui memórias originais e recensões).

³³Lukes também tem uma obra denominada *Bases para a interpretação de Durkheim* Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/377928/mod_resource/content/1/LUKES%2C%20Steven.%20Bases%20para%20a%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Durkheim.pdf

dentes. A família conjugal compreende apenas o marido, a mulher, os filhos menores e celibatários” (Durkheim, 1892/1975, p. 4, tradução nossa).

E por que família conjugal? “Como os seus únicos elementos permanentes são o marido e a mulher, já que todos os filhos cedo ou tarde deixam a casa [paternal] eu proponho chamá-la a família conjugal” (Durkheim, 1892/1975, p. 5, tradução nossa). A família conjugal passa a ser um tipo estrutural novo no qual “cessa o estado de dependência perpétua que era a base da família patriarcal e da família paternal” (Durkheim, 1892/1975, p. 6, tradução nossa). Diz Durkheim:

[...] o que a família conjugal apresenta de novo, é uma desestruturação do velho comunismo familiar de que não tínhamos encontrado um só exemplo. Até o presente, com efeito, o comunismo permaneceu a base de todas as sociedades domésticas, com exceção talvez da família patriarcal. (Durkheim, 1892/1975, p. 5, tradução nossa).

O comunismo familiar, de acordo com Durkheim, era a base praticamente de todas as sociedades domésticas exceto na família patriarcal na qual tinha por base “[...] não mais a própria família [viva] de uma maneira indivisa, mas a pessoa do pai. Também a sociedade doméstica aí forma um todo em que as partes não têm mais individualidade distinta”. Entretanto, na família conjugal: “Cada um dos membros que a compõem tem sua individualidade, sua esfera de ação própria” (Durkheim, 1892/1975, p. 5, tradução nossa).

Mas o que resultaria de todas as comparações e distinções realizadas por Durkheim? Certamente as características básicas presentes em qualquer tipo de família, passado ou presente se conformando como elementos constantes jamais ausentes de qualquer família em qualquer período do tempo. Ou, como declara Souto Maior “talvez, da função ou funções da família que restaria ou restariam, após o processo histórico de diferenciação final. O núcleo último e irremovível.” (Souto Maior, 2005, p. 22)

Para Durkheim e Le Play, os fundadores da sociologia, a família extensa haveria subsistido até a Revolução Francesa, a partir de então, a família conjugal haveria ocupado

o seu lugar. Nesse sentido com o fim da grande família, apontam os dois sociólogos, teria sobrevivendo a decadência da função do pai e dos valores paternos.

3.2 MAX HORKHEIMER E O DECLÍNIO DA AUTORIDADE

Em 1930, o filósofo e sociólogo Max Horkheimer assume a direção do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt que opera, a partir de então, como um centro de pesquisas. O Instituto, fundado em 1923, inicialmente tem como objetivo documentar e teorizar a respeito dos movimentos operários da Europa da década de 20. Com a entrada de Horkheimer a orientação teórica-política é modificada, e as análises visam esclarecer as razões pelas quais a classe operária não teria assumido a empreitada de promover a revolução do sistema em vigor.

Com a chegada de Erich Fromm ao Institut für Sozialforschung no mesmo período, as pesquisas sobre as questões sociais passaram a sofrer mais fortemente as influências de uma nova área do conhecimento. A psicanálise passa a figurar fornecendo elementos para a compreensão dos assuntos envolvendo a problemática da dominação.

Os frankfurtianos investigam as explicações a partir da análise da conjunção das macroestruturas capitalistas com as microestruturas da família burguesa e proletária. Segundo Freitag (1988) o sociólogo expressa em suas elaborações a “preocupação em integrar o nível macroteórico (produção capitalista), com o nível microteórico (indivíduo sexualmente reprimido) mediatizados pela estrutura familiar autoritária” (Freitag, 1988, p. 14). As concepções de Horkheimer balizam-se no freudo-marxismo, investigando assim a dinâmica social embasada na psicologia e na sociologia.

Os estudos desenvolvidos pelo Instituto são marcados pela interdisciplinaridade manifesta pela participação de especialistas de diversos ramos como a psicanálise, economia, história, filosofia, sociologia e antropologia. Um exemplo desta comunicação interdisciplinar está em Horkheimer e Fromm os quais elaboraram estudos sobre Autoridade e Família (1936). O trabalho organizado por Horkheimer e Fromm busca compreender as bases psicológicas da autoridade com a finalidade de explicar os totalitarismos do século XX, reunindo dados a respeito da estrutura da personalidade da classe operária europeia a

qual, sujeita ao poder capitalista, perde sua consciência histórica e seu potencial de emancipação, sufragando a revolução do proletariado preconizada por Marx.

A obra de Horkheimer é perpassada por um movimento cujo sentido repousa na tentativa de compreender as ações humanas como resultantes de uma contextualização, e a economia constitui-se como divisor histórico surgindo como um elemento fundamental determinante na esfera psíquica.

Nesse sentido, para Horkheimer, os agentes sociais são passíveis de transformações a partir da influência do processo econômico:

O processo de produção influencia os homens não só da maneira direta e atual, tal como eles o experimentam em seu próprio trabalho, mas também da forma como ele se situa dentro das instituições relativamente fixas, ou seja, daquelas que só lentamente se transformam, como a família, a escola, a igreja, as instituições de arte e semelhantes. Para compreender o problema por que uma sociedade funciona de uma maneira determinada, por que ela é estável ou se desagrega, torna-se necessário, portanto, conhecer a respectiva constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época. (Horkheimer, 1936/1990, p. 180).

Para Horkheimer não é possível desassociar a vida em sociedade da autoridade, visto que esta sempre esteve presente na história como forma de controle da vida social. No artigo *Autoridade e família* de 1936 reflete sobre a origem da autoridade no interior da família em várias etapas da história visando apontar a rede que envolve as relações de autoridade. O ensaio, estabelecido em uma análise de forma decrescente da autoridade, principia por uma abordagem macroscópica da cultura, segue pelas sociedades capitalistas ocidentais, concluindo na família, em suas relações, conjunções e resultados sociais e culturais, configurando-se como a base das sociedades burguesas.

Nesse texto, Horkheimer certifica que a base da autoridade está diretamente determinada na família como grupo que compõe a unidade fundamental da sociedade. Tal resposta está estreitamente ligada à psicanálise ao afirmar categoricamente que o que se dá na infância marca o desenvolvimento do sujeito afetando o consequente contato deste com o mundo. (Horkheimer, 1936/1990, p. 214)

Seguindo a reflexão do autor, no modelo burguês de família o patriarcado predomina. O pai possui a força visto personificar a instância econômica que sustenta a todos os componentes da família os quais, em decorrência, submetem-se ao seu poder. A figura do pai na família desempenha um papel determinante das condições pelas quais os sujeitos se adaptam seguindo os ditames da autoridade, além de atuar como instância de proteção e ordenamento.

Apesar de grandes revoluções advindas da era moderna, a família assume uma estrutura próxima à do feudalismo na qual o dono (*dominus*), o chefe da casa, assume função de soberano religioso e político submetendo os próprios filhos à escravidão.³⁴ O poder paterno está garantido pela dependência da família. A participação e a lealdade de toda a família se tornam imprescindíveis para que os negócios familiares avancem e a obediência filial assegura a participação da prole nas propriedades do pai. (Julien, 1997, p. 38)

Entretanto, a figura paterna sofre um processo de declínio gradativo a partir das alterações ocorridas no âmbito econômico com o advento da era moderna. O advento da industrialização, associado à capacidade e à inteligência individuais possibilitam ao indivíduo alterar seu destino, escapando do jugo familiar. A mesma oportunidade de apartamento da família é possibilitada às mulheres, em função da guerra e a consequente abertura do mercado de trabalho. A relação entre pais e filhos é impactada antes mesmo da chegada destes últimos à vida adulta.

No texto sobre autoritarismo, Horkheimer explicita igualmente a decadência paterna quando a criança experiencia amor e ódio ao descobrir que o pai não é a figura poderosa, o juiz imparcial, o protetor generoso. Apesar de ocasionais explosões de masculinidade a debilidade do pai não é compensada, impedindo à criança de que se identifique totalmente com ele.

Nesse sentido, segundo o autor, a base da autonomia moral até então estava assentada na imitação amorosa do pai seguro, prudente, totalmente devotado a seus deveres. A criança passa a perceber uma imagem de um poder arbitrário, e, o pai é gradativamente

³⁴In Julien, P. (1997): Dai funda-se os direitos do pai sobre a criança: direito de vida e de morte (qualquer que seja a idade do filho ou filha), direito de correção, direito de prisão, e sobretudo direito de decisão sobre o casamento de seu filho ou de sua filha em razão dos interesses do patrimônio a ser salvaguardado. (p. 39)

substituído por entidades coletivas e a criança se sujeita a qualquer tipo de autoridade. Esta permeabilidade também acarreta alterações do papel materno à qual se sujeita à ciência que dita, para esta mãe, por exemplo, como alimentar seu filho. Tal interferência é profunda prescrevendo à mãe como deve ser a sua atitude de amor para com o filho, e seus comportamentos passam a ser orientados por uma “literatura pedagógica popular”.

Segundo Dunker a tese do declínio da função social da imago paterna proposta por Lacan não é uma tese original, mas que já vinha sendo trabalhada por Horkheimer. Dunker (1998) a propósito do texto *Autoridade e família* e a questão da desautorização, explicita:

Neste escrito, Horkheimer mostra como na origem do sujeito moderno encontramos uma disposição crítica à ideia de autoridade. A confiança na autoridade da tradição deve ser substituída pela segurança na autonomia da razão, eis a plataforma iluminista. Ponto nevrálgico desta operação é a ideia de que razão pode reunir em si a universalidade, antes falsamente representada pela tradição, com a particularidade, dimensão coextensiva à categoria nascente de indivíduo. Assim a autoridade se individualiza no mesmo momento em que este indivíduo admite-se universal, pois tem como atributo essencial a razão. Gostaria de destacar que nesta passagem histórica a origem do sujeito associa-se à recusa do outro como autoridade. Isso gera um problema: se a autoridade está no sujeito e não no outro isso só ocorre porque o eu pode negar-se enquanto particular, porque pode reconhecer-se outro de si mesmo. Daí a afirmação do texto de Horkheimer de que: “Se a autoridade não é o outro, se de alguma forma deve incluir apenas uma participação dentro da identidade, então não existe autoridade.” (1974, p.248) (Dunker, 1998, p. 3).

Ainda para Dunker, nesse contexto, a autoridade não ocorre pela interioridade da lei, mas pela imagem que a porta: “A autoridade não é mais dada pela interiorização da lei mas pela imagem que a veicula.” (Dunker, 1998, p.6).

Ao falar sobre as consequências do declínio da função paterna na contemporaneidade, para Dunker (2017), necessitamos “cada vez menos de um fundamento mítico encarnado e presente para dar conta do problema da origem da lei”. Para o psicanalista o surgimento das formas de sofrimento estão relacionadas a um suplemento criado com os sintomas pelo neurótico para reerguer o pai sentido como em declínio em sua expressão soci-

al. O pai introduz uma lei aplicada inclusive a ele mesmo e assume uma função de universalização de uma lei “caprichosa”, porque inicialmente restrita ao âmbito familiar.

Nesse sentido, Dunker (2017) explicita que a tese lacaniana no texto dos Complexos familiares é de que a gravidade da neurose se torna mais perceptível à medida que o pai não está sendo mais reconhecido no âmbito externo à família, referindo-se à função social da imago do pai. O pai gradativamente é visto como aquele que é mais um, sem reconhecimento social. Com a função da imago paterna cada vez mais declinante, nos deparamos com a manifestação de outras formas de sofrimento. Assim sendo, as fobias, as neuroses obsessivas e a histeria dariam lugar às neuroses caracteriais.

3.3 ÉMILE MEYERSON E A IMAGO

A nosso ver, para a compreensão do declínio social da imago paterna formulação explícita do psicanalista em Complexos familiares, faz-se necessária uma reflexão sobre o uso do termo imago. Iniciaremos este tópico, com a definição de imago, em seguida a sua origem em psicanálise, e finalmente a apropriação de Lacan segundo nossa mirada.

No dicionário de português³⁵ encontramos como definição de imago duas referências à psicanálise e uma à botânica. As definições em psicanálise apresentam uma imagem ou lembrança de uma pessoa, que se forma no inconsciente, idealizada na infância, carregada de valor afetivo e conservada sem alterações ao longo da vida adulta:

[Psicanálise] Imagem idealizada de alguém que se forma no inconsciente, durante a infância, sendo mantida com o mesmo aspecto e conservada da mesma forma durante a vida adulta.

[Psicanálise] Lembrança de alguém, carregada de valor afetivo, idealizada na infância.

³⁵ Imago In.: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em <https://www.dicio.com.br/imago/> (Acessado em: 02 Fev 2018).

Ao buscarmos a definição no dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001), encontramos a imago como sendo um orientador seletivo de apreensão do outro pelo sujeito, formado a partir de relações com o meio familiar:

protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar. (Laplanche & Pontalis, 2001, pp.234-235)

Segundo os autores, o conceito de imago foi inicialmente utilizado por Carl Gustav Jung em *Metamorfoses e símbolos da libido*, produção datada de 1911, na qual Jung descreve as imagos materna, paterna e fraterna. Referem imago e complexo como noções próximas, ambas apresentando relações com o mesmo domínio, o das relações da criança com seu meio familiar e social.

Ainda para os mesmos autores, o complexo está na esfera da designação de um efeito sobre o sujeito, decorrente da situação interpessoal no seu conjunto total. A imago, por sua vez, caracteriza uma “sobrevivência imaginária” de um participante em particular daquela situação, não podendo ser entendida nem unicamente como uma imagem nem como um reflexo do real, mas como um esquema imaginário, estático, por meio do qual um sujeito visa o outro.

De acordo com o *Dicionário Internacional de Psicanálise* (2005)³⁶, o conceito de imago utilizado por Jung teria sido emprestado do nome de um romance publicado em 1906 de Carl Spittler (1845-1924). Jung posteriormente substituiu o termo imago por arquétipo, a fim de comunicar a ideia de que a imago abrange aspectos impessoais e coletivos, mas na verdade essa ideia já estava presente em suas primeiras descrições de imagos.

O termo imago é referido na obra freudiana em vários momentos de sua produção, como exemplo citamos em 1912 em *A Dinâmica da transferência*: “Se a ‘imago paterna’, para utilizar o termo adequado introduzido por Jung (1911, 164), foi o fator decisivo no caso, o resultado concordará com as relações reais do indivíduo com seu médico.” (Freud, 1912/1996, p. 61). Nesta produção freudiana a imago refere-se a uma fixação de

³⁶Para consulta: <https://www.encyclopedia.com/medicine/psychology/psychology-and-psychiatry/imago-psychology#3435300677>

cunho erótico associada a traços de objetos primários. Entretanto, em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924/1996), Freud utiliza o termo *imago* relacionada ao masoquismo moral e o superego:

Às imagos que deixam lá atrás estão, pois, vinculadas as influências de professores e autoridades, modelos autoescolhidos e heróis publicamente reconhecidos, cujas figuras não mais precisam ser introjetadas por um ego que se tornou resistente. (Freud, 1924/1996, p. 99)

Segundo o mesmo *Dicionário Internacional de Psicanálise* (2005), para Lacan, a “*imago* é o elemento constitutivo do complexo”, pelo qual se compreende a estrutura familiar pela dimensão cultural que o determina assim como as ligações imaginárias pelas quais ele é organizado.

Para Miller (1984) ao refletir sobre a *imago* apresentada por Lacan em *Complexos familiares*, refere-se ao pai. O pai deixa de ser o pai de família, um elemento concreto, e assume outra configuração, uma função de uma ordem completamente diferente, embora Lacan, “ainda não disponha de outro termo senão o de *imago* para qualificá-lo” (Miller, 1984, p.11).

Meyerson e Lacan

Encontramos no autor Tannous Jorge (2016) uma interessante investigação sobre pontos de convergências entre a doutrina de Meyerson e trabalhos elaborados por Lacan no período de 1936 e 1953. O filósofo da ciência e químico, Émile Meyerson (1859-1933) é citado uma vez nos “*Escritos*” e ao menos 3 vezes na tese de doutorado de Lacan de 1932, tais citações indicam que o psicanalista efetivamente teve contato com a produção meyer-soniana e, de acordo com o autor, a relação entre os dois pensadores teria contribuído na formulação do conceito de *imago* abordado em Lacan.

Meyerson, assim como Lacan, elabora uma crítica ao mecanicismo ao levantar que a teoria (físico-matemática) hipostasia³⁷ intuições. Ao afirmar que o sujeito organiza

³⁷ Hipostasiar: Segundo a reflexão moderna e contemporânea, equívoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita à incorporalidade do pensamento humano.

ativamente sua realidade, Lacan estabelece uma concepção crítica à compreensão mecanicista de que a imagem seria uma cópia precária e enfraquecida da realidade revelando o uso limitado do conceito. Para o jovem Lacan, considerar a personalidade assim como os “objetos do mundo externo” a ela significativos, como uma própria substância, seria uma incongruência, visto que para o psicanalista tais elementos teriam uma propriedade muito mais plástica devido à organização ativa destes pela percepção do sujeito. As imagens no psiquismo humano revelam uma tentativa de compensação da falta de substância tanto do sujeito quanto dos objetos por ele apreendidos, atestando a própria precariedade do sujeito devido à parcialidade das suas percepções.

Lacan retomará posteriormente algumas ideias apresentadas em sua tese de 1932 ao arguir que os sintomas assim como toda manifestação da personalidade do sujeito são decorrentes da sua história social à qual é desenvolvida em uma série mais ou menos típica de identificações ideais.³⁸ Tais identificações, configurando-se em *imagos*, adquirem uma característica determinista devido à sua estagnação.

Ao refletir sobre a psicologia como uma nova ciência é preciso levar em consideração que para ela são necessários objetos positivos, concretos e que estejam submetidos a uma causalidade, para Lacan tais objetos seriam as *imagos* e os complexos. A *imago* origina-se nas primeiras relações do sujeito com o social, sendo resultante de um processo de identificação no qual ocorre uma “assimilação de toda uma estrutura espacial e relacional referente a unidades sociais de figuras humanas, e de uma temporalidade virtual dessa estrutura” (Tannous Jorge, 2016, p. 71).

A imago é a permanência de figuras humanas, de seus caracteres espaciais e sensoriais, de tudo o que passa a ser atribuído a esses caracteres e que passa a permanecer, como eles, no tempo. (Tannous Jorge, 2016, p. 90).

A respeito do traço identificatório e a repetição de uma relação entre figuras Tannous Jorge (2016) declara:

³⁸ Em Formulações sobre a causalidade psíquica, a identificação é considerada por Lacan um “fenômeno irreduzível” (Lacan, 1946/1998, p. 189).

Segundo Lacan, o objeto de identificação não é unicamente tal ou tal figura parental, o processo identificatório não se resume à mera reprodução de um traço extraído de um retrato-modelo. O gesto identificatório está mais próximo do teatro que da pintura. Identificar-se a uma figura determinada significa repetir o comportamento que tal figura entretinha com outra figura do grupo conjugal ou do grupo familiar [...] (Tannous Jorge, 2016, p.355).

Nesse sentido, seguindo a reflexão de Tannous Jorge (2016) a *imago* para Lacan representa a relação entre figuras cujo desenvolvimento está limitado a um determinado tempo, relação esta que se reproduz no comportamento do sujeito. Uma vez formada a *imago pelo* e *no* sujeito, determina-lhe os seus processos psicológicos, desde a percepção ao raciocínio. Ao conjunto de *imagos* desenvolvidas a partir de relações familiares denomina-se complexo, uma estrutura social prevalente nos primeiros anos de infância

um certo número de relações psíquicas típicas, onde se exprime uma certa estrutura social: no mínimo, a constelação que, nessa estrutura, domina mais especialmente os primeiros anos da infância (Lacan, 1932/1997, p. 93).

A *imago*, segundo Tannous Jorge (2016), apresenta-se como condicionante a todos os fenômenos psíquicos do sujeito durante toda a sua vida, estabelecendo uma postulação subjetiva de uma identidade no tempo, tal como o princípio meyersonianiano de Identidade:

A alusão ao Princípio de Identidade nesse contexto, somada ao que vimos sobre o conceito de *imago*, essa relação social infantil entre duas figuras humanas específicas que aparece repetidamente no comportamento de todo sujeito, faz com que concluamos isto: os fenômenos correspondentes à *imago* são expressões do Princípio de Identidade, são provas de sua atuação no intelecto, tal como os exemplos meyersonianos da história da ciência (Tannous Jorge, 2016, p. 89)

Para Lacan o caminho da clínica psicanalítica está em buscar modificar as *imagos* a partir da reconstituição das imagens, desestagnando as lembranças e devolvendo-lhes a sua densidade real:

[...] à medida que o sujeito prossegue na experiência [psicanalítica] e no processo vivido onde se reconstitui a imagem, a conduta deixa de imitar sua sugestão, as lembranças retomam sua densidade real, e o analista vê o fim de seu poder, doravante inutilizado pelo fim dos sintomas e pelo arremate da personalidade (Lacan, 1936/1998, p. 88).

De acordo com Tannous Jorge (2016) pode-se observar uma convergência entre a doutrina de Meyerson e o princípio de identidade e o conceito de *imago* desenvolvido por Lacan:

O Princípio de Identidade teorizado em Meyerson é remissível, com o reforço de Lacan, a parte do conceito de imago. A imago seria a expressão do Princípio de Identidade por excelência, uma vez que ela é a postulação (feita de modo inconsciente, tanto para Meyerson, em seu contexto de discussão, quanto para Lacan) de identidade no tempo de figuras humanas da infância; nesse sentido, o Princípio de Identidade é remissível ao que nos anos 1950 em Lacan tornar-se-á o Imaginário. (Tannous Jorge, 2016, p.95)

Ainda para o mesmo autor, a imago seria resultado de uma junção, um entrelaçamento de não somente um, mas de dois princípios meyersonianos: o princípio de Identidade e o princípio de Conformidade à Lei ou princípio de Legalidade, segundo o qual há uma relação de mudança entre fenômenos antecedentes e consequentes:

Mais especificamente, a imago seria a expressão do entrelaçamento entre o Princípio de Identidade e o Princípio de Legalidade uma vez que ela é a permanência de uma modalidade de relação social com certo desenvolvimento no tempo. (Tannous Jorge, 2016, p.95)

O princípio de legalidade demonstra que há um princípio de identidade no nível das relações entre as coisas. Através do espaço e do tempo, tais relações podem ser expressas pelas mesmas leis (leis estas empíricas porque estão baseadas em regularidades observáveis na sucessão dos fenômenos). (Pereira Junior, 1988, pp. 9-10)

Dunker (2015b) afirma que “em Meyerson e Lacan, a identidade é uma figura residual e sintomática, criada retrospectivamente pela supressão do tempo no interior desse processo.” (Dunker, 2015b, p.835) Entretanto cabe frisar que segundo o psicanalista, identidade não é o mesmo que identificação sendo essa última o ato que concerne à identidade.

Pela identificação são produzidas as “unidades da matéria”. Para que se produzam unidades, a identificação suprime o tempo e exclui aquilo que surge como resto deste processo, como sendo irracionalidade constituindo uma falsa fachada de identidade. Ao nos deter na epistemologia de Meyerson, a irreducibilidade entre identificação e identidade se dá, pois a identificação é aquilo que justifica a interferência de um elemento externo “à experiência do conhecimento-reconhecimento, ou seja, a figura negativa denominada desde então Real.” (Dunker, 2015b, p.836)

4. O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM FREUD

Nos capítulos anteriores, buscamos as origens da formulação do declínio da função paterna através da apresentação do texto *Complexos familiares* de 1938 de Jacques Lacan, bem como algumas das possíveis bases teóricas que concorreram para a sua elaboração.

No presente capítulo abordaremos o pai de *Totem e Tabu*, texto de Freud datado de 1913. A escolha reside no fato de que Freud busca nesse texto, com a contribuição de outras áreas do conhecimento, responder às questões relativas à psicologia dos povos e à psicologia individual. O ponto nodal tanto da questão antropológica quanto da situação neurótica individual encontra-se situada na relação com o pai. Nessa produção Freud nos apresenta uma figura paterna normativa e promotora de desejo. Um pai totêmico se sobrepõe ao pai edípico, ressignificando-o por sua função plural, assim como Lacan, em os *Complexos familiares*, apresenta o pai Edípico a partir de dois processos: repressão e sublimação. Se por um lado, essa figura imagética se substancializa, por outro lado, anuncia a sua plenitude como aquela que “não está em parte alguma” (Lacan, 1956-57/1995, p.215)

39

4.1 O MITO

Mezan (1985) nos previne de que não devemos tomar o mito freudiano do pai totêmico como sendo efetivamente o marco inicial da civilização, como algo que realmente tenha ocorrido. Para o autor, o mito *Totem e Tabu* configura-se em uma ficção antropológica do que teria sido a origem da humanidade: “reconstrução operada, como no tratamento analítico, a partir de elementos manifestos reduzidos a seu sentido por meio de interpretações pertinentes.” (Mezan, 1985, p. 320)

Ainda que esta história tenha efetivamente ocorrido, segundo Mezan, “os eventuais testemunhos estariam, há milênios, enterrados pela repressão, e, como a reconstituição da infância numa cura analítica, podem ser apenas inferidos e jamais comprovados” (Mezan, 1985, p. 320). Nesse sentido, o primitivo a que Freud faz referência constitui-se como

³⁹ Seminário Livro 4: a relação de objeto (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

“um elo na cadeia evolutiva, cuja suposta existência precede o estabelecimento da sociedade” (Mezan, 1985, p. 341).

Para a sua construção mítica Freud emprega contribuições de outras áreas do conhecimento disponíveis ao seu tempo, dentre as quais a elaboração sobre a horda primitiva formulada a respeito dos gorilas de Charles Darwin, adaptando-a para os hominídeos de James Jasper Atkinson.

De acordo com o mito freudiano os homens teriam vivido em pequenas hordas, submetidos ao domínio de um macho mais forte e violento, um pai primitivo, o “pai primo”, potente e tirano, que manteria para si todas as mulheres, para seu exclusivo direito sexual. Aos descendentes machos restaria o acesso a uma sexualidade limitada. Os filhos em revolta uniram-se, decidindo pelo assassinato do tirano.

Após o assassinato, os irmãos de aliados passam à condição de rivais, pois identicamente ao pai, cada um deseja para si todas as mulheres. O lugar do pai, entretanto, não é reivindicado pelos filhos, posto que, nenhum está à altura para ocupá-lo. Os irmãos provando do sentimento de culpa, e buscando aplacar a angústia do desamparo, preenchem o lugar desse pai por uma representação, uma imagem sacra, um totem.

Pelo bem da coletividade, assegurando a convivência e a subsistência da espécie, são estabelecidas duas grandes normas: a proibição de matar o totem e a determinação pela exogamia - renúncia pulsional consensual, uma regulação de paixões, onde pelo interdito ao incesto, os irmãos abdicam das mulheres as quais tanto haviam desejado.

4.2 O PAI DO DESAMPARO

A figura paterna apresentada no mito freudiano não está vinculada unicamente à crueldade e à repressão, mas torna-se a partir de seu assassinato um objeto perdido, um objeto de amor. Freud coloca em evidência através do mito do parricídio um pressuposto central – o afeto que nos abre para os vínculos sociais é o desamparo.

Nesse sentido, de acordo com Safatle (2015) o Outro não é apenas aquele que constitui o sujeito, que lhe garante através do reconhecimento do seu sistema individual de

interesses e dos predicados que comporiam a particularidade de seu ser, mas é aquele que, desde a introdução da sexualidade adulta no universo da criança, tal como descreve Jean Laplanche, “me despossei”, ele é aquele que “me desampara”. (Safatle, 2015, p.85)

Ligar-se a outros não é apenas confirmar-se em suas predicções supostas, mas é estar em contínua despossessão por ter algo fundamental de mim em um outro que não controlo, que não saberei como responderá ou se responderá, tornando patente a vulnerabilidade estrutural do sujeito aos encontros, assim como a opacidade de si mesmo, daquilo que o leva a vincular-se a outros que o despossuem e o descontrolam. (Safatle, 2015, p.85)

Safatle (2015) afirma que “Freud sabe que o amor não é apenas o nome que damos a uma escolha afetiva de objeto. Ele é a base dos processos de formação da identidade subjetiva a partir da transformação de investimentos libidinais em identificações.” (Safatle, 2015, p. 84). Tal identificação imprime a crença da transmissão, na perspectiva de que este lugar possa vir a ser ocupado, tornando-se a possibilidade da existência de um lugar de exceção, como fonte de amparo visto que as limitações da norma seriam ineficazes nesse contexto. (Safatle, 2015, p. 84)

Safatle (2015) aponta para esse lugar vazio do mito freudiano, próprio de uma sociedade sem pais (*vaterlose Gesellschaft*) que escande uma fragilidade estrutural a ser suplementada por uma elaboração fantasmática. O sentimento de culpa do qual comungam os sujeitos possibilita a continuidade dessa existência fantasmática, e a solidariedade circulante sustenta igualmente uma paralisia em função de uma “nostalgia pelo pai” (*Vatersehnsucht*) agora como objeto perdido. Uma presença não mais pela repressão, mas de forma sublimada, estabelecendo relações simbólicas vinculadas a um pai morto (Safatle, 2015, p. 89).

Nesse sentido, a sociedade de Totem e Tabu, uma sociedade sem pais, passa a funcionar como sociedade patriarcal, pois houve pais novamente, pais que continuaram a pregar a renúncia pulsional, pais assombrados por uma figura de excepcionalidade. Desse modo pode-se falar de que não há uma distância entre eles e o pai primevo, aquele que não se deixa submeter ao imperativo de repressão do desejo, reafirmando assim o lugar vazio, o lugar de exceção, o pai ilimitado. Tal lugar delineia o complexo no qual se dá a reativação constante da Lei e sua transgressão. (Safatle, 2015, p. 90).

4.3 DO PAI DA NORMATIZAÇÃO AO PAI QUE DIRECIONA O DESEJO

De acordo com Lacan, no texto *Totem e Tabu*, Freud apresenta um mito da modernidade no qual desenvolve a sua reflexão a respeito do pai a partir de um lugar: “(...) nada mais é que um mito moderno, um mito construído para explicar o que permanecia em hiância em sua doutrina, a saber: onde está o pai?” (Lacan, 1995, p. 215).

Totem e Tabu de Freud, subtulado *Alguns Pontos de Concordância entre a Vida Mental dos Selvagens e dos Neuróticos*, objetiva trazer a luz sobre “alguns problemas não solucionados da psicologia social” (Freud, 1913-1914, p.5), a relação entre o sistema totêmico e a exogamia. Frazer, Durkheim ou Darwin entre outros representantes de áreas do conhecimento, até então, não teriam conseguido elaborar uma proposta plausível que permitisse compreender a Lei primordial da proibição do incesto e sua relação com o totem.

Freud toma um curso contrário ao de Jung que percorre o caminho da explicação da psicologia individual através da tese do inconsciente coletivo, ou seja, por meio dos arquétipos transmitidos de forma hereditária. O inconsciente coletivo segundo a visão junguiana nos transforma em uma sociedade de irmãos, instituição originada sem a primordialidade do assassinato do pai, fratura violenta e brutal da comunidade originária. Tanto Freud quanto Jung buscam as respostas para as origens, entretanto um colocará o acento no pai morto, e o outro, por sua vez, no pai arquetípico, uma destituição para Freud inaceitável do Édipo e de sua significação, um vilipêndio ao revelador período infantil, tal como Vidal (2005) coloca.

Para elucidar o enigma da associação, ligação presente e permanente entre *Totem e Tabu*, Freud lança mão de um princípio metodológico, aplicar o saber oriundo da sua prática clínica ao laço social supondo encontrar consonâncias entre os sintomas do indivíduo neurótico e as obrigações sociais do homem primitivo. Freud constata que os homens da modernidade não mais cultuam totens, entretanto isto não impede que continuem com seus tabus. Porém, não se poderia dizer que haveria algo de totêmico nos sintomas apresentados pelos jovens pacientes de Freud?⁴⁰

⁴⁰Freud havia se deparado com animais emblemáticos presentes na narrativa de jovens pacientes como na fobia de Hans por cavalos, e no sintoma de Arpad e o galináceo. Segundo Freud, o pai, em

Desta feita, se considerarmos que a imagem paterna havia sido transformada em um totem, as duas proibições, os dois grandes tabus estabelecidos pela religião totêmica – a proibição de matar o totem e a determinação pela exogamia - “corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo.” (Freud, 1913-1914, p.103)

Vidal (2005) constata que Freud, além de resolver um problema antropológico demonstra que o sujeito reproduz individualmente uma situação vivenciada no plano da coletividade. Entretanto, no pensamento freudiano, os neuróticos, se distinguem dos selvagens, pelo fato de sua neurose constituir-se como uma formação associal, na qual os primeiros “esforçam-se por conseguir, por meios particulares o que na sociedade se efetua através do esforço coletivo.” (Freud, 1913-1914/1996, p.57)

A neurose obsessiva para Freud revela-se como a grande denunciadora do pai morto que continua a atormentar fantasmaticamente, como uma crença individual, uma religião a cultuar o pai morto na figura do Outro. Para Freud, o ponto concreto tanto da questão antropológica quanto da situação neurótica individual situa-se na relação com o pai:

os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: — a relação do homem com o pai (Freud, 1913-1914/1996, pp.111-112).

Entre a horda primitiva e o social, o pai morto zela para que o gozo sexual se mantenha interditado, posto que, o preço pela união fraterna é a proibição do incesto. As mulheres de outro clã, resultado da troca destas pelas irmãs da fraternidade, encarnam assim tanto o suposto objeto perdido quanto sua parcial recuperação. Do início ao fim de sua obra, Freud se põe questões quanto às relações entre pulsão e seu interdito, sobre o gozo sujeitado ao recalque e a função que o pai exerce.

ambos os casos teria sido substituído por um animal, havia sido metamorfoseado neuroticamente em um totem.

A função primeira do pai edípico é de normatização através da interdição ao objeto primordial pela via da ameaça de castração, entretanto, é possível constatar uma outra consequência concomitante à normatização: a vetorização do desejo para objetos substitutivos. (Vidal, 2005)

O assassinato do pai proporciona a separação entre o gozo e o desejo fundado na lei de proibição do incesto, bem como assegura uma relativa pacificação dos laços sociais entre os sujeitos, visto que a proibição do assassinato do Outro se torna uma de suas decorrências. O totemismo revela que a decorrente aliança com o pai morto assegura a estabilidade das normas do jogo social:

o sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai — proteção, cuidado e indulgência — enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real (Freud, 1913-1914/1996, p. 104).

Entretanto, a horda primeva não é a mesma da constelação edípica, o *Urvater*—o pai que goza - não é o mesmo pai do interdito do mito edipiano. O pai primevo denota sua potência animalesca ao se satisfazer de forma exponencial com todas as mulheres pertencentes à horda, visto constituir-se como um pai anterior à proibição do incesto. (Vidal, 2005)

O *Urvater* livre de todo e qualquer laço com os membros da horda, resto da operação decorrente do Édipo, de acordo com Vidal (2005) representa o gozo que não foi negativizado pela castração da qual se acha inicialmente alheio. Expressão da unificação de resto e de exceção, o lugar do pai permanece vazio, posto que nenhum membro da fratria pode ocupá-lo, e leva consigo para o túmulo um pretenso gozo⁴¹ perdido. Seu lugar se tornará assim almejado e sua figura, um objeto da nostalgia da *Vatersehnsucht*, nostalgia do pai. No livro *O Futuro de Uma Ilusão* (1927), Freud fará do *Hilflösigkeit* da criança, o propulsor da nostalgia deste pai:

o desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (Freud, 1927/1996, p.13).

Podemos depreender das colocações de Vidal (2005) que o pai, traumático e pacificador ressurge na concepção paradoxal do Édipo, no qual o sujeito inicialmente perverso tem seu gozo limitado pelo pacto edípico a fim de libertar-se da letal submissão à mãe. Ao mesmo tempo, a partir da interdição paterna, o sujeito interioriza os ideais do eu que lhe possibilita recalcar a satisfação pulsional de sacrifício ao gozo, supostamente fazendo-se amar por este pai. Uma renúncia de paixões que provoca outras renúncias alimentando a exigência de um supereu insaciável. A pulsão e o interdito se instituem a partir de um ponto comum.

Pelo mito do assassinato do pai da horda, Freud nos aponta claramente que a “morte de deus” não coloca a ordem social em risco, visto que a verdade desse mito moderno que está recalcada é o parricídio, pelo qual a origem da lei e o fundamento das religiões se constituem.

Contrastando com o mito de Édipo, berço do incesto que dá lugar ao parricídio, para Vidal (2005) no mito de Totem e Tabu após o assassinato do pai os irmãos se interditam o gozo. Conforme Lacan formula nas conferências de Bruxelas, conferências estas intituladas Ética da Psicanálise,

esse Pai só interdita o desejo com eficácia, é o que nos ensina *Totem e Tabu*, porque está morto e eu acrescentarei: porque ele próprio não o sabe, entendam, que ele está morto. Tal é o mito que Freud propõe ao homem moderno na medida em que o homem moderno é aquele para quem deus está morto, entendam que ele acredita sabê-lo. Por que Freud se engaja neste paradoxo? Para explicar que o desejo será ainda mais ameaçador e, portanto, a interdição mais necessária e mais dura: Deus está morto, nada mais é permitido (Lacan, 1960/2005, p.9).

De acordo com Vidal (2005) Freud estabelece a obediência e amor ao pai dos quais a culpa trágica faz tributo, ligando o assassinato aos efeitos dele decorrentes, uma

ligação *a posteriori*, tal como ocorre no retorno do recalcado. Entretanto não é o assassinato do pai que está associado à culpa, mas à castração, visto que se goza ainda menos por amor ao pai. Não se devota amor ao Outro porque sacia necessidades, a proposição freudiana demonstrou, se assim pode-se dizer, é que a castração se encontra na base do sacrifício narcísico dos sujeitos pelo amor do líder.

Nesse sentido, se Freud através de Totem e Tabu faz do pai morto o fundamento da ordem social, Vidal (2005) igualmente nos adverte:

para não esquecermos a face obscura do pai, do pai que goza e que é objeto de amoródio, do que Freud denomina ambivalência afetiva, a convergência num mesmo objeto de impulsos amorosos e hostis: o totem não é apenas venerado, mas temido, assim como o tabu é objeto de repulsa e fascínio. (Vidal, 2005, s/p).

Encontramos por toda obra freudiana pais epocais (o pai do trauma, o pai do Édipo, o pai de Moisés e o Monoteísmo), pais que apresentam uma teoria em evolução através de suas diferentes funções. Exemplarmente, quando Freud fala do pai da horda primitiva em Totem e Tabu (1913), evidencia pela narrativa mítica não somente o pai interditor presente no Édipo. Nesse texto o pai surge como uma figura que além de fundamento da ordem social, direciona e regula o desejo. Um pai morto, enquanto símbolo da universalidade e unicidade, mas vivo por apontar para onde se encontra seu objeto primordial evidenciando “que a realidade psíquica não é recoberta nem por um nem por outro.” (Vidal, 2005, s/p).

5. DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE O DECLÍNIO

Supomos que atualmente nos deparamos com uma “decadência dos grandes referenciais de avaliação” (Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014, p. 202). As grandes transformações em nossas sociedades a partir do desenvolvimento tecnocientífico, social, jurídico, político e econômico nos impõem interrogantes a respeito das certezas e balizas sobre as quais ontem nos apoiávamos:

Se antigamente as escolhas dos sujeitos eram norteadas pelos sólidos códigos de interpretação ofertados pela tradição, pela autoridade ou pela religião, hoje se observa um desmoronamento das balizas que conferiam coesão à sociedade. (Lustoza et al, 2014, p.202)

Bauman citado por Lustoza et al. “chama de 'modernidade líquida' esse tempo em que qualquer convicção assumida pelo sujeito torna-se transitória, frágil, prestes a se volatilizar e dar lugar a outra.” (Bauman *apud* Lustoza et al., 2014, p. 202).

Nesse sentido, os avanços sociais, tecnológicos e o consumo não são suficientes para contribuir para que o indivíduo faça escolhas, mas colocam em evidência cada vez mais a falta e o desamparo do ser humano. O termo desamparo *Hilflösigkeit*, mais precisamente do *Hilflösigkeit* psíquico, é apontado por Freud na Conferência XXXII, “Ansiedade e vida instintual” como uma incapacidade de ajudar a si mesmo psiquicamente. Nesse sentido o termo desamparo presume uma posição do sujeito na qual evidencia-se em Freud a sua intuitiva noção sobre o primado e a prevalência de um outro na constituição psíquica do sujeito.

Em função da queda de referências tradicionais os indivíduos passam a ter que determinar-se por si mesmos, tanto individual como coletivamente, em um século no qual a suspensão dos limites é anunciado, um limite caduco, sem dificuldade de ultrapassamento.

A análise sociológica de Lasch (1984/1990) sobre a cultura atual constata uma “cultura organizada em torno do consumo”, uma cultura do sobrevivencialismo, estimulante do narcisismo que converte os indivíduos em seres frágeis e dependentes. Na análise de Lasch, aquilo que pertence ao mundo público invade o mundo privado através do consumismo e de outras estratégias de poder. A promessa consumista da capacidade de produzir

um eu desejável apenas disfarçaria a impotência dos indivíduos. O capitalismo reduz os indivíduos em objetos intercambiáveis os quais estabelecem relações com outros também como puros objetos capazes de gratificar necessidades do eu, nada mais resta que a busca contínua do prazer. Lasch conclui:

Numa sociedade que reduziu a razão a mero cálculo, a razão não tem como impor limites à busca de prazer – à gratificação imediata de qualquer desejo, por mais pervertido, insano, criminoso ou apenas imoral que seja. Pois os princípios que condenariam o crime e a crueldade derivam da religião, da compaixão, ou do tipo de razão que rejeita aplicações puramente instrumentais; e nenhuma dessas formas antiquadas de pensar ou sentir tem um lugar lógico numa sociedade baseada na produção de mercadorias. (Lasch, 1979/1983, p. 69)

A sociedade que reduziu a razão ao mero cálculo está marcada pela ausência de limite. Sem interdição, o sujeito passa a sentir-se marginalizado e a desresponsabilizar-se ensejando a dificuldade em lidar com a alteridade. À ausência de limite constata-se o consequente impacto sobre o estabelecimento dos laços sociais. Para Dufour na atualidade se dá “a prática de ruptura, de rejeição do laço com o Outro” expresso na dificuldade na socialização, na passagem ao ato, nas adições e na violência. (Dufour, 2003/2005, p.23)

Segundo Lara Júnior (2010) “Lacan nos mostra que na constituição do laço social há uma economia de gozo posta nas relações discursivas” (Lara Junior, 2010, p. 127). Em uma sociedade neoliberal segundo Birman (2006a), é favorecido um rompimento do laço com o Outro, transformando assim cidadãos em meros consumidores e para os quais, se impõe a exigência ao gozo imediato. A cultura ao consumo provoca uma autossuficiência ilusória, com o agravamento do individualismo e do hedonismo dando origem a diversos sintomas típicos do nosso tempo, tais como mal-estar com a vida, conflitos associados ao corpo e a comida, automutilação na ânsia de sentir intensamente as emoções, a intensa apatia e o tédio no viver.

O sintoma e a cultura

Nesse sentido, pensamos que atualmente o sujeito que adentra o consultório não é mais o mesmo que tomava o lugar ao divã há alguns anos, pois, enquanto as patologias

clássicas, descritas por Freud, se configuram em torno do pensamento e da culpa, as atuais colocam em evidência a vergonha, a insuficiência frente aos pares e ao registro exterior, caracterizando-se muito mais como patologias do ato ou do afeto cujos registros, estariam centrados no corpo, na ação e no sentimento como aponta Birman (2006b). Isolamento, dificuldade no estabelecimento de laços sociais, individualismo, ausência de responsabilização, multiplicação de comportamentos compulsivos, epidemia do ódio, da violência, do crime e da passagem ao ato dentre outros, denotam sinais de uma alteração na subjetividade e no laço social contemporâneo.

Safatle (2005) aponta Zizek como um dos autores que compreende que a psicanálise não se contenta em ser uma clínica da subjetividade, mas coloca-se como “crítica às formações socioculturais da modernidade capitalista”. Se em Freud a cultura se apresenta aliada à repressão internalizando as proibições sociais em direção a um sem gozo a autoridade paterna assume uma função de culpabilizar o prazer sexual.

Nesse sentido, Safatle (2005) considera que o mundo contemporâneo do consumo leva à ética do direito ao gozo. A figura do supereu contemporânea passa a estar atrelada à “obrigação da assunção dos fantasmas”, não mais à repressão ao gozo, mas ao gozo como imperativo, onde a própria repressão é recalcada, dando lugar à renúncia pulsional. (Safatle, 2005)

Como afirma Assoun (1993/2008, p.60), o sintoma pode ser entendido como o revelador da verdade social, de uma verdade velada sobre a qual a civilização é fundada. O sintoma não revela apenas o funcionamento do psiquismo, podendo nos informar sobre a cultura na qual está inscrito o sujeito que sofre. Autores da psicanálise têm teorizado a respeito das alterações constatadas na clínica evocando as mudanças culturais para fundamentar o surgimento de novos quadros sintomáticos de atributo narcísico, a partir do patente depauperamento dos vínculos sociais e dos investimentos objetivos.

Para muitos psicanalistas atuais não se trata de “evocar simples modificações do social e suas incidências na subjetividade de cada um, mas de examinar uma mutação inédita que estava produzindo seus efeitos. Efeitos que podem ser maiores e englobar tanto o indivíduo quanto a vida coletiva” (Melman, 1931/2003, p.12). Efeitos sobre uma sociedade

cuja privação das referências tradicionais incide “sobre a subjetividade e o futuro psíquico do homem contemporâneo” (Melman, 1931/2003, p.13).

Contexto cultural e o pai

Lasch (1984) sinaliza para a ausência emocional do pai observada pelos estudiosos da família moderna. Tal ausência, segundo o autor, configura-se particularmente importante devido à “remoção de um obstáculo significativo à ilusão infantil de onipotência.” (Lasch, 1986, p. 176). Essa ilusão infantil de onipotência, “intensifica o medo da separação, ao mesmo tempo em que enfraquece os recursos psicológicos que tornam impossível enfrentar tal medo de forma realista” (Lasch, 1986, p. 176). Seguindo a reflexão do autor, a instauração da família igualitária e o processo de socialização do *infans* por outras agências diferentes daquela da família interferem nas interdições culturais o que impede ao indivíduo de lidar com “sua própria debilidade e dependência” (Lasch, 1986, p. 175).

Nesse sentido, Jean-Pierre Lebrun relaciona a perda da autoridade paterna na família ao avanço e especialização do conhecimento científico. A ciência apagando a dimensão de enunciação em favor de enunciados sem autor deslegitima a noção de autoridade paterna. O autor enfatiza o pai real como sendo o suporte da linguagem e sua autoridade propicia apartar o *infans* de sua ligação fortemente imaginária à mãe:

a intervenção do pai real é, portanto, importante, não tanto porque presentifica para o sujeito que mãe já tem dono e que, nesse sentido, isso põe fim a qualquer esperança de tirar gozo daí; simultaneamente, é a consentir na impossibilidade própria da linguagem que ela leva a criança (Lebrun, 2001/2004, p. 39).

Para Lebrun a dessacralização da figura paterna pelo discurso científico teria engendrado a dificuldade em lidar com a alteridade no mundo pós-moderno (Lebrun, 2001/2004, p. 129). O psicanalista considera que a forma como o sujeito lida com a castração está diretamente relacionada à dialética familiar estrutural da linguagem, e determinará a forma como ele lida com a castração, e, portanto, com a alteridade. (Lebrun, 2001/2004, p. 37).

Para Birman (2000) não havendo mais a figura humilhada do pai da modernidade, concebe-se a nulidade de uma referência transcendente, criva-se a ausência de referência de um ideal, recaindo na escassez de recursos para o sujeito lidar com a pressão pulsional.

Nessa perspectiva Figueiredo (2003) se refere aos nossos tempos como a cultura da esquizoidia com os laços sociais rompidos, sem o compromisso com a lei instauradora e reguladora do campo social:

Trata-se aqui de um novo pavor que nada tem a ver com a culpa. A cultura da esquizoidia nem operam o medo pânico da punição, nem o terror diante das transgressões e, menos ainda, os motivos da compaixão e da solidariedade. Os laços sociais tão esfarrapados e desinvestidos do regime ultra-individualista não suportam nem a compaixão nem o compromisso com a lei que institui e regula o campo social. As ameaças chegam, assim, destituídas de qualquer dimensão moralizante, como eram aquelas que provinham do superego rigoroso dos velhos bons tempos, que podia ser cruel, mas também comportava uma dimensão de justiça e uma promessa de proteção. (Figueiredo, 2003, p. 56)

Nesse contexto cultural a figura do pai nunca esteve tão em evidência. Aliás, sempre esteve em evidência na psicanálise. Os pais das histéricas de Freud surgem como pais sedutores, pais viris e traidores responsáveis pelo sofrimento e pelas dores da mente e do corpo, assim como os pais rivais, fracos, humilhados e decadentes dos obsessivos, pais que precisariam ser salvos e reerguidos.

Segundo Piera Aulagnier-Spaurani (1967) o pai castrador é o promotor da interdição para a mãe e para a criança, responsável por uma lei inaceitável e instrumento dócil desta mesma lei. O pai na clínica freudiana é o executante da experiência de castração, experiência essa que se torna constitutiva e organizadora do sujeito, tornando-o habilitado para, a partir da lei, desejar e gozar. O pai do mito freudiano de Totem e Tabu para Lacan é um pai que se apresenta interditor do gozo ao mesmo tempo em que dá acesso ao desejo, apresentando-se igualmente castrado. Tal concepção atesta mais uma vez, o deslocamento da figura real do pai, deslocamento do pênis da fisiologia para o do falo do significante.

5.1 SOBRE O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE

Zafiropoulos (2002) aponta que assistimos a uma utilização indiscriminada, por parte da comunidade psicanalítica, do declínio da *imago social* paterna e do declínio da *função* paterna como sendo sinônimos. O autor aponta sua discordância quanto a uma reprodução acrítica do declínio da função paterna por parte de alguns psicanalistas, sem a devida consideração às noções renovadas de Freud somada ao medo à epistemologia e a falta de ponderação no que diz respeito à transferência dos autores (Freud e Lacan) no momento da elaboração da teoria (Zafiropoulos, 2002, p. 26). Nessa perspectiva, segundo o comentador a falta de sistematização do conceito de declínio da função paterna nas obras de Lacan contribui para a confusão por parte de autores pós freudianos.

Nesse sentido, Tort *apud* Araújo (2011) chama a atenção para a importância do esclarecimento do exato alcance do discurso do declínio do pai e sua associação a uma destruição das condições de subjetivação:

[...] é muito importante chegar a esclarecer o alcance exato do discurso sobre o declínio do pai, para julgar se nossas sociedades efetivamente estão destruindo desconsiderada e perversamente as condições de subjetivação, como sustentam alguns, ou se estas declarações são por sua vez uma reação angustiada frente à mudança das relações entre os sexos e um meio recíproco de intervir para conservar as antigas relações, brandindo (como só o fazem os profetas) a ameaça de catástrofes subjetivas. (Tort *apud* Araújo, 2011, p.16)

Araújo (2011) em seu artigo no qual estabelece uma crítica sobre a tese do declínio da função paterna, assinala a importância da diferenciação da função paterna enquanto “operador lógico intrapsíquico, de qualquer formação sintomática na clínica, ou de qualquer fenômeno social proveniente das reorganizações históricas de poder”. A consequência de uma indiferenciação nesse campo resultaria em um “discurso moralista e nostálgico de um pai que nunca existiu” alienando a psicanálise “do seu sujeito, do seu campo epistemológico, da sua ética, e do seu papel na atualidade.” (Araújo, 2011, p. 8)

Vidal (2005) assinala que o tema do declínio tornou-se praticamente um assunto banal, “um jargão de psicanalistas das mais variadas tendências que não cansam de consta-

tar o declínio social do pai, tema repetido exaustivamente pela mídia” (Vidal, 2005, s/p) denunciando uma estagnação conceitual na figura do pai humilhado em Freud sem se considerar a evolução em Lacan que revisita os vários pais de Freud.

Segundo o autor: “Em nosso entender, o pai humilhado seria o pai dessa época na qual o sujeito se encontra desencaixado do cosmos, desprovido de garantias e remetido à facticidade da sua existência.” (Vidal, 2005, s/p). Nesse sentido, ressalta a importância da distinção do papel social da figura paterna e a função que lhe é atribuída em psicanálise:

Dito de outra forma, Lacan precisa que o importante para a psicanálise não é a carência do pai na família, mas por relação à função de exceção que deve cumprir no complexo de Édipo. Ele nos convida, portanto a desconfiarmos da abordagem psicológica ou sociológica, das afirmações peremptórias que denunciam como a demissão, a deficiência do pai é responsável pelos atuais fracassos na educação das crianças. Para traçar a distinção entre as figuras e os papéis sociais do pai e a função que a psicanálise lhe confere, ele fraciona *é-pater* para equivoocar com esse verbo que significa quebrar a pata ou o pé (lembramos de Édipo, pés inchados em grego) e igualmente espantar. Dois atributos que nos remetem ao pai-sintoma, o qual, embora submetido à lei da castração, fornece também o modelo de uma solução para a castração ao tomar uma mulher como objeto causa de seu desejo. Desde que o pai tenha esse sintoma, pouco importa que tenha todos os demais, é o que basta para que possa ser tomado como modelo da função sintoma. Num estilo altamente irônico, eis a versão lacaniana da tão decantada figura do *pater famílias*, pouco importa que mítica ou efetiva. (Vidal, 2005)

Encontramos em Fleig (2008), ao referir-se à sociedade sem pai e seus efeitos, como descrito por Melman em seu retorno a Schreber⁴². Segundo Fleig, trata-se na prática de uma crescente desautorização da função paterna, um discurso sem referência a um terceiro, incidindo em um impedimento de operação de metáfora e metonímia, uma colagem no discurso da certeza, revelando uma progressiva impessoalização. Fleig apresenta uma nova economia psíquica, concepção melmaniana a respeito dos efeitos na atualidade, resultado do “afastamento das leis da linguagem e do reconhecimento da referência simbólica demarcada pela instância paterna.” (Fleig, 2008, s/p)

⁴² O psicanalista refere-se à obra: Melman, C. (2006) Retorno a Schreber: Seminário 1994-95 – Hospital Henri Rousselle. Tradução de Conceição Beltrão Fleig. Porto Alegre: CMC.

Autores como Charles Melman (2003), formulam o declínio da imago paterna na direção de uma forclusão do Outro. Segundo o autor entramos em um período que é marcado pela prevalência de um diálogo horizontal com o semelhante, com o outro, mas sem dar maior atenção e interesse pelas mensagens que poderiam vir do Outro, a palavra não tendo mais outro referente senão a autoridade do locutor.

Melman (2003) relaciona como razões para a forclusão da relação com o Outro⁴³: a queda das grandes ideologias que se propunham a transformar a sociedade; o desenvolvimento de uma economia que chamamos de neoliberal, que considera assegurar o gozo a todos, cuja ideologia é convidar os parceiros sociais a transpor todas as restrições de gozo, que poderiam vir-lhes da mensagem recebida do Outro; a parcela do progresso tecnológico que coloca o sujeito em direção à renúncia às particularidades culturais; a prevalência da relação dual; a tecnologia que nos torna mestres do sexo e por outro lado o gozo genital por ela dominado; e o desligamento em relação à linguagem, desinvestida por sistemas de comunicação mais simples e diretos. Se há uma forclusão do Outro, há a forclusão dessa instância ideal do Outro, cujas restrições que ela impõe ao gozo são contrárias aos ideais da economia liberal. (Melman, 2003b).

Nesse sentido, o destino da figura paterna igualmente modificou-se na atualidade. Se a figura paterna até então exercia um papel no sentido de colocar o impossível como promotor do desejo, na atualidade passa a estar a serviço do gozo, transformando-se avessamente em uma figura que interdita o desejo. Do pai que impede o gozo, passa-se ao pai que personifica o imperativo - Goze! (Melman, 2003a, p. 22).

Em decorrência assistimos uma aparente liberdade do sujeito, se é livre porque goza, entretanto, o psicanalista afirma tratar-se de um gozo objetual. Para Melman, a evidência do pai declinado se efetiva pela atual identificação do sujeito ao objeto. Uma das grandes consequências clínicas é que o sujeito torna-se um sujeito atópico, um sujeito que não consegue mais encontrar seu lugar, sua própria voz, trata-se de um sujeito que parece sem consistência, sem projeto fixo, “sem votos que lhe seriam pessoais” porque não é preciso rejeitar mais nada. (Melman, 2003a, p. 153).

⁴³ Considerado pelo autor o primeiro traço da mutação cultural em curso.

5.2 TESE DO DECLÍNIO EM DUAS CORRENTES DE PENSAMENTO

Segundo Xavier (2017), podemos constatar a existência de duas correntes de pensamento entre os comentadores de Lacan, a respeito da tese do declínio da função paterna. Nas argumentações das duas correntes, dois aspectos estão presentes: a vulnerabilidade sócio-cultural da figura paterna e a condição da função psíquica deste na constituição do sujeito.

Uma das correntes, composta por autores tais como Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun, atesta uma conjunção entre os declínios da imagem social do pai e o declínio da função paterna. Estes autores consideram prevalente que a incidência de mudanças culturais e discursivas sobre a autoridade atribuídas ao pai acarretam consequências danosas sobre o papel da função paterna na constituição psíquica.

A segunda corrente representada por Marcos Zafiropoulos discorda da associação das duas proposições. Segundo Zafiropoulos além de um distanciamento temporal sobre-põe-se a teorização, visto que após 1953, a teoria lacaniana não justifica o declínio da função paterna por uma lei de contração familiar com base durkheimiana. A repetição do discurso do declínio da família patriarcal, que está na base da tese da nova economia psíquica, se constitui nociva e seu uso pouco criterioso induz a um sentimento de nostalgia do pai. (Zafiropoulos, 2002).

6. PECULIARIDADE DO DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Dentre os psicanalistas atuais apontados por comentadores, destacamos para estudo neste último capítulo Jean-Pierre Lebrun e Charles Melman, psicanalistas que demonstram seus esforços na direção de refletir sobre questões atuais relacionadas à civilização e sobre uma mutável realidade cultural. A escolha destes autores se dá pela extensa obra sobre a psicanálise nos tempos modernos.

Dois dos livros mais conhecidos de autoria de Charles Melman, *Novas formas clínicas* no início do terceiro milênio (2003) e *O homem sem gravidade: gozar a qualquer*

preço (2003) apresentam sua teoria sobre o sujeito contemporâneo, sua atual constituição e a falta de autoridade e de referenciais. O tema da questão do declínio da função paterna, objeto de nossa pesquisa encontra-se abordado nestas obras, a primeira resultante de um seminário proferido por Melman em Curitiba nos anos 2002. O livro resultante desse seminário foi largamente difundido e concede suplência à segunda obra, uma coletânea de entrevistas entre os psicanalistas Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun realizadas no período de julho de 2001 e julho de 2002, tendo sido esta última utilizada como base para pesquisa de diversos trabalhos em psicanálise.

Por sua vez, Jean Pierre Lebrun, em seu livro *O mal-estar na subjetivação* (2010) a partir de uma análise da família contemporânea incita o leitor a refletir sobre as novas formas de subjetivação. Segundo o psicanalista, as repercussões do declínio do pai do patriarcado seguem congruentes com a evolução da democracia, dos progressos da tecnociência e do liberalismo econômico (Lebrun, 2010, p.15) os quais escamoteiam a inevitável dissimetria entre gozo e desejo. Para Lebrun o declínio inicia-se a partir do século XVIII com a Revolução Francesa e com o crescente descrédito da sociedade em relação à autoridade como “figura de exceção” (autoridades monárquicas e religiosas). Lebrun se interroga se o declínio do pai do lugar de exceção no social contempla um declínio desse mesmo lugar no seio familiar. As modificações estruturais na família pela alteração da noção de parentesco – a qual contempla a dissimetria entre os sexos, para a noção de parentalidade – a qual contempla igualdade entre homem e mulher – abalam o reduto da dissimetria instaurada pela metáfora paterna.

As duas obras de Melman assim como a de Lebrun além de se complementarem quanto aos assuntos abordados, apontam para um ponto comum no tocante ao tema do declínio: a mutação cultural e a nova economia psíquica decorrente.

6.1 CHARLES MELMAN E A MUTAÇÃO CULTURAL

A psicanálise nos anos 2000 foi marcada por uma turbulência visto que o ano de 1998 assinala um período de intensos conflitos tanto na psicanálise nacional quanto na psicanálise mundial. A crise que assolou a Associação Mundial de Psicanálise teve repercussões no cenário mundial. Neste período os temas abarcados por psicanalistas, dentre estes

Melman, concerniam aos rumos que a psicanálise deveria tomar e os impasses decorrentes. A psicanálise neste início de terceiro milênio trabalhava questões que envolviam a filiação, ordem simbólica e sexualidade e surgia na obra de Melman a teoria de uma mutação cultural.

A tese de uma mutação cultural por parte de Melman data desde 1987 quando em seu artigo *O porver II* anuncia sua emergência e seu impacto sobre as relações sociais. Segundo o psicanalista tal mudança deve-se ao intenso progresso técnico, mas sem uma intenção diferentemente definida levando a uma alteração do lugar desde onde se tinha exercido o poder para um outro, para o campo do olhar. Segundo Melman, a imagem passa a funcionar como nova autoridade (Melman, 1987/2000).

A mutação cultural é novamente apresentada em outras duas obras: *O homem sem gravidade* (Melman, 2003a) e *Novas formas clínicas* (Melman, 2003b). Jean Pierre Lebrun, co-autor do livro, observa que o termo mutação, considerada como uma “evolução do social” tem estado sempre presente nas considerações de Melman em seu ensino (Lebrun, 2009, p.8).

Para Xavier (2017) o uso da palavra mutação por parte de Melman, não se dá ao acaso. O filósofo francês Dany-Robert Dufour em seu livro *A arte de reduzir cabeças*, publicação original datada de 2003, mesmo ano da publicação de *O homem sem gravidade* de Melman, enuncia igualmente uma mutação antropológica e histórica. Para Dufour, tal mutação não se trata de uma hipótese teórica visto que podemos atestá-la por acontecimentos diversos, tais como o domínio do mercado, as dificuldades de subjetivação e de socialização, pela multiplicação das passagens ao ato, etc.

Tanto Dufour quanto Melman empregam o termo mutação. Termo emprestado da biologia, o qual nos sugere, a partir deste contexto, uma radicalidade e irreversibilidade dos processos de alteração na cultura atual. O resultado de mutações, em geral, causa um efeito de estranhamento por apresentar algo diferente daquilo que habitualmente se tem contato, no caso específico, em virtude de estarmos inseridos na cultura que produz a mutação, temos maior dificuldade em percebê-la como estranha.

Ainda nesta reflexão quanto ao termo mutação, de acordo com Xavier (2017) podemos pensá-la igualmente a partir de uma perspectiva evolucionista. O termo evolução

encontra-se em uma associação ao termo mutação pelo caráter biológico de mudança.⁴⁴ Nesse sentido, seguindo uma mesma lógica, os sujeitos que não se adaptam às mudanças decorrentes desta mutação cultural possivelmente, por uma seleção natural, ficarão excluídos desta nova maneira de laço social.

De acordo com Melman estamos lidando com uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo. (Melman, 2003a). O sujeito cuja organização psíquica encontra-se fundada no recalque tem em seu sintoma a maneira própria e privilegiada de dar conta da sua falta. O sintoma configura-se como uma maneira própria do sujeito confrontar-se com a impossibilidade do (re)encontro do objeto perdido, àquele que de forma fantasística e fantasmática, e portanto, ilusória, o conduziria à satisfação de seu desejo. Dirigido em sua ininterrupta busca de satisfação o sujeito é impulsionado a procurar formas substitutivas de prazer.

Em Freud, é preciso perder o objeto primordial para que seja possível ao sujeito o acesso ao mundo da representação, ao mundo do desejo. É pelo pai que a dimensão desidêrática é possível ao sujeito. Na medida em que o pai efetiva a interdição da satisfação pulsional, ao mesmo tempo indica os meios de sua ultrapassagem assim como o objeto a buscar.

A função do pai é privar a criança de sua mãe e assim introduzi-la nas leis da troca; em lugar do objeto querido, a criança deverá compor, mais tarde, com um semblante. É essa operação que prepara a criança para a vida social e a troca generalizada que a constitui: trate-se de amor, então, ou de trabalho (Melman, 2003a, p. 34).

Nesse sentido, podemos dizer que a função do gozo é a de interditar a satisfação pulsional, uma proibição simbólica. Assim, há uma dimensão do gozo⁴⁵ que torna possível

⁴⁴ Evolução: teoria de acordo com a qual as espécies sofrem alterações pela ação das mutações e pela seleção natural: evolução das espécies.

⁴⁵ Ao final do livro *O homem sem gravidade*, Jean-Pierre Lebrun inclui um glossário no sentido de auxiliar o leitor no uso do vocabulário da psicanálise, tendo se apoiado nos dicionários de psicanálise particularmente no de Roland Chemama e Bernard Vandermersch. Transcrevemos aqui a definição de gozo tal e qual consta nesse glossário a fim de bem circunscrever o emprego pelo psicanalista no contexto da referida obra. GOZO (p. 204): “Quando o termo é empregado por analistas, não se deve entendê-lo em sua acepção usual, ainda que nem por isso esteja dissociado dela. Com efeito,

ao sujeito uma satisfação parcial ao se pagar um preço. O neurótico, cuja economia psíquica está fundada no recalque, tem um preço a pagar pelo seu gozo. Para a histérica o preço pago sempre é excessivo enquanto que para o obsessivo lhe resta uma dívida não totalmente quitada. Nesse sentido, os objetos sempre serão parciais, visto que a satisfação obtida será sempre e igualmente parcial, nunca completa.

Melman (2003a) propõe que a mutação cultural é depositária de uma nova economia psíquica, diferindo amplamente da teorizada por Freud. O mal-estar atual seria de outra ordem, na qual o gozo é celebrado e incentivado em vez de ser evitado. Nesse sentido, a economia neoliberal de mercado e a nova economia psíquica convidam o sujeito a extrapolar as mensagens que o Outro possa enviar-lhes, aceitando o excesso de formas de gozo.

Nesse sentido, na sociedade atual, o terceiro que garante o cumprimento da Lei está perdendo o seu lugar. Os contratos e acordos estão sendo tratados diretamente entre os indivíduos, ocorrendo no consenso social uma autorização da suspensão da dívida com o Outro. Os relacionamentos se tornam duais não havendo mais quem garanta a justiça das relações de troca. Apesar de ainda existirem candidatos a Outro uma mirada mais cuidadosa revela que todos estão submetidos a tal ideologia neoliberal. Assim sendo, a sociedade de consumo torna-se um convite incessante a serem ultrapassados os limites da satisfação.

6.2 APAGAMENTO DE LIMITES

No tópico deste capítulo subtítulo Sobre o declínio da função paterna na atualidade abordamos a forclusão do Outro como primeiro traço da mutação cultural em curso. Outro traço evidenciado por Melman como decorrente da mutação cultural é o apagamento dos limites. As novas tecnologias são um bom exemplo desta opacidade, visto oferecerem

comumente o termo “gozar” remete ao gozo sexual e, a esse título, deixa entender que parcialmente tem uma ligação com o prazer. Mas, simultaneamente, o gozo está além do prazer. Aliás, Lacan indicou que o prazer era uma maneira de se proteger do gozo. Da mesma forma que Freud indicava que havia um “além do princípio do prazer”. Assim, beber um vinho de qualidade pode ser qualificado de prazer, mas o alcoolismo transporta o sujeito para um gozo do qual ele seria, sobretudo, o escravo. Por extensão, a palavra pode ser utilizada para designar o próprio funcionamento de um sujeito enquanto aquele que repete infatigavelmente tal ou qual comportamento sem de modo nenhum saber o que o obriga a assim permanecer – como um rio – no leito desse gozo.” (Melman, 2003a, p. 204)

ao sujeito formas artificiais de gozar por meio de variados objetos, conformando-se como mais um produto, uma mercadoria na nova economia psíquica.

A psicanálise, entretanto, adverte que é a partir da falta do objeto que a especificidade daquilo que é humano se organiza, ou seja, é a partir de um objeto supostamente perdido que o humano emerge. Se o lugar próprio do limite é estabelecido pela inscrição dessa perda, Lebrun coloca em questão a paridade entre a transgressão a esse limite à realização de um incesto. (Melman, 2003a)

Lebrun em *O Homem sem gravidade* interpela Melman quanto à possibilidade de estarmos diante de uma nova economia psíquica, que sem ser propriamente incestuosa, empurra o sujeito para o incesto. Melman assente, mas refere-se a um incesto que “não necessita de uma realização, de sua realização figurada clássica, quer dizer, de uma ligação com a mãe para existir” (Melman, 2003a, p. 34), mas um incesto no sentido de uma carência de interdição, uma ausência de limites.

Nesse ponto, Melman faz referência a uma das bases da teoria psicanalítica: a função do pai. Segundo o psicanalista, “a função do pai é de privar a criança de sua mãe e assim introduzi-la nas leis da troca, preparando-a para vida social e para a troca generalizada que a constitui.” (Melman, 2003a, p. 34). Entretanto, sublinha o problema relacionado ao pai na atualidade, “não há mais autoridade, função de referência. Ele [o pai] está só e tudo o convida, de qualquer modo, a renunciar a sua função e simplesmente participar da festa. A figura do pai se tornou anacrônica.”⁴⁶ (Melman, 2003a, p. 34).

6.3 O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA EM LEBRUN

A tese da conjunção entre os declínios da imagem social do pai e o declínio da função paterna pode ser melhor compreendido a partir das elaborações de Lebrun tendo em vista que o autor é explícito quanto sua linha de pensamento sobre o tema em questão, di-

⁴⁶O termo anacronismo, segundo o que o dicionário nos explicita: “consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época”. O termo pode reenviar-nos igualmente à noção de obsolescência, característica própria do que é obsoleto, superado, ultrapassado, ou que perdeu a utilidade, decadente.

ferentemente do que observamos em Melman⁴⁷. Para isto, o trabalho de Correia (2018) nos fornece importantes aportes.

Doutor em Medicina com formação em psiquiatra e psicanálise, atualmente membro da Associação Freudiana da Bélgica e um dos fundadores da Associação Lacaniana Internacional, Lebrun constitui-se como um dos autores que se debruça sobre a análise da clínica em função do contexto social, das modificações verificadas na família e mais fortemente das alterações do discurso no tocante à autoridade paterna.

Os fundamentos do declínio do poder paterno encontram-se em seus estudos jurídicos e fazem referência à história da paternidade, da filiação e da supressão do conceito de autoridade parental em detrimento de uma co-autoridade parental. Segundo seus estudos a filiação paterna, passa estar subordinada à genética e associada ao direito, convocando a paternidade a partir da hereditariedade, e retornando a associação entre pai e genitor. O conceito de autoridade na atualidade dá lugar, na visão de Lebrun, ao conceito de responsabilidade.

A função paterna e a castração

Para Lebrun a castração ocorre em dois níveis: primário e secundário. No nível primário o pai se presentifica a partir do reconhecimento pela mãe de um terceiro, o pai simbólico, é o pai que opera na cisão entre mãe/filho e que está em sua fala, mas, para que sua inscrição ocorra de forma definitiva, configurando o nível secundário da castração, será necessária a intervenção do pai real, o pai da castração, uma operação amparada em um ser vivo de carne e osso. A função paterna, para o psicanalista, se funda a partir de uma dupla castração, exercida a partir de um lugar, de uma posição ocupada por este pai, tanto para a mãe quanto para o filho. (Lebrun, 2004, 2010)

Entretanto, a posição de Lebrun é a de que não é suficiente que a mãe reconheça tal referência paterna, mas será absolutamente necessário que o meio social ratifique esta função exercida no domínio privado, dando sustentação à intervenção daquele que a de-

⁴⁷ Segundo Rudge (2006) as afirmações de Melman foram proferidas durante uma entrevista, modo este de comunicação que permitiu por um lado isentá-lo de um aprofundamento teórico de suas ideias, mas por outro lado teria evidenciado, segundo a autora, uma posição conservadora por parte do psicanalista em relação às mudanças contemporâneas subjetivas.

semprenha tanto em relação à mãe quanto em relação à criança. Conforme aponta Carvalho (2013) segundo Lebrun

(...) essa entidade, por sua vez, deve estar investida da autoridade de legislar, isto é, de ordenar relações entre indivíduos, tanto no âmbito coletivo (por meio do poder atribuído ao totem nas religiões primitivas) quanto no individual (por meio do reconhecimento, pela criança, de uma autoridade do pai, com o qual se identifica). (Carvalho, 2013, p. 561).

Assim sendo depreende-se que para Lebrun o declínio da função paterna e o declínio social da imago paterna estariam associados a partir do lugar concedido ao pai no social. Lebrun afirma em sua reflexão, que o declínio decorrente no patriarcado não produz fatalmente o declínio da função paterna em termos de estrutura, mas em sendo a função paterna determinante na constituição do aparelho psíquico, necessita

passar pelo exercício real de um pai que quer precisamente consentir em desempenhar o pai concreto e que tradicionalmente podia se apoiar na função patriarcal para sustentar sua legitimidade. (Lebrun 2010, p. 19)

Nesse sentido, Melman analisa como problemático nos dias de hoje, o fato de não havendo figura de autoridade constituída e legitimizada pelo social como um lugar de referência, contribuir para que o sujeito perca o lugar de onde possa fazer uma oposição, de onde o sujeito possa se insurgir contra o imperativo categórico do Goze! a qualquer preço. Segundo o psicanalista em entrevista no site Fronteiras do pensamento a respeito do mal-estar da civilização em Freud e a felicidade na atualidade: “Freud dizia que o mal-estar da civilização era a restrição dos desejos. Hoje, se dirá que a felicidade da civilização será esse encontro em torno do gozo compartilhado” (Melman, 2018, s/p)⁴⁸.

No livro *A perversão comum, viver juntos sem o outro* (2008), Lebrun faz referência a uma mutação do laço social, e lança mão do termo neo-sujeito caracterizando o sujeito estruturado a partir dessa nova economia psíquica. Tanto Melman quanto Lebrun estão de acordo de que vivemos em um período de uma infância generalizada, produção decorrente desta mutação cultural e desta nova economia psíquica, na qual o sujeito se

⁴⁸ Charles Melman: o prazer extremo a qualquer preço 03.02.2018 - <https://www.fronteiras.com/entrevistas/charles-melman-o-prazer-extremo-a-qualquer-preco>

constitui como criatura dependente, tributária da satisfação, em permanente estado de adição.

No livro *O homem sem gravidade*, (2003a) Lebrun e Melman são uníssonos quanto à importância do social na estruturação psíquica subjetiva, bem como à necessidade do patriarcado para que o lugar do pai seja reconhecido, sendo que “um pai não pode se autorizar por ele mesmo, só pode se autorizar pelo patriarcado”, pois “qualquer pai que autorize-se por ele mesmo, trará de volta a figura do pai violento, brutal, como aquele que, por vezes, se vai arrastar para a frente do juiz.” (Melman, 2003a, p. 122).

Na entrevista de Melman, no livro *O homem sem gravidade* (2003), mais especificamente no capítulo IV, sob o título *A impressão da nostalgia*, Melman lamenta que suas respostas possam ter dado o sentimento de que haveria de sua parte uma nostalgia ao antigo regime “[...] uma espécie de lamentação da boa velha neurose de papai, da neurose articulada em torno do amor do pai. De jeito nenhum desejo que se volte, para escapar do mal-estar da civilização, àquele que Freud descrevia” (Melman, 2003a, p.108).

O serviço inestimável de um pai

Praticamente ao final de sua entrevista, Lebrun questiona Melman se não mais nos servindo do pai, haveria outra saída ao sujeito, para que não mergulhasse definitivamente nessa nova economia psíquica. Melman esclarece que o serviço inestimável que um pai pode prestar à sua prole é fazê-la saber, efetivamente, que há um impossível, fazendo-o valer, no campo da realidade, através da interdição do incesto. Tal dimensão, a do impossível, nutridora do desejo, aparece ao mesmo tempo como condição deste. Não se trata, segundo o psicanalista, de celebrar o pai como na religião, ou anulá-lo como hoje fazemos, mas levá-lo em conta. (Melman, 2003a, pp. 176-177)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a tese lacaniana do declínio da função paterna retine nos circuitos de saber psicanalíticos contemporâneos, entretanto, se por um lado pudemos constatar a associação da tese aos modos atuais de estruturação subjetiva, por outro lado nos deparamos com empregos distintos e mesmo divergentes a respeito. Isto posto a própria tese do declínio tornou-se o ponto específico de nosso estudo.

Iniciamos a presente dissertação norteada por uma gama de questões acerca da origem e emprego na atualidade da tese do declínio. Para respondê-las nos referenciamos na leitura do texto lacaniano *Os complexos familiares* de Jacques Lacan publicado em 1938. Neste texto, um dos primeiros escritos pelo jovem psicanalista, pudemos verificar a vanguarda e ousadia da sua proposta ao empreender uma releitura do texto freudiano. Ao tratar das transformações ocorridas no seio da família ocidental moderna, Lacan estabelece a sua tese do declínio social da imago paterno, declínio este cujas consequências são sugeridas pelo psicanalista como impactantes sobre os modos de sofrimento contemporâneo.

No primeiro capítulo consideramos importante apresentar ao leitor a origem deste texto, para no segundo capítulo elencar alguns dos possíveis autores que consideramos estratégicos nessa criação lacaniana: Emile Durkheim, Max Horkheimer e Emile Meyer-son.

Dos pensadores acima citados, certamente Horkheimer consagra-se como autor fecundo com reflexões a respeito do estatuto da autoridade na família burguesa: a família contemporânea. Em seu estudo relacionado à autoridade e família o sociólogo reconhece a fragilidade da autoridade do pai associada à contingencialidade da sociedade de consumo pequeno-burguesa. Segundo o autor, os tipos humanos predominantes na modernidade evidenciam a relevância do estatuto da autoridade do pai tanto para a definição do protótipo de sociedade quanto para possíveis modificações da estrutura psíquica do sujeito. Ademais, destaca o sociólogo as modificações na estrutura psíquica associadas a questões econômicas: “As modificações na estrutura psíquica que caracteriza não só as culturas individuais, mas também dentro de cada grupo isolado determinado por elas, [...], foi ditado pela necessidade econômica” (Horkheimer, 1990, p.178).

A instabilidade caracterizando-se como uma qualidade intrínseca à sociedade burguesa se refletiria nas famílias constituídas dessa sociedade, como Horkheimer declara: “A família, núcleo premente na formação psíquica dos indivíduos, muda sua estrutura e sua função tanto de acordo com períodos isolados quanto também segundo os grupos sociais” (Horkheimer, 1990, p.235).

Horkheimer sugere que o declínio da figura paterna é decorrente e denunciador da crise da família burguesa. Se o pai, era até então indispensável para a economia capitalista, passa a ser desnecessário em virtude do desenvolvimento produzido pela mesma economia. Por sua vez Lacan, em seu artigo Os Complexos familiares, expressa uma análise similar a respeito do declínio do pai ao referir-se a este a partir de uma crise psicológica: “Seja qual for o futuro, este declínio constitui uma crise psicológica” (Lacan, 1938/2003, p. 61).

A família apresenta-se pela mirada lacaniana como uma instituição cultural, sem nenhuma relação com o instintual, não biológica mas dotada de uma historicidade. A família conjugal seria o resultado de uma contração das formas arcaicas e extensas dessa instituição. Ao referir-se à falência da família patriarcal e o surgimento da família conjugal (fenômeno estudado por vários estudiosos dentre eles Émile Durkheim), assim como os decorrentes impactos na subjetividade, Lacan coloca em evidência o tema do declínio considerando-o na ordem de um declínio social da imago paterna (Lacan, 1938/2003, p. 61).

Cabe destacar que Lacan, apesar de sua recente incursão na psicanálise não se restringe a uma análise de aspectos políticos, sociais ou econômicos deflagradores do declínio, mas investe no estudo de possíveis psicopatologias decorrentes. Podemos então dizer que as aproximações lacanianas aos estudos sociológicos de Horkheimer e de Durkheim são limitadas visto o psicanalista evoluir para o reconhecimento de “um grande número de efeitos psicológicos”.

A posição de Lacan enquanto analista se apresenta neste distanciamento da visão original sócio-político-econômica para uma visão clínica. Vale frisar que a formulação original sobre o declínio se dá a partir de suas reflexões sobre o complexo de Édipo - instância de humanização e socialização, que realiza uma mediação entre os dramas pertinentes aos complexos familiares e o espaço do social. Portanto, o declínio é analisado a partir não unicamente da vertente da sociologia, mas principalmente pelo saber psicanalítico.

Essa tese não é essencialmente original nem da psicanálise nem de Lacan, como pudemos constatar através da pena de Horkheimer. Toda a modernidade está marcada desde o século XVII por um declínio da função social da imago paterna na qual o sujeito precisa cada vez menos de um fundamento mítico encarnado e presente para dar conta da interiorização da lei.

Conforme aponta Dunker (2017) o pai torna-se um representante de uma lei mais geral, tendo a função de universalizar uma lei que até então estava restrita ao âmbito próprio familiar. A lei neste contexto está dependente de uma figura que a aplique e encontra-se restrita aos personagens que a representam. Segundo Lacan, a neurose se torna mais aguda na medida em que o pai é percebido como não reconhecido fora da família, ou seja, pela função social da imago do pai. A imago do pai vai gradualmente sendo alterada e substituída pela função daquele que é mais um.

Antes de avançarmos, cabe ressaltar o lugar de destaque da noção de imago na tese do declínio. A imago representa muito mais do que uma figura ou um personagem conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação. A imago carrega em si a marca de uma expressão, de uma modalidade de relação entre figuras específicas que é reativada e revivida repetidamente no comportamento de todo sujeito. Servindo-se do conceito de identificação, Lacan afirma de que se trata da ordem de uma “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”, uma imago. (Lacan, 1949, p. 94). A imago é ao mesmo tempo o resultado da leitura que o sujeito faz do mundo que o circunda e a forma de expressão partir da qual responderá diante de toda exigência de uma "objetivação superior dessa realidade" (Lacan, 1938/2003, p.34). Para o jovem Lacan, a imago se estabelece como causa no domínio do psiquismo.

Nesse sentido, qual seria a função da imago do pai? A criança que se encontra presa na trama das identificações com o outro precisa de uma alteridade que lhe possibilite romper com este cosmos narcísico possibilitando-lhe a socialização. Nesta sociedade paternalista a imago paterna converge, segundo termo empregado por Lacan, tanto a repressão da sexualidade, que forma o supereu e o estabelecimento do ideal de eu, quanto a produção de uma vetorização, uma orientação sublimatória e criativa socialmente falando dos impulsos reprimidos.

Lacan considera que à medida que este pai declina cada vez mais, surgirão outras formas de sofrimento (formas de exteriorizar a apreensão do mundo pelo sujeito) as chamadas neuroses caracteriais, neuroses narcísicas as quais carregam em seu cerne o drama de como o sujeito passa a ser visto e reconhecido fora do âmbito familiar. Nessa lógica, em uma certa medida, o complexo de Édipo se apresenta claudicante, porquanto dependente de uma família instável que se altera a partir de sua inserção em um contexto sócio-político-econômico-histórico. Podemos constatar que Lacan, de forma ousada apresenta o pai como uma variável sócio-histórica e como variável é plausível que o valor da imago efetivamente decline da mesma forma como se dá na família conjugal, visto que esta se encontra dominada pelos laços matrimoniais administrados por uma figura de pai cuja autoridade é cada vez mais comprometida.

Certamente, o “declínio da função social do pai” é apresentado no texto *Os complexos familiares* por Lacan demonstrando que a função de transmissão da cultura outorga à família um valor principal para a constituição do sujeito. Lacan admite que a família está certamente no centro da crise psicológica entretanto, nos adverte quanto aos excessos de uma possível inflação imaginária do *pater familias* e nos insta a não concedermos uma excessiva importância à sua carência, pois importante em psicanálise é a função de exceção que o pai deve cumprir. Para efetivar uma distinção entre as figuras e os papéis sociais do pai e a função que a psicanálise lhe atribui, Lacan nos fala do *é-pater*, que significa quebrar a pata ou o pé e também espantar. Tais atributos nos apontam ao pai-sintoma, submetido à lei da castração, mas que também se constitui modelo (não um ideal) de solução para a questão da castração tomando uma mulher como objeto causa do seu desejo. (Vidal, 2005).

Em Freud, todo sujeito é resultante do Édipo uma trama na qual o sujeito adentra de acordo com um preço, o preço da limitação, da castração para a qual deve consentir. O sujeito não é resultado de si mesmo, mas de um complexo que o antecede e que lhe servirá de arrimo para o destino de sua libido. A geração anterior por meio de seus discursos e de suas figuras constituirá para o sujeito uma constelação pela qual se deixa cativar, tanto em termos de conquista como em termos de encantamento, e para a qual certamente precisará responder seja no sentido de sua continuidade ou de ruptura.

Desta feita, Freud dá como resposta à questão proposta pelos histéricos de o que é um pai? uma declinação do pai. Em nosso terceiro capítulo podemos constatar que Freud

declina o pai sedutor traumático, o pai impotente, o pai edípico, o pai da horda e outros tantos. Para Freud o pai, sem dúvida é um significante múltiplo e, portanto equívoco, ou equívoco porquanto múltiplo. Pelo simples fato de se perguntar “o que é um pai?” todos os indicadores associados à paternidade, sejam eles biológicos, sociológicos, jurídicos, são questionados a partir do momento que o próprio sujeito é convocado a falar sobre o que é um pai para ele. Assim sendo, a declinação do pai para cada sujeito comportará em psicanálise um declínio do pai.

Lacan estabelece um declínio relativo ao pai em psicanálise ao não universalizar a função paterna na estruturação do sujeito. Posteriormente, dirá que a função de exceção que o pai freudiano representa poderá ser exercida por outros nomes. Nesse sentido, a psicanálise apresenta uma concepção de declínio que não pode ser confundida com a visão sociológica da questão. O modelo edípico é carcomido a partir de Totem e Tabu posto que no mito o pai se apresenta não somente como pai edípico mas um pai da horda, um pai que desestabiliza a estrutura, um pai impactante.

Se em Freud não há subjetivação sem uma construção do pai, por outro lado, Lacan fez do pai uma declinação de uma função que pode ser ocupada por outros significantes. Lacan dele se serve para levá-lo ainda mais adiante, pois tornou a própria função do pai como relativa e contingente.

Freud considera que há usos diferenciados do Édipo no tocante ao amor pelo pai, visto que a psicanálise visa liberar o sujeito de uma nostalgia infantil do pai de modo que possa servir-se dele de outro modo, que não pela via da submissão amorosa. Lacan assim como Freud concebe, poderíamos dizer que o amor ao pai, pode conduzir o sujeito a imitá-lo e esta imitação poderá fazê-lo querer tomar o seu lugar, não sem um preço a pagar. A culpa e o remorso seriam esta moeda de troca como bem se vê em Totem e Tabu. Da mesma forma, não se trata de uma superação ao pai, mas poder dele se servir a fim de construir uma diferença. O pai enquanto função excetua-se à lei, não no sentido tácito de transgressão, mas ao correr o risco de interpretá-la colocando algo de seu.

Segundo Vidal (2205) ao explorar a homofonia com Nom-du-Père, Foucault intitulou *Le ‘non’ du père*, *O ‘Não’ do Pai* (1962), sua resenha do livro Holderlin e *A Questão do Pai* (1961), de autoria de Laplanche, fazendo assim circular um tema recorrente hoje no

senso comum: o pai é aquele que diz não, que proíbe. Entretanto, o pai apresentado por Lacan é um pai que também diz sim e que considera a infração do código. Para Miller, o pai é o que estabelece a lei, mas também é aquele que a transgride “e o faz para vocês, pois reconhece os casos particulares” (Miller, 1999, p. 39).

Para Legendre assim como para seus seguidores a paternidade atual apresenta-se frágil e, portanto, necessita ser garantida por uma montagem institucional. O impacto da ciência e da tecnologia sobre as sociedades ocidentais estaria provocando aquilo que Legendre denomina como “deslastre dos fundamentos”. Nesse sentido, o motor da modernidade ocidental é a promoção narcísica do sujeito, no sentido de que ele passa a ser concebido como fundador de si mesmo conforme delineamos no quarto capítulo.

Nessa perspectiva, no quinto capítulo exploramos a questão do declínio na atualidade e surgem as análises de psicanalistas atuais. No que pese que os autores considerem a vulnerabilidade sócio-cultural da figura paterna e a sua importância na constituição psíquica do sujeito, constatamos que tais análises não são unânimes. A unanimidade limita-se em afirmar a importância da função paterna como estruturante do sujeito como tal.

Compreendemos que para cada época um determinado referencial científico, político social e econômico constitui o arcabouço epistemológico para explicar as expressões do sofrimento psíquico. A análise de Lacan a respeito da sociedade moderna, estabelecida nos frágeis valores econômicos os quais ecoam na família contemporânea dá voz a psicanalistas atuais que se debruçam sobre o estudo das mutações culturais.

Psicanalistas como Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun são as testemunhas de grandes revoluções e do declínio da Europa com a decorrente ascensão da potência americana tanto em termos econômicos quanto tecnológicos. Assim sendo, o discurso a respeito do advento da mutação cultural e do neoliberalismo está na base de suas produções e de seus ensinamentos.

A mutação cultural proclamada por Melman e repetida por Lebrun nos sugere a promoção de uma alteração direta no real clínico, enveredando para consequentes mutações subjetivas no complexo de Édipo. Tais mudanças colocariam em questão tanto o modo como as estruturas psíquicas se constituem quanto uma nova maneira do sujeito responder à castração.

Ainda que Melman e Jean-Pierre Lebrun (2003; 2009) refiram-se em seus textos a uma remissão às leis da linguagem, a noção de Édipo fundamenta-se em referências utilizadas por Lacan durante sua fase durkheimiana de estudos e ao lugar concedido ao pai de família.

Podemos observar, apesar da constante negativa por parte destes psicanalistas, uma certa nostalgia ao abordar o tema do patriarcado e um apelo ao reconhecimento, por parte do meio social, da função paterna exercida no domínio privado. O escopo da presente pesquisa não contempla a verificação e a análise de tal proposição, porém não podemos deixar de sinalizar algumas reflexões decorrentes de tal posicionamento.

O sintoma do qual o sujeito se queixa não pertence ao campo do objetivo, visto que antes de mais nada, segundo a visão da psicanálise constitui-se como inseparável da posição do sujeito, da avaliação que faz sobre a sua vida e da avaliação que faz sobre si mesmo. Ao situar a origem de um sintoma na prevalência de elementos externos, o sujeito encontra-se nesta visão em estado de alienação em relação ao seu estatuto. A este elemento externo seria conferido o lugar de mestre, caracterizando-se como elemento de significação do sujeito e não pelo sujeito.

Vale lembrar que Lacan em seus primeiros trabalhos buscava respostas para a constituição subjetiva e a psiquiatria até então, alicerçava-se em duas grandes linhas para explicar a personalidade do sujeito. Uma considerava a personalidade assentada no organismo conferindo ao psiquismo o estatuto de um objeto e ligado, portanto, a uma ciência natural. A outra estabelecia a personalidade a partir de características, como resultado de uma produção de sentido e, portanto mais afeita às ciências de tipo interpretativas. Tanto uma quanto a outra teoria baseava-se na determinação do sujeito por um elemento externo a ele.

Ainda que pese uma certa consideração do plano orgânico Lacan efetiva uma teoria outra contrária a qualquer tentativa de naturalização do psíquico. Seu posicionamento está explicitamente anunciado ao desenvolver suas concepções de complexo no qual a noção de família é deslocada da realidade para uma rede de relações que por sua vez, é percebida e registrada de maneira muito peculiar pelo sujeito.

Em sessão, ao analista cabe localizar e descortinar o sentido particular atribuído pelo sujeito e a decorrente posição por ele assumida frente às situações experienciadas. Ao tratamento analítico, portanto, não interessa o registro objetivo de uma experiência e nem as figuras da realidade, mas de que forma o sujeito avalia o que ocorreu e como ele se posiciona na trama relacional. Como a psicanálise considera a disjunção entre o domínio dos fatos e o domínio dos afetos, não “con-funde” o mundo dos sentidos com o mundo natural ou da realidade. Nesse sentido, não há determinação direta do mundo mental pelo mundo físico. Freud e seus primeiros trabalhos estão aí para nos confirmar esta premissa.

Lacan considera os efeitos de uma economia capitalista sobre a imago paterna e sugere efeitos psicológicos decorrentes, entretanto, é preciso estar atento a não se deixar levar no sentido de uma redução do sujeito a um efeito passivo de causas históricas, políticas, econômicas ou sociais. Se assim fosse, o sujeito não passaria de uma entidade subordinada e dependente.

Sem dúvida, o sujeito psíquico nasce a partir de uma estrutura à qual possui um caráter formador e, como tal estabelece um conjunto de regras de funcionamento intrínsecas. No entanto, qualquer leitura que enseje uma padronização e estereotipia de funcionamento ou mesmo a prevalência de um dos elementos desta trama sobre os demais (quer seja por causa histórica, social, etc.) corre o risco de colocar em jogo a exclusão do sujeito como alguém que é capaz de responder pelo que faz.

Cabe ressaltar que para o sujeito sempre haverá um resíduo desta trama que jamais lhe será articulável, e que, portanto, fugirá ao seu controle ou ao controle de qualquer instância que lhe seja externa. Nesse sentido, a ligação do sujeito a este resto inapropriável sempre será de cunho passivo. Assim sendo, o sujeito sempre estará colocado diante de limites: o seu infinito desencontro com o objeto de seu desejo e sua condição de desamparo. Ao usar o conceito de desamparo, Safatle (2015) tem em vista que o sujeito é cindido estruturalmente e desamparado. O filósofo coloca em evidência aquilo que para a psicanálise já estava implícito: o desamparo é estrutural e constitutivo do sujeito.

Muito embora o sujeito em análise apresente-se ao analista como um efeito de uma trama, o tratamento analítico visa a desidentificação, um processo de desestagnação

das identificações imaginárias decorrentes. E nesse contexto, é necessário que o sujeito se responsabilize por aquilo que o causa.

Isto posto é importante estar atento para práticas psicológicas e psicanalíticas que compreendam como necessário conduzir o sujeito a algum tipo de normatização, padronização visando o soerguimento da figura social do pai visto que todo movimento voltado para um reconhecimento sugere certa exigência de fixidez e de coerência, que por sua vez pode conduzir a uma fixidez de identidade.

Nesse sentido, a identidade deve ser encarada a partir de dois pontos - historicidade e contingência - como afirma Lara Junior:

(...) a identidade deve ser encarada como pontos de apego temporário às posições-de-sujeito em que as práticas discursivas constroem para os membros de um grupo. Por isso, destacamos que dimensões da vida psíquica ganham seus contornos em processos de constituição da identidade coletiva por meio da historicidade e a contingência. Sobre a historicidade pode-se entendê-la quando refletimos sobre como, através do tempo, a identidade se tornou o que é hoje. Não se trata de reviver o passado como uma fantasia de algo cristalizado e já acabado, mas sim como algo que fortalece o sentido atual da identidade, auxiliando em sua sustentação que será sempre provisória e cambiante. A contingência remete a um estado temporário que oportuniza a aparição da identidade e “precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall, 2000, p. 109) (Lara Junior, 2017, p.560).

E enfatizamos a última frase: “... mas sempre com possibilidade de se transformar ou de desaparecer”. (Lara Junior, 2017, p.560)

Não temos dúvida de que efeitos do discurso capitalista tenham algum reflexo sobre as subjetividades contemporâneas. Entretanto, o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, o sujeito barrado. Um sujeito do inconsciente que é conhecido em função de seus efeitos, de seus movimentos e não em função de uma consistência identitária. Todos os laços sociais colocam em questão o sujeito do inconsciente, o \$ figura nos quatro discursos propostos por Lacan.

O fato de que os lugares sejam ofertados pelo capitalismo não determina de antemão que o sujeito os ocupe. Se o contrário é proposto por alguma vertente “psi”, poderíamos pensar que as resistências supostas em psicanálise ao invés de estarem do lado do sujeito possam estar no lado do psicanalista.

Iniciamos nossa pesquisa a falar dos sintomas e uma das características do sintoma é que possa dar um sentido aos eventos insensatos da vida do paciente. A função do pai poderíamos dizer, é dar um sentido aos significantes pululantes no complexo familiar. Ao falarmos em sentido não nos referimos à significação, mas como orientação, direção, o pai que impulsiona um desejo, em sua última versão, aquele que orienta a estrutura edípica.

Ainda como consideração final não podemos deixar de lembrar que a cultura constitui um dos resultados da ação do recalque, conforme o próprio Freud nos apontou⁴⁹ e, a qualquer ação de recalque corresponde um retorno do recalcado. Assim sendo, se o pai na cultura atual de alguma forma é colocado porta fora será certamente, de alguma maneira, chamado a voltar pela janela.⁵⁰

A presente pesquisa apresenta limitações como, por exemplo, a falta de um capítulo sobre a tese do declínio segundo a mirada de autores como Michel Tort e Marcos Zafiropoulos, representantes da segunda corrente de pensamento. Outro exemplo de limitação se refere à ausência de vários autores que possivelmente tenham contribuído por seus aportes teóricos, à formulação da tese do declínio por parte de Lacan. Muitos não foram objeto de estudo visto que o escopo desta pesquisa seria ampliado de maneira significativa.

Focamo-nos sobre o aspecto teórico, não cabendo neste momento desenvolver a temática do manejo clínico. Nesse sentido acreditamos que os próximos passos a serem dados em termos de pesquisa consistirão em analisar de que modo o declínio da função

⁴⁹Por sua vez, Lacan nos diz ulteriormente no seminário “Sobre as formações do Inconsciente” que o lugar da função paterna é de fato uma condição intrínseca da cadeia significante: “(...) a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode materializar-se sob diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante.” In: Lacan, J. (1999). O Seminário – livro V- Sobre as formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1958).

⁵⁰ Imagem consagrada no Homem dos ratos.

paterna incide sobre os ditos “novos sintomas”; refletir sobre o setting analítico a partir desse contexto e investigar sobre o manejo clínico em nossa prática cotidiana.

8. REFERÊNCIAS

- Araújo, R. P. (2011). *Um estudo crítico sobre o chamado “declínio da função Paterna” na clínica do caso e no social*. In: VI Congresso Nacional de Psicanálise e XV Encontro de Psicanálise da UFC, Fortaleza. O Psicanalista, sua clínica e sua cultura, v.1. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/48.pdf>, 2011.
- Assoun, P-L. (1993) Freud et les sciences sociales: psychanalyse et théorie de la culture. Paris: Armand Colin, 2ª ed., 2008.
- Aulagnier-Spairani, P. (1967) La feminité et ses avatars. In: *Le désir et la perversion*. Paris: Seuil.
- Birman, J. (2000). A psicanálise e a crítica da modernidade. In: Org.: Herzog, R. *A Psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006a) *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006b). *Arqueologia da passagem ao ato*. In: Org.: Bastos, A. *Psicanalisar hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Birman, J. (2009). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boni, J.J.O. (2010). *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Mestrado em Psicologia Clínica.
- Carvalho, G. M. M. (2013). O Nome-do-Pai na contemporaneidade: a violência na relação do sujeito com a falta. *Rev. Mal-EstarSubj*, Fortaleza , v. 13, n. 3-4, p. 555-572, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200005&lng=pt&nrm=iso. (Acessado em: 10/05/2018).

Correia, A. C. R. (2018) *Mutações culturais, mutações subjetivas: uma leitura de Charles Melman*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Mestrado em Psicologia.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa online (2018) Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. (Acessado em: 15/04/2018).

Dockhorn, C. N. B. F. & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia Clínico-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 529-535. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n4/1806-3446-ptp-31-04-00529.pdf>. (Acessado em: 15/05/2018).

Dufour, D. (2003/2005). *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Original de 2003)

Dunker, C. I. L. (1998). Autoridade e Alteridade. *Interações* (Universidade São Marcos Brasil). v.1. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/265319280_Autoridade_e_Alteridade.pdf (Acessado em: 15/04/2018)

Dunker, C. I. L. (2015a). Notas sobre aula sobre A Tese de 1932 (Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade) de Jacques Lacan – 29/12/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0h_XnFaH8uU. (Acessado em: 15/05/2018).

Dunker, C. I. L. (2015b) *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo.

Dunker, C. I. L. (2017) Declínio da função social da imago paterna na contemporaneidade. *Falando nIsso* 153, em 29 de out de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wd90pqiM0gs>. (Acessado em: 20/05/2018).

Durkheim, E. (1892/1975). La famille conjugale. Les classiques des sciences sociales. Disponível em : http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_2/famille_conjugale.html, 1975. (Acessado em: 05/04/2018)

Figueiredo, L. C. (2003). *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Editora Escuta.

- Fleig, M. (2008). O pai moderno dilapidado: efeito do declínio do modelo patriarcal. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Ed. 267, 04 ago 2008. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2001&secao=267. (Acessado em 20/05/2018).
- Foucault, M. (1962/2002) O 'Não' do Pai. In: *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. RJ, Editora Forense Universitária.
- Freitag, B. (1988). *A Teoria crítica: ontem e hoje*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Freud, S. (1908/1996). *Moral Sexual Civilizada E Doença Nervosa Moderna*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-09-1906-1908.pdf>
- Freud, S. (1905/1996). *Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-07-1901-1905.pdf>
- Freud, S. (1912/1996). *A dinâmica da transferência*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-12-1911-1913.pdf>
- Freud, S. (1913-1914/1996). *Totem e Tabu e outros trabalhos*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>
- Freud, S. (1914/1996). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 14).

Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>

Freud, S. (1924/1996). *O problema econômico do masoquismo*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-19-1923-1925.pdf>

Freud, S. (1926/1996). *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-20-1925-1926.pdf>

Freud, S. (1927/1996). *O futuro de uma ilusão*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

Freud, S. (1932/1996). *Conferência XXXII. Ansiedade a vida instintual*. In J. Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf>

Hall, S. (2000). Quem precisa da Identidade? In: Silva, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes

Hegel, G. W. F. (2002). *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Edição revisada, Vol. único. Petrópolis, Vozes.

Horkheimer, M. (1936/1990). La familia y el autoritarismo. In La familia. Traducción de Jordi Solé-Tura. Barcelona: Lito-Fisán.

- Horkheimer, M.(1990). Autoridade e família. In: Horkheimer, Max. *Teoria Crítica I*. Tradução de Hilde Cohn. São Paulo: Edusp. (Original publicado em 1936).
- Julien, P. (1997). *O manto de Noé. Ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Editora RevinteR.
- Kuper, A. (2005). Histórias alternativas da antropologia social britânica etnográfica, *Etnográfica*, vol. 9, núm. 2, pp. 209-230. Lisboa: Portugal.Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=372340336001>> ISSN 0873-6561 (Acessado em: 27/01/2018)
- Lacan, J. (1946/1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. Tradução Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1946)
- Lacan, J. (1949/1998). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Tradução Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1936/1998). Para-além do princípio de realidade. Tradução Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1936)
- Lacan, J. (1938/2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. Ensaio de análise de uma função em psicologia. In: *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcos André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1938).
- Lacan, J. (1932/1987) Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. (Original de 1932)
- Lacan, J. (1960/2005). Discurso aos católicos In: *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1960)
- Lacan, J. (1956-57/1995). *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente proferido em 1956-1957)

- Laplanche, J & Pontalis, J. B. (2001). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche-vocabulc3a1rio-de-psicanc3a1lise.pdf> (Acessado em 03/04/2018)
- Lara Junior, N.(2010) *A mística do MST como laço social*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorado em Psicologia Social. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17400/1/Nadir%20Lara%20Junior.pdf> (Acessado em 09/09/2018).
- Lara Junior, Nadir. (2017). Estudo da Identidade Coletiva de uma Comuna Urbana de Porto Alegre. *Revista Psicologia Política*, 17(40), 552-568. Recuperado em 08 de março de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300009&lng=pt&tlng=pt
- Lasch, C. (1986) *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense.
- Lasch, C. (1977/1991). *Refúgio num Mundo sem Coração. A Família: Santuário ou instituição sitiada?* Trad. Ítalo Tronca e Lúcia Szmrecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lasch, C. (1979/1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda..
- Lebrun, J. P. (2001/2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lebrun, J. P. (2008) *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lebrun, J. P. (2010) *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC EDITORA.
- Lukes, S. (1975). *Émile Durkheim: Sua Vida e Trabalho. Um estudo histórico e crítico*. Londres: Penguin Books.
- Lustoza, Rosane Zétola, Cardoso, Mauricio José d'Escragnolle, & Calazans, Roberto. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão.

- Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 201-213. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003> (Acessado em: 07/03/2018).
- Melman, C. (1987/2000) O porver (II). In: *Clínica psicanalítica: artigos e conferências*. Tradução de Leda Mariza Fischer Bernardino. Salvador: Ágalma. (Original de 1987)
- Melman, C. (2003a) [L’homme sans gravité. Português]. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*; entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Melman, C. (2003b) *Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Melman, C. (2006) Retorno a Schreber: Seminário 1994-95 – Hospital Henri Rousselle. Tradução de Conceição Beltrão Fleig. Porto Alegre: CMC.
- Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Miller, J.A. (1984). Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. Traduzido de “Lecture critique des “complexes familiaux” de Jacques Lacan.” *La Cause freudienne* Nº 60 (Juin 2005), pp. 33-51. Opção Lacaniana. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf> (Acessado em: 09/09/2018).
- Ogilvie, B. (1987/1991) *Lacan - A formação do conceito de sujeito (1932-1949)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Oliveira, R. M. R. *O uso do conceito de gozo em psicanálise nos estudos dos laços sociais*. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/285.%20o%20uso%20do%20conceito%20de%20gozo%20em%20psican%C1lise%20nos%20e%20studos%20dos%20la%C7os%20sociais.pdf Acesso em 08 abril 2019
- Ovídio. *As Metamorfoses*. Trad.: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- Pereira Junior, A. (1988) *O princípio da causalidade em Meyerson*. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Alfredo_Pereira_Junior/publication/305719273

_O_Principio_da_Causalidade_em_Meyerson/links/579b70dc08ae80bf6ea340b6/O-Principio-da-Causalidade-em-Meyerson.pdf?origin=publication_detail (Acessado em: 05/01/2019)

Rudge, A. M. (2006). As teorias do sujeito contemporâneo e os destinos da psicanálise. In: *Traumas* (pp. 11-22). São Paulo: Escuta.

Ruffino, R.(2014). Em torno do conceito lacaniano de declínio social da imago paterna. In: Colóquio de Psicanálise com crianças do Instituto Sedes Sapientae. P. 159-198, São Paulo. *Anais do III Colóquio de Psicanálise com crianças: onde está o pai?* Desafios da atualidade na clínica com crianças. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise_crianca/coloquio2014/images/A_nais_IIIColoquio_2014.pdf. (Acessado em: 10/11/2018)

Safatle, V. (2005). Depois da culpabilidade. In. *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. Org. Christian Dunker, José Luiz Aidar Prado. São Paulo: Hacker, Editores.

Safatle, V. (2015) *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: CosacNaify

Sisnando, A. U. (2005). A figura da Consciência de Si na Fenomenologia do Espírito. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, ano 2, nº 03, (2005). Disponível em: <http://revista.hegelbrasil.org/ano-2-n-03-dezembro-de-2005/> (Acessado em: 03/05/2018).

Souto Maior, H. P. (2005). Durkheim e a família: Da Introdução à Sociologia da Família à Família Conjugal. *Revista Antropológicas*, ano 9, vol.16(1),2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25666064-Durkheim-e-a-familia-da-introducao-a-sociologia-da-familia-a-familia-conjugal-1-heraldo-pessoa-souto-maior-2.html>. (Acessado em: 15/07/2018)

Tannous Jorge, H. (2016). *A filosofia da ciência de Émile Meyerson em primeiras teorizações de Jacques Lacan*. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Mestrado em Psicologia. Disponível em:

<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1633/1/hugotannousjorge.pdf> (Acessado em 01 /04/2018)

Trillat, É. (1991) *História da Histeria*. Trad. Patricia Porchat. São Paulo: Escuta.

Vidal, P. E. V. (2005). *Declinando o declínio do pai*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Doutorado em Teoria Psicanalítica. No prelo.0

Xavier, H. V. S. (2017). *Constituição psíquica e psicopatologia nos textos do “jovem Lacan*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Mestrado em Psicologia.

Zafiropoulos, M. (2002). *Lacan y las ciencias sociales, La declinacion del padre* (1938-1953). Buenos Aires: Nueva Visión.

Zafiropoulos, M. (2003). Le déclin du père. *Topique*, no 84(3), 161-171. doi:10.3917/top.084.0161 (Acessado em: 06/06/2018)

Zafiropoulos, M. (2014). *Do pai morto ao declínio do pai de família. Onde vai a psicanálise? Ensaios de antropologia psicanalítica. I – clínica da cultura*. Paris: Presses universitaires de France. (Original em francês: Du père mort au déclin du père de famille: Où va la psychanalyse?).